

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

PORQUE AMAMOS  
LIVROS

# conexão Literatura

Fevereiro/2022

nº 80

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM

# Bert Jr.

AUTOR DO LIVRO EU CANTO O ÍPSILON E MAIS



ENTREVISTAS COM ESCRITORES  
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS



# SUMÁRIO

FEVEREIRO DE 2022

Editorial, por Ademir Pascale, pág. 03  
Entrevista com o autor Bert Jr., pág.05  
Poema: Noturna, por Bert Jr., pág. 11  
Espécies esquisitas ameaçadas, por Bert Jr., pág. 12  
Poema: Amor em palavras, por Wanda Rop, pág. 16  
Poema: Tempo de renascer, por Wanda Rop, pág. 17  
Dicas para leitura, pág. 18  
Anita Malfatti: antes deles, ela já era moderna, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 19  
Eu e o meu demônio colorido, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 24  
Poema: O elevador social está quebrado, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 30  
Resenha: Amores improváveis, por Rafael Botter, pág. 33  
À hora e a vez da literatura, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 36  
Mefistófeles Andrógino..., por Vera Lucia Alves Mendes Paganini, pág. 40  
Senso incomum, Zé Cueca e delírios, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 44  
Poema: Furacão, por Antonio Di Bianco, pág. 50  
Críticas e comentários sobre alguns livros escritos por Fernando Luiz dos S. Chaves, pág. 51  
Crônica 2022, por Mônica Palacios, pág. 55  
Crônica da chuva, por Mônica Palacios, pág. 57  
Espiritualidade, Filosofia, Literatura e Psicanálise em Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 59  
Poema: O som, por Alexandra Gomes dos Santos Matos, pág. 64  
Entrevista com o escritor Aristides Corbellini, pág. 65  
Entrevista com a escritora Bel Wells, pág. 68  
Entrevista com o escritor Felipe Heiderich, pág. 71  
Entrevista com a escritora Graziela Barduco, pág. 75  
Entrevista com o escritor Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 79  
Entrevista com a escritora Juliana Fernandes, pág. 85  
Entrevista com o escritor L. J. Freitas, pág. 88  
Entrevista com a escritora Marcela Alves de Moura, pág. 92  
Entrevista com o escritor Michael Ruman, pág. 97  
Entrevista com o escritor Neumar Silva, pág. 103  
Entrevista com o escritor R. W. Costa, pág. 107  
Entrevista com a escritora Tania Costa, pág. 110  
Conto: A fabulosa pantera da noite, por Ney Alencar, pág. 115  
Conto: Uma aventura insólita de certo Benjamin Abrams, por Ney Alencar, pág. 120  
Conto: Anna, a investigadora, por Clóvis Rezende, pág. 126  
Conto: Jandira e Audravio, por Fernando Gimenez, pág. 134  
Conto: Viagem sem passaporte, por Idicampos, pág. 137  
Conto: Noite de Percival, por Iraci José Marin, pág. 141  
Conto: A próxima missão, por Míriam Santiago, pág. 144  
Conto: A derradeira aparição do homem do saco, por Roberto Schima, pág. 149  
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 160

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores: [www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale - Agradecimentos aos patrocinadores desta edição - Imagens das páginas 59; 60 e 63: Homem-Aranha - foto divulgação

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse: [www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura

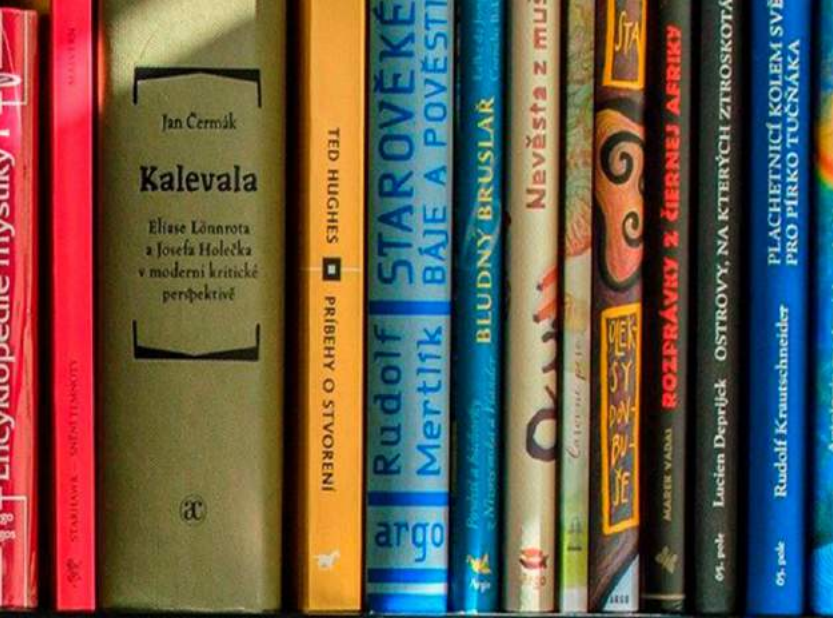


revistaconexaoliteratura



conexaonerd





# EDITORIAL

Bert Jr., autor do livro *Eu canto o ípsilon E mais*, é destaque da nossa edição de fevereiro. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele. O leitor também encontrará belos poemas, crônicas, contos, dicas de livros e entrevistas com escritores, além de dicas de novas antologias.

Para saber como participar da nossa edição de março/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— revista —  
conexão  
LITERATURA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**Ademir Pascale**  
Editor-chefe





**“O que me encanta na arte, especialmente na literatura, é a possibilidade de usar dos artifícios da linguagem e da cultura, de forma geral, para induzir uma aproximação entre o nosso eu e o eu do outro, entre o mundo interior e o exterior, entre o individual e o coletivo, entre o consciente e o inconsciente, num patamar elevado de síntese.” — Bert Jr.**





Bert Jr. – Foto divulgação

**B**ert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Acaba de lançar seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.

Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

## ENTREVISTA:

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Bert Jr.:** Comecei escrevendo poemas, na adolescência. Às vezes saía algum texto em prosa, mas era raro. Publiquei um livro alternativo de poesia, aos 19, e continuei a escrever por alguns anos. Depois, paulatinamente, essa atividade amadora de escritor foi sendo descontinuada. Passei bastante tempo absorvido com os assuntos da profissão de diplomata e com os relacionados à vida familiar. De repente, cerca de dois anos atrás, fui tomado pelo ímpeto de voltar a escrever. Curiosamente, o retorno se deu pela via da prosa. Quando vi, estava escrevendo contos de fundo humorístico, o que, inclusive, me



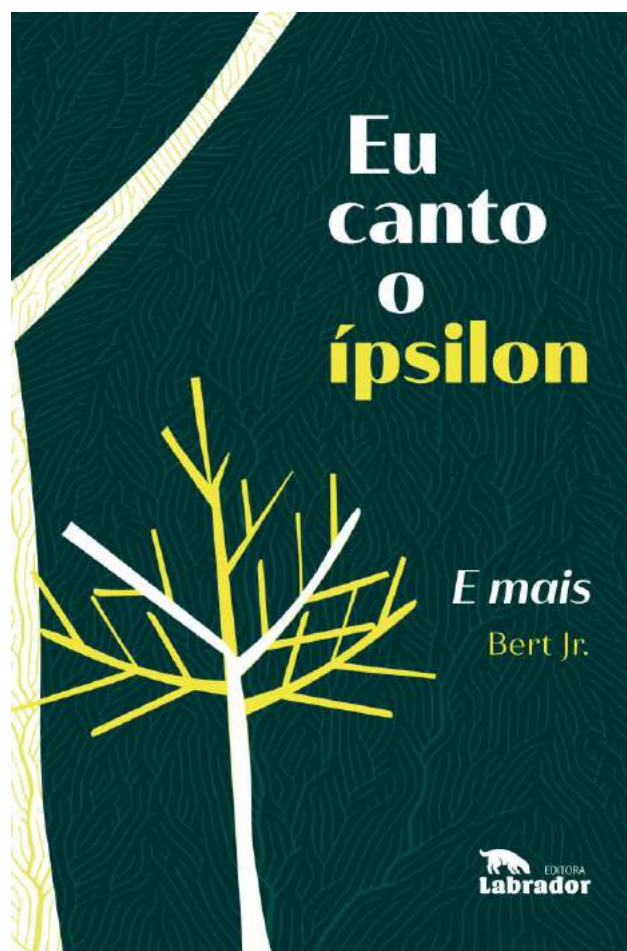
surpreendeu. Foi tudo muito rápido. Em pouco mais de dois meses eu tinha um livro pronto, intitulado “Fict-Essays e contos mais leves”, que foi publicado no fim de 2020.

**Conexão Literatura: Você foi premiado, aos 18 anos de idade, por um júri em que estavam Mario Quintana e Lya Luft, com os poemas “Platônica” e “Corrosiva”. Conte mais sobre essa premiação.**

**Bert Jr.:** Considero esse momento como o meu “batismo” na literatura. Em 1981, tive dois poemas premiados no maior concurso literário do Rio Grande do Sul à época, o “Habitasul-Correio do Povo Revelação Literária”. O júri para poesia tinha dois nomes de peso: Mario Quintana e Lya Luft. Eu era, e ainda sou, fã do Quintana. Na cerimônia de entrega do diploma de premiação, na sede do jornal Correio do Povo, em Porto Alegre, tive o prazer de receber um elogio diretamente do famoso poeta gaúcho, quem eu tanto admirava. Foi emocionante.

**Conexão Literatura: Você é autor do novo livro “Eu canto o ípsilon *E mais*”. Poderia comentar?**

**Bert Jr.:** Trata-se do meu primeiro livro solo de poesia e está dividido em três partes. A primeira corresponde ao longo poema “Eu canto o ípsilon”, que descreve a experiência de uma consciência individual, sensível diante do percurso da humanidade no mundo. Esse sentir-observar o mundo é permeado de elementos simbólicos, em que estão presentes referências históricas, religiosas e literárias. A segunda seção do livro, chamada “E mais”, traz uma seleção de poemas escritos ao longo dos anos, dedicados a temas diversos. A seção final, “Pós-Escritos”, é composta por dois poemas: “O ípsilon” e “Língua”. A primeira e terceira partes do livro guardam uma sintonia linguística e temática, pois seus poemas foram escritos recentemente, todos no mesmo período. No meu modo de ver, a segunda seção é envelopada pelas duas outras, sendo ela o miolo, ou a semente, de onde emerge a mensagem que unifica a obra, amadurecida na figura do ípsilon.



**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?**



**Bert Jr.:** Na verdade, “Eu canto o ípsilon E mais” resulta de uma depuração de leituras e vivências ao longo da vida. Não houve pesquisa, propriamente, com caráter de intencionalidade para gerar um produto, ou um resultado. A poesia flui em mim de um modo muito espontâneo, aleatório. É sempre um improviso - e também nisso se assemelha à música - o qual depois vai sendo lapidado pelas revisões do autor. Acredito que seja assim com a maioria dos poetas, porque a poesia não possui a linearidade da prosa, que permite ao escritor dar seguimento ao texto durante dias, semanas, meses... O poema mais longo do meu livro, “Eu canto o ípsilon”, com 10 páginas, foi escrito numa sentada só. O que não impede, claro, que um poema seja escrito ao longo de vários dias, ou semanas. Isso, inclusive, acaba de acontecer comigo, num outro poema, também longo, que fará parte do meu próximo livro de poesia. O que quero dizer é que a poesia, ao menos a que eu escrevo, tratando-se de uma escrita essencialmente intuitiva e espontânea, não possui a mesma capacidade de planificação que a prosa.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Bert Jr.:** Aqui vai um trecho do poema “Língua”, que está reproduzido na primeira orelha do livro:

num galope selvagem  
enfrene  
por terreno vasto  
cujos  
obstáculos conhece  
e salta  
como ninguém  
ou  
lânguida  
feito  
trança entre espáduas  
corrediça  
esguia  
reptílica

convém  
da tua  
cuidar sempre bem  
se não quiseres perder-te  
e a outrem  
no vai e vem  
de enunciados  
quais os dela  
provêm





**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Bert Jr.:** Para adquirir o livro, basta visitar o meu perfil no Instagram (@\_bertjunior) e acessar a minha “bio”, onde há um link para o site de venda na Amazon. Os interessados podem, também, encomendar o livro em várias das principais livrarias do país, como a Martins Fontes, Livraria da Vila, Livraria da Travessa, Loyola, entre outras. Lembrando que “Eu canto o ípsilon E mais” está disponível em ambos os formatos, impresso e digital.

Para conhecer o meu trabalho como escritor, pode-se, além do perfil no Instagram, visitar a minha página no Facebook (Bert Jr.) e o website: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Bert Jr.:** Sim. Concluí, há pouco, o original de um novo livro de contos, que já se encontra em avaliação por editoras. Estou bastante animado com esse projeto, cujas características são diferentes do livro anterior. De parecido, terá o humor presente na narrativa em vários dos contos. O que posso adiantar é que todos eles – predomine o elemento humorístico, onírico, ou sombrio – têm em comum o tema da alteridade,



projetando um olhar aguçado, muitas vezes irônico, sobre os relacionamentos interpessoais na sociedade contemporânea.

Também mantenho, como projeto para 2022, seguir escrevendo artigos de teor humorístico para as edições mensais da Revista Conexão Literatura. Confesso que penso na possibilidade de, futuramente, vir a reunir esses artigos em alguma forma de publicação.

**Conexão Literatura: Você vê o escritor contemporâneo como uma espécie de influenciador?**

**Bert Jr.:** Sim e não. Por um lado, a resposta é sim, pois os conteúdos artísticos têm, inegavelmente, um impacto junto ao público e podem gerar e/ou aprofundar reflexões sobre inúmeros aspectos da experiência individual e coletiva. Esse impacto pode, se bem trabalhado, ser amplificado por uma presença consistente nas redes sociais. Se, por outro lado, pretendemos que o autor exerça um papel que não é naturalmente o seu, então minha resposta é negativa. Por isso, deve-se precisar bem o que se quer dizer quando se estimula um autor a assumir o papel de influenciador. Se isso significa ocupar um espaço nas mídias sociais para trabalhar, fundamentalmente, com base em seus próprios conteúdos autorais, aí entendo que está tudo bem. É um caminho natural, e é isso o que procuro fazer no Instagram e Facebook. Mas buscar maneiras de atrair atenção que não se coadunam com as características e talentos do escritor, aí acho arriscado. É preciso ter cuidado para não acabar inventando um personagem distanciado da persona artística original, com a finalidade precípua de se tornar um influenciador.

**Conexão Literatura: O que representa a arte/literatura para você?**

**Bert Jr.:** O que me encanta na arte, especialmente na literatura, é a possibilidade de usar dos artifícios da linguagem e da cultura, de forma geral, para induzir uma aproximação entre o nosso eu e o eu do outro, entre o mundo interior e o exterior, entre o individual e o coletivo, entre o consciente e o inconsciente, num patamar elevado de síntese. A arte é também essa forma elaborada, refinada, de nos fazer degustar a vida, uma espécie de integração sensível de distintos sabores, propondo combinações e arranjos que nos levam a transcender a nossa forma tradicional de estar no mundo. É um transporte para uma dimensão em que somos re-humanizados, justamente porque, sem a premência do agir (instância soberana na vida corriqueira), nos é dada a possibilidade de fruir a experiência de uma maneira ao mesmo tempo mais adensada e compassada (“sentimento refletido e reflexão sentida”, na fórmula do poeta T. S. Eliot), sem que estejamos submetidos a uma polaridade tão aguda e dissociativa entre o sentir e o pensar/elaborar quanto a que nos impõe a vida prática.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: o do momento, no caso: “Claro Enigma”, de Carlos Drummond de Andrade



Um (a) autor (a): Guimarães Rosa (romance), Clarice Lispector (conto), e Drummond (poesia)

Um ator ou atriz: Cássia Kis e Wagner Moura

Um filme: Blade Runner

Um dia especial: hoje

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Bert Jr.:** Desejo ressaltar que tem sido um prazer colaborar com a Revista Conexão Literatura por meio de artigos, contos e poemas. Espero poder manter ativa essa colaboração ao longo do corrente ano, pois ela representa, para mim, um canal importante de contato com o público leitor.



**PARA SABER MAIS SOBRE O AUTOR E O LIVRO, ACESSE:**

[http://www.instagram.com/\\_bertjunior](http://www.instagram.com/_bertjunior)

<http://www.bertjr.com.br>



# NOTURNA

POR BERT JR.

sentados no muro  
a distância ainda existe  
e palavras se somam ao necessário

porém  
num dado instante as  
garrafas vazias de refrigerante  
são lunetas que aproximam  
nossos interiores

O poema “Noturna” faz parte do livro “Eu canto o ípsilon E mais”, que acaba de ser publicado pelo autor.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro Fict-Essays e contos mais leves. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Acaba de lançar seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.

Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



POR BERT JR.

# ESPÉCIES ESQUISITAS AMEAÇADAS

Acaba de ser noticiado que a ONG World Watchers over Weird Species (WWWS) irá divulgar, em breve, sua lista global de espécies esquisitas ameaçadas de extinção. Graças ao contato com uma fonte privilegiada, ela própria um tanto esquisita, obtive, em primeira mão, acesso ao capítulo brasileiro da lista da WWWS. Atenção, leitores, porque a informação que irei compartilhar poderá surpreendê-los e despertar sentimentos contraditórios.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro Fict-Essays e contos mais leves. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Acaba de lançar seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.

Instagram: [@\\_bertjunior](#). Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



Segue a lista do Capítulo Brasil de espécies esquisitas ameaçadas.

1. **Capiau-gorro-de-meia.** Faz algum tempo desde que foram registrados os últimos avistamentos dessa curiosa espécie de primata na periferia dos centros urbanos. Um dos fatores para sua previsível extinção são as mudanças ocorridas na confecção de meias, que já não se prestam para serem enfiadas na cabeça. Em tais circunstâncias, devido ao seu temperamento excessivamente tímido, o capiau-gorro-de-meia se sente exposto e desprotegido, o que tem prejudicado seriamente os complicados ritos de acasalamento da espécie. Certos observadores afirmam que o preço do tabaco, combinado com a escassez de folhas de palha, tem contribuído para levar o capiau à beira da extinção, já que fica cada vez mais difícil poder enrolar seu cigarrinho a todo momento todos os dias. Note-se que essa tese é vista com simpatia pela indústria dos cigarros e assemelhados. Felizmente, uns poucos espécimes de capiau-gorro-de-meia são mantidos em santuários, tais como programas de humor na televisão e vilarejos remotos em zonas rurais.
2. **Energuminosa-madrugadeira.** Espécie vegetal que se pode considerar já quase extinta. A radiação emanada dos meios modernos de comunicação e informação, sobretudo televisores e celulares, tem efeito inibidor sobre o crescimento e a proliferação dessa planta. Pessoas que costumavam tomar diariamente o chá da energuminosa-madrugadeira tiveram que descontinuar esse hábito e, embora guardem certa nostalgia, agora afirmam já terem alcançado o nível médio de dificuldade nas revistinhas de palavras cruzadas. Registre-se, por outro lado, que essas mesmas pessoas deixaram de madrugar e vêm chegando cada vez mais tarde no emprego.
3. **Aruquenga papa-pinto.** As disposições legais em vigor impedem as aruquengas de papar os pintos soltos por aí, ocasionando uma proliferação descontrolada de pintos não-papados e um conseqüente retardo em seu processo de maturação. Em tais circunstâncias, a subespécie papa-pinto da aruquenga está em vias de extinguir-se. Esse desequilíbrio na cadeia alimentar pode levar outra espécie a ocupar o posto como predadora de pintos. Tal tendência já começa a ser sentida e pode ser o caso, por exemplo, do que vem ocorrendo com a lobisgata-motoesportiva.
4. **Assédibus-curvicolante.** Espécie lubricamente híbrida, em que se misturam características de verme e de inseto, mas que pertence, de fato, à família dos aracnídeos. A recente modernização dos meios de transporte público nas grandes cidades tem sido a principal causa do desaparecimento do assédibus. Os corredores multimodais de transporte, onde veículos modernos trafegam com velocidade e lotação controladas, vêm fazendo diminuir a incidência desse ácaro gigante, que tinha seu habitat nos velhos ônibus de linha. A elevada velocidade e forte trepidação dos antigos veículos, reflexo de sua obsolescência física e do modo temerário de conduzir dos motoristas, eram fatores que levavam os assédibus-curvicolantes a despertar de seu estado latente para vitimar mulheres em geral, sobretudo aquelas em idade fértil.
5. **Tatu-catraca-monoungulado.** Tal como o assédibus, o tatu-catraca-monoungulado é uma espécie habitante dos antigos ônibus de linha. Seu nome deriva do fato de fazer sua toca sobre as catracas de ônibus e, também, de apresentar uma única

unha, de tamanho descomunal, em uma das mãos. Nessa espécie, o gene que determina o crescimento avantajado da unha do dedo mindinho é dominante; o recessivo resulta no crescimento da unha do polegar. Tal característica física do tatu-catraca é normalmente explicada como uma adaptação que facilita o manuseio das cédulas sebetas de dinheiro no momento de entregar o troco aos passageiros. Além disso, alguns pesquisadores acreditam que a unha crescida e afiada da espécie possa funcionar como arma, utilizada para impor respeito a viajantes desordeiros, ou dissuadir os malandros de se evadirem do veículo coletivo antes de pagar a tarifa devida.

6. **Sabião-de-boteco.** Ave cuja estratégia adaptativa é especializar-se em nichos de ócio tagarela. O sabião torna-se cada vez mais raro à medida que botecos e barzinhos, especialmente os sórdidos, entram em declínio e são empurrados para zonas suburbanas distanciadas do “agito social”. O metabolismo do sabião, cuja dieta se baseia em tiragostos e salgadinhos baratos, o capacita a reciclar energia a partir de bebidas alcoólicas. É especialmente ativo no período noturno, abundando em mesas onde a conversa gira em torno de política. Nesse contexto, costuma piar alto, podendo tornar-se agressivo. Sendo uma espécie muito territorial, pode acontecer de querer avançar sobre as mesas vizinhas valendo-se de sua maior arma: o blá-blá-blá etílico.

7. **Fumorcego-comensalícida.** Essa espécie de mamífero, para quem o ato de se alimentar deve ser acompanhado de fumaça, já foi uma praga combatida em escala mundial. Muito resiliente, aproveita toda e qualquer oportunidade para arruinar o prazer alheio com baforadas sub-reptícias, sobretudo nas ocasiões em que se deseja saborear uma boa refeição ou respirar o ar limpo da natureza. Com esse tipo de tática, a espécie tem logrado debilitar seus opositores e, surpreendentemente, vem reconquistando parte do território perdido. Embora sejam irritantes e constituam séria ameaça à saúde geral, os fumorcegos-comensalícidas podem parecer charmosos e sedutores, o que os torna ainda mais perigosos.

8. **Plagimodo-duplicandium.** Trata-se de um protozoário especializado em parasitar o cérebro de artistas, fazendo-os sentir como suas as obras dos colegas de profissão. O delírio provocado pela infecção plagimódica produz cópias completas ou parciais de originais alheios, em graus variáveis de literalidade. Tem-se registrado uma diminuição sensível da forma tradicional dessa espécie de parasita. Entretanto, uma nova variedade, identificada nos meios digitais, tem apresentado desenvolvimento preocupante. Sua curva de crescimento indica que essa variante poderá substituir, com vantagens adaptativas, a forma tradicional de plagimodo-duplicandium. Portanto, essa é uma espécie em situação peculiar, que deverá merecer atenção nos próximos tempos.

Caso você, leitor(a), tenha alguma informação que julgue importante sobre qualquer das espécies mencionadas, use o website da WWWS (filial Brasil) para comunicar o fato. Não que eu não queira intermediar esse contato, mas me ofereci como cobaia para testar a vacina do Instituto Tutantã contra a variante digital do plagimodo-duplicandium e, no momento, apresento reações colaterais preocupantes, como, por exemplo, a de duvidar que você esteja lendo este artigo até o fim.





Pacote Divulgação  
**PARA AUTORES**

**DIVULGUE O SEU LIVRO**

**G A R A N T A  
JÁ**

**POR APENAS R\$ 100**

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

**REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA**



**DIVULGUE**

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.



**DIVULGUE PARA + DE 150 MIL  
LEITORES**

**SAIBA MAIS**

E-MAIL: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# AMOR EM PALAVRAS

POR WANDA ROP

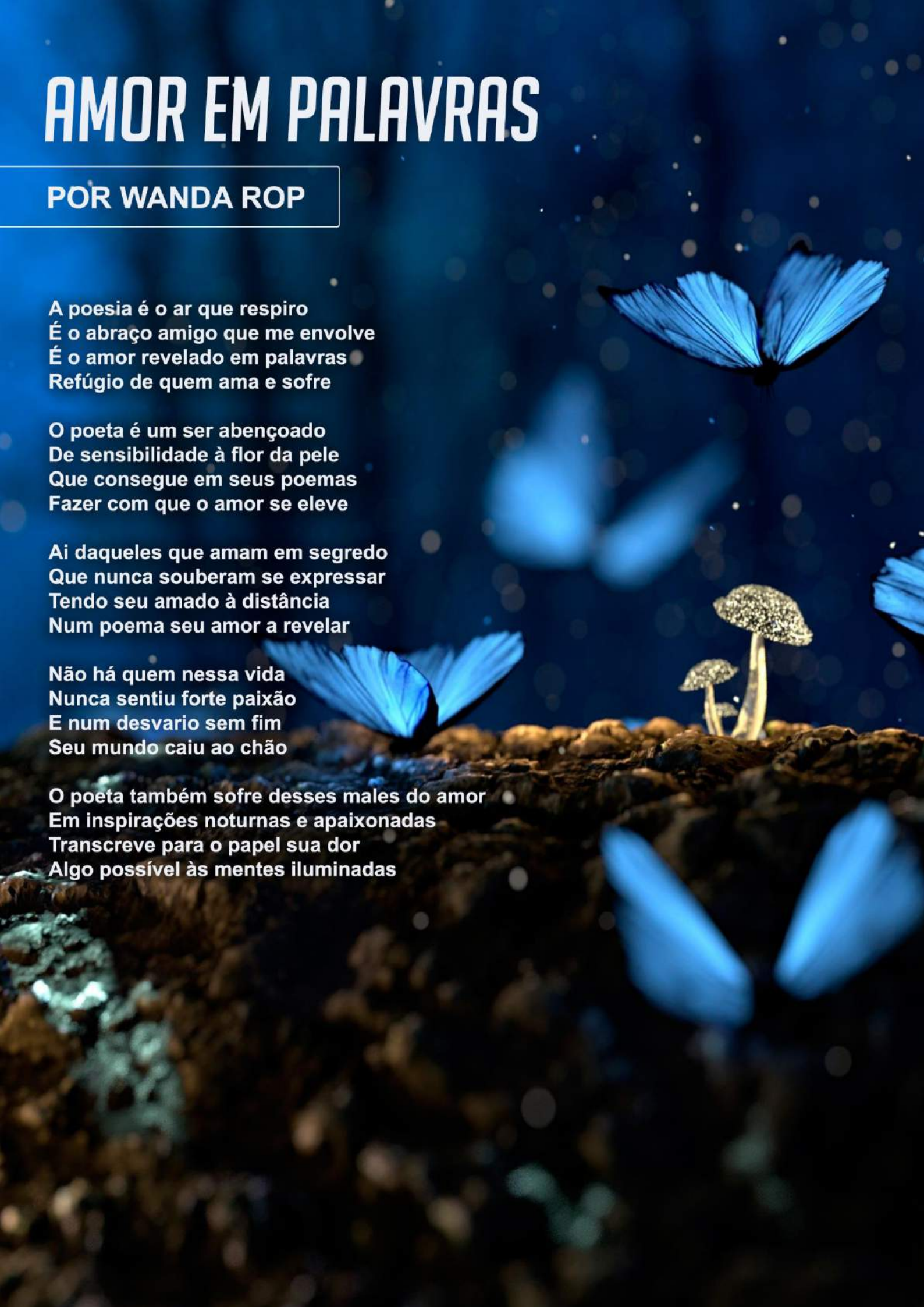
A poesia é o ar que respiro  
É o abraço amigo que me envolve  
É o amor revelado em palavras  
Refúgio de quem ama e sofre

O poeta é um ser abençoado  
De sensibilidade à flor da pele  
Que consegue em seus poemas  
Fazer com que o amor se eleve

Ai daqueles que amam em segredo  
Que nunca souberam se expressar  
Tendo seu amado à distância  
Num poema seu amor a revelar

Não há quem nessa vida  
Nunca sentiu forte paixão  
E num desvario sem fim  
Seu mundo caiu ao chão

O poeta também sofre desses males do amor  
Em inspirações noturnas e apaixonadas  
Transcreve para o papel sua dor  
Algo possível às mentes iluminadas





# TEMPO DE RENASCER

POR WANDA ROP

O melhor para um novo ano  
Paz, bênçãos e muito amor  
Que o ser humano seja consciente  
E solidário para extinguir a dor

Fazemos parte de um mundo egoísta  
Onde a riqueza é para poucos  
E a população sempre espera  
Um mundo melhor no ano novo

Que 2022 seja tempo de renascer  
Florescer a bondade no coração humano  
Que a luta e combate às desigualdades  
Façam parte de nossos planos

Que a irmandade aflore  
De Norte a Sul do Universo  
Que aceitar as diferenças  
Nos torne menos perversos

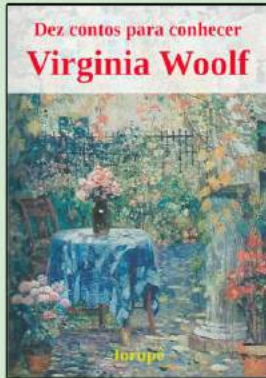
Oferecer nosso melhor  
E 2022 nos surpreenderá  
Com vibrações positivas e luz  
O amor ao próximo transcenderá

**Wanda Rop**, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Graduada em Filosofia. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap) com medalha Seller!



# DICAS PARA LEITURA

Porque amamos livros



**Dez contos para conhecer  
Virginia Woolf**

[clique aqui](#)



**Noites sombrias  
Contos de terror  
Ademir Pascale**

[clique aqui](#)



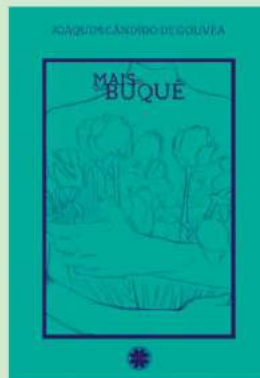
**Poemas ao Pôr do Sol  
Ademir Pascale - Org.**

[clique aqui](#)



**A bruxa de Telles  
L. J. Freitas**

[clique aqui](#)



**Mais do que buquê  
Joaquim Cândido de Gouvêa**

[clique aqui](#)



**Era uma vez um outono  
Roberto Schima**

[clique aqui](#)

“Os livros antigos ainda são novos para quem não os leu.”  
– Samuel Butler



POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

**ANITA MALFATTI:  
ANTES DELES, ELA JÁ ERA MODERNA**



Faço tudo mais leve na minha pintura de agora, há uma ausência completa do elemento dramático. Acabei com o sofrimento e com a dôr. E mais calma, alegre, contente, um pouco engraçada sem ser cômica nem trágica. Estou nas meias tintas, larguei de jogar com os grandes contrastes. (MALFATTI, 1925).

**A**nita Catarina Malfatti (1889-1964) foi uma das maiores expressões artísticas do Brasil. Considerada pioneira da arte moderna no país, antes que se anunciasse o movimento que ficou marcado como a Semana de Arte Moderna em 1922, que colocou os andrades e outros nomes de escritores como protagonistas do evento que seria até então, responsável pela introdução oficial do Modernismo nas letras brasileiras.

Anita nasceu em São Paulo, mas sua experiência artística foi norteadada pelas influências e vivências europeias. Anita foi a segunda filha do italiano Samuel Malfatti e Eleonora Elizabeth Krug. Viajou para a Itália em 1892 “para correção cirúrgica da atrofia na mão e no braço direitos. O sucesso da operação foi parcial.” (GREGGIO, 2013, p. 14), entretanto, isso não a impediu de desenhar e pintar seus quadros. Em 1901, perdeu o pai e a família mudou-se para São Paulo para viver na casa do avô materno. A mãe lhe ensinou as primeiras lições sobre pintura e línguas.

Em 1910 viajou para a Alemanha. Estudou pintura com vários pintores renomados, visitou exposições e voltou ao Brasil em 1914, ano em que realizou uma exposição individual sem muita repercussão. Os anos de 1915 e 1916 são apontados por Greggio (2013) como decepcionantes para a pintora, apesar de 1915 sua viagem aos EUA ser um desejo de família, pois queriam que ela completasse sua formação como professora de pintura e desenho. Matriculou-se na Independent School of Art, sob orientação de Homer Boss. No entanto, ao retornar ao Brasil suas pinturas impactantes, decepcionaram a família.

1917, apresentou a exposição dos seus quadros de pintura modernista. A recepção foi áspera e ela fortemente criticada por um dos mais influentes escritores brasileiros da época: Monteiro Lobato, o qual escreveu um artigo denominado “Paranoia ou mistificação?” publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 20 de dezembro de 1917 - ridicularizando seu estilo vanguardista.

Para Chiarelli (2008, p. 172), depois da crítica ferrenha de Lobato, alguns modernistas “em vez de se deterem nas razões da artista para tal reorientação, optaram por deslocar a atenção da obra para a crítica feita a ela. Assim, evitaram atentar para as razões intrínsecas à trajetória de Malfatti — que talvez explicassem com mais rapidez o seu processo de revisão —, e passaram a chamar a atenção para o teor da crítica escrita por Monteiro Lobato sobre a exposição protagonizada pela pintora, em dezembro de 1917”. Ainda para o pesquisador, a maneira pela qual a crítica se direcionou foi “apelando para uma argumentação desrespeitosa para com a artista — na época uma mulher que buscava a profissionalização e com experiência no exterior (o que não seria pouca coisa para uma mulher brasileira, com defeito congênito, na segunda década do século passado) —, transformaram essa profissional numa mulher apenas insegura, capaz de colocar entraves à sua própria produção a partir de uma crítica de jornal. Como se os índices precisos de sua reorientação não estivessem presentes na mostra que geraria a polêmica.”



Por outro lado, mesmo diante das críticas profundas de Lobato, em 1918 Anita participou da *XXV Exposição Geral de Belas Artes*; em 1920, realizou ainda uma segunda exposição individual no Clube Comercial de São Paulo, onde conheceu Mário e Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Tarsila do Amaral, o grupo que se intitulou *Grupo dos Cinco*.

Fevereiro de 1922, participou da Semana de Arte Moderna. Embora seus quadros ainda recebessem críticas dos artistas conservadores, suas obras eram apresentadas nos salões internacionais. 1923, ela viajou para Paris onde expôs suas pinturas no Solon d'Autonne; em 1926 – o governo francês comprou uma de suas obras; 1929 realizou uma grande mostra em São Paulo; 1930 enviou suas obras para exposição no Nicholas Roerich Museum, em Nova York. “Leciona no Mackenzie entre 1930 e 1932, depois no seu ateliê na casa da rua Ceará [...] Ainda em 1940, rompe com Mário de Andrade, a quem atribuíra a recusa da pintura *Época de Colonização* no Salão Oficial de Belas-Artes do Rio de Janeiro” (GREGGIO, 2013, p. 15).

De 1941 a 1963, viajou por algumas cidades brasileiras como Minas Gerais, expôs no MASP e participou da *I Bienal Internacional de São Paulo* em 1951 e em 1963 da *VII Bienal de São Paulo*. 1955 escreveu uma carta póstuma a Mário de Andrade. Faleceu em São Paulo em 06 de novembro de 1964.

Dentre as obras de Anita, pode-se exemplificar as mulheres no olhar expressionista e inovador dela:

- A amiga – Retrato de mulher (1915-1916);
- A boba (1915- 1916);
- Nu feminino (1915-1 916);
- A estudante russa (1915);
- A mulher de cabelos verdes (1915-1916);
- A chinesa (1921- 1922);
- La chambre bleue (1925);
- Toailete matinal (1925);
- Mulher do Pará (1927);
- Bahianas (1929-1930);
- Outras.

Nessas pinturas, Anita descreveu o corpo feminino em suas mais diferentes concepções incorporando e integrando uma das mais importantes séries de nus femininos em toda sua produção artística. Para Greggio (2013, p. 72) esse nu feminino corresponde ao “desenho da fase mais apreciada de Anita, é tido por muitos como o ponto mais alto de sua obra, quando, num processo de procura e elegância de traços sem nenhuma redundância, a artista vai aos poucos retirando “os excessos” e as sombras até chegar a uma única linha, um contorno, às vezes em uma linha contínua.”

Anita deu seu próprio contorno ao modo de desenhar o corpo feminino, desmistificando padrões conservadores ao demonstrar formas que hibridizaram aos elementos nacionalistas aos que (re) significaram o comportamento de mostrar a mulher do ponto de vista de um risco tecido pela mão de outra mulher. Sua trajetória de vida e de

artista plástica mudou a perspectiva não só da crítica de arte em torno de sua peculiaridade de pintar e de criar, mas também sua persistência em manter um estilo fora do padrão clássico/tradicional da arte – mesmo depois de todos os rechaços – que a colocou em um lugar no mais alto escalão da arte brasileira, em um tempo em que os homens permaneciam no protagonismo das mudanças de pensamentos culturais, ela garantiu com seu próprio modelo, convencer e provar de que uma mulher como ela foi capaz de mudar o modo de ver a arte em um país que estava aprendendo a conviver com sua própria identidade e valorização de sua própria cultura, transformando o valor estético a partir de seu lugar de fala.

Por isso, no ano de 2022 que data o centenário da Semana de Arte Moderna no Brasil, Anita deve ser a homenageada não apenas por ter suas telas ilustrando a essência que seria o novo movimento, mas, como a mulher que ousou primeiro encarar o conservadorismo e fazer-se moderna diante de toda tradição e promover as rupturas.

### Referências

CHIARELLI, Tadeu. Tropical, de Anita Malfatti: reorientando uma velha questão. **Novos estudos**, CEBRAP 80, p. 163- 167, março 2008.

GREGGIO, Luzia Portinari. **Anita Malfatti**. 1ª ed. São Paulo: Folha de São Paulo; Instituto Itaú Cultural, 2013.

MALFATTI, Anita. **Carta a Mário de Andrade**, 4 nov. 1925. (USP, Arquivo Anita Malfatti).

**Cristiane de Mesquita Alves** é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA/CNPq). Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).



RESENHAS

ANTOLOGIAS

HQS

ENTREVISTAS

LIVROS

VENHA PARA O LADO CULTO DA FORÇA

# CONEXÃO LITERATURA

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

INSTAGRAM: @REVISTACONEXAOLITERATURA | FACEBOOK: @CONEXAOLITERATURA  
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PORQUE AMAMOS LIVROS



POR GILMAR DUARTE ROCHA

# EU E O MEU DEMÔNIO COLORIDO





“Eu tenho um demônio em casa”, regozijava-me com os meus colegas da corretora todo santo dia. “O bicho está sadio, bonito, de pelos grandes, multicoloridos e arrepiados. Ele não me incomoda de forma alguma. É o meu bicho de estimação”.

O pessoal da corretora de valores, lugar onde eu trabalhava, pensava que eu estava de gozação ou havia perdido o juízo.

“Vá gozar com a cara de outro, Vespasiano”, dizia Arlindo, o meu companheiro de mesa.

“Vá procurar um médico, maluco. Minha mulher conhece um excelente psiquiatra”, recomendava, sardonicamente, Marco Polo, um funcionário sarcástico e de língua ferina.

“Seu caso é perdido, garoto Vespasiano. Qualquer dia desses você pula aqui do sétimo andar”, dizia até o senhor Moro, o decano da turma da corretagem, pessoa que eu julgava que tivesse algum tipo de juízo.

O meu chefe, Anísio, toda vez que passava por mim, olhava-me atravessado e nada dizia. Eu tinha absoluta certeza de que ele constava aqueles meus “delírios” de forma negativa no meu dossiê.

Conjecturas, iluminações e invidias à parte, eu vou contar-lhes como tudo isso começou.

Meu nome é Vespasiano do Amor Divino, órfão de pai e mãe e criado pela avó até os dezessete anos, quando tomei a decisão de abandonar a pequena cidade do interior de São Paulo, onde nasci e morei, e tentar a sorte na maior cidade da América do Sul. Queria me tornar rico. Não importasse o preço que eu tinha que pagar para alçar esse status social.

Ralei muito no início; cheguei a morar embaixo de uma marquise de um prédio comercial da Rua Augusta; arranjei um emprego numa lanchonete de quinta categoria no Largo do Arouche; economizei o que pude e que não pude para pagar um curso supletivo; entrei numa escola técnica de contabilidade e finanças e auferi, a muito custo, um canudo de operador no mercado de capitais, o que possibilitou ingressar na corretora de valores mobiliários ASSETS & ASHES.

Com o emprego garantido, e ganhando um salário módico, contudo, bom o suficiente para sair da pensão ordinária onde morava no Bexiga e alugar um apartamento modesto na Rua da Mooca, iniciei uma nova vida, repleta de planos, estudos de especialização e projeto até de arranjar uma companheira e consolidar uma vida conjugal, plena, próspera e feliz.

As coisas encaminhavam-se bem nesse sentido até que um dia de manhã, quando abria a porta da rua e me preparava para sair para o trabalho, eis que vi um cesto de pequeno porte em cima do capacho da entrada da porta. Dentro do cesto, em meio a

pedaços de pano, vi que algo se mexia e imaginei o pior: alguém havia abandonado um recém-nascido bem na minha porta.

Vacilei. Fiquei indeciso entre colocar as minhas digitais naquele pequeno ser desconhecido e verificar de vez qual o estado em que se encontrava a presumível criança. Logo criei coragem e desenrolei os panos. Então o que vi me deixou aliviado: não era uma criança e sim pequeno felino. Isso mesmo, o que eu vim saber mais tarde tratar-se de um demônio, tinha a aparência de um magnífico gato do tipo angorá, com pelos fartos, olhos azuis turquesa cristalinos e pupila comprida em forma ovalada. O que me chamava à atenção era a diversidade de cores no pelo da criatura, que mais parecia uma palheta de matizes de cartela de loja de venda de tintas, como também um papelote que veio colado no pescoço dele, sob a forma de colar, e no qual havia os seguintes dizeres escritos à mão: “VOCÊ ESTÁ ADQUIRINDO UM DEMÔNIO DE PRESENTE. PENSE DUAS VEZES! Olhei para o bichinho de novo; olhei para o papelote; voltei a olhar para o meigo filhote e amassei com força e vontade o tal papel que transmitia uma mensagem de mau gosto, uma pilhéria.

Ganhei simpatia imediata pelo bichinho e, como me sentia extremamente solitário, resolvi de pronto adotá-lo. A partir daquele dia, teria companhia para as horas solitárias e para as noites silenciosas. O bichano, que resolvi dar o nome de Braz, embora não soubesse distinguir o sexo, correspondeu às minhas expectativas, adaptando-se rapidamente ao novo lar; tornando-se afável, meigo e companheiro. Cresceu rapidamente: em questão de três meses saiu da condição de filhote para se tornar um animal de tamanho médio, bem acima de um gato de grande porte. Fiquei inculcado e com uma pulga atrás da orelha. Então me lembrei dos dizeres do papelote que veio apenas ao pescoço dele. Demônio? Seria aquele um demônio de verdade? Mas demônios não existem e eu tinha a serenidade e razoabilidade possível para ter segurança a respeito disso. No dia seguinte, um dia de sábado, dia de folga portanto, acordei com as lambidas do bichano na minha face. Ele estava frondoso, carinhoso e coloridíssimo. Seus olhos irradiavam carência e uma certa magia, concomitantemente. Afaguei-o. A partir daí, acho que fiquei enfeitiçado pelo danado, pois além de tratá-lo com açúcar e afeto, comecei a espalhar para todos, com muito orgulho e sobeja, que morava com um demônio e que estava bastante feliz com ele.

Como disse em linhas anteriores, o pessoal do trabalho começou a caçoar de mim e a questionar a minha sanidade mental. Mas não dava a mínima para os comentários maldosos. Antes, só saía na rua com o meu pet à noite; depois, muito orgulhoso, presenteie-o com uma coleira de luxo e passei a exibí-lo aos parques moradores dos arredores da Mooca. Algumas pessoas olhavam para ele com o ar de espanto; outros corriam e se afastavam dele como o diabo corre da cruz. Não ligava para essa gente invejosa e indiferente.

Três meses depois notei que Braz adquiria pequenos calos nas extremidades das têmporas. Fiquei preocupado e pensei em levá-lo ao veterinário. Sabia-se lá o que poderia ser aquilo. E se fosse um tipo de cancro? Mas vendo o estado belo dele e a felicidade que ele exalava, desisti de consultar o médico.



Então, paralelamente às pequenas metamorfoses que Braz vinha sofrendo (os calos aumentavam de tamanho e ficavam parecido com chifres; o azul topázio dos olhos iam se transmutando em vermelho carmim; o seu pelo, antes frondoso, tornava-se curto e grosso, tal qual pelo de cabra; os dentes caninos cresciam e pareciam duas pinças reluzentes e afiadas), a minha vida profissional e financeira ganhava contornos inexplicáveis, não obstante, o costumeiro empenho e a minha dedicação total ao trabalho. Para começar, Anísio, o meu gerente na corretora, faleceu de morte súbita e a direção da empresa me indicou como substituto no cargo do falecido. O meu salário triplicou.

Costumava apostar há anos no jogo do bicho e nunca havia ganhado nada. De repente, passei a acertar no milhar todo jogo, toda a aposta, semana após semana, chegando ao ponto de quebrar a banca. O dinheiro então vinha de todos os lados na minha direção. Onde quer que apostasse ou investisse, logo, em retorno, um rio de dinheiro começava a entrar em minha vida.

Decidi que era a hora de me mudar para um apartamento de luxo na região dos jardins, em São Paulo, deixando para trás a vida de pobre na Mooca e levando para a nova residência apenas o meu bicho de estimação, que, confesso agora, já não estava lá tão bonito assim. Mas, o que importava? Gostava do bicho, mesmo em aspecto asqueroso, e estava me tornando um milionário. Ah! E ele não deixava ser colorido, mesmo com a sua nova carcaça de pelos ordinários.

Certa noite, vestido de roupão, com o copo de uísque escocês na mão, contemplando as luzes da cidade rica, resolvi remexer o meu celular e me deparei com uma notícia por demais intrigante: cerca de duas dúzias de crianças haviam sido mortas misteriosamente no bairro da Mooca e cercanias. As autoridades, médicos, paramédicos e policiais, procuravam uma resposta para aquela praga que havia acometido os pequenos mortos, já que todos eles faleceram de anemia profunda e apresentavam duas pequenas punções na região traseira do pescoço. De repente, uma faísca riscou o meu cérebro: teria o meu querido animal alguma a ver com aquilo? Essa minha desconfiança vinha do fato de que, às vezes, na calada da madrugada, quando eu acordava para tomar água ou ir no banheiro, raramente eu via Braz. Teve noite que cheguei a procurá-lo nas ruas da Mooca. Mas ele me tranquilizava sempre com essas escapadas rápidas, pois quando retornava ao apartamento ele estava lá, altaneiro, com o rabinho balançando tal qual um cão alegre.

Deixei aqueles pensamentos desconfortáveis de lado. Por um tempo. Semana depois começaram a surgir casos de crianças mortas por aquela estranha doença justamente no bairro do Morumbi, lugar onde passei a morar. Comecei a ficar de orelha em pé. Era muita coincidência.

Certa noite eu fingi que havia bebido demais e me larguei quase desmaiado no sofá. Senti que alguém havia chegado perto de mim e senti a respiração pesada desse alguém e o cheiro esquisito que dele emanava. Depois eu ouvi o som da janela da sala se abrindo e fechando em seguida. Abri os olhos e não vi nada e ninguém. A janela estava fechada. Fui

até a área de serviços onde Braz costumava dormir e vi que ele não estava no tapete, onde usualmente dormia.

Não fiquei preocupado. Fiquei desesperado. O pânico me tomou conta. Pensei em ligar para a polícia, no entanto desisti. Seria eu um cúmplice de um assassino? O caos estava armado. Ou melhor, a arapuca estava montada — para mim.

Depois de reforçar todas as janelas com tábuas; de arrastar móveis para bloquear as portas, eu sentei exausto e atordoado no sofá. Não sabia o que fazer. E não precisava saber. De repente todas as luzes do apartamento de luxo se apagaram. O breu era intenso. O clima era de terror. Não ouvi barulho de ninguém forçando as portas e as janelas. Fiquei quieto. Imóvel. Prendi até a respiração. Após um longo período de um silêncio torturante, ouvi barulho de asas, como se um grande morcego estivesse sobrevoando as dependências do apartamento às escuras. Então algo me puxou pela gola da camisa e me levou como seu fosse uma pluma até a grande janela de vidro, onde se tinha a bela vista panorâmica da região dos jardins à noite.

Um raio misterioso de luz focou na criatura que estava me segurando pela gola e que me empurrava para o precipício. Era Braz, o meu demônio de estimação, totalmente transfigurado, portando grandes, longos e tortos cornos. Tinha o triplo do tamanho. Agora não era mais um quadrúpede; era um horroroso bípede — um horrendo humanoide. Com a boca enorme e dentes que pareciam floretes afiadíssimos; com os olhos vermelhos em fogo, ele me encarou e disse, com voz gutural:

— Muito obrigado pelo acolhimento, Vespasiano. A nossa parceria foi boa, no entanto ela termina aqui, agora. Nunca pegue a primeira laranja madura que você encontrar na estrada. Adeus!

Ele me soltou no vácuo e morri em pleno ar. Quis o destino que eu revivesse, pois antes do corpo em queda chegar ao chão, um toldo salvador amorteceu o impacto. Hoje eu narro essas linhas num hospital da cidade, com o corpo todo enfaixado, e só com os olhos e a boca descobertos.

**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

## PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 100

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

# AUTOESTIMA

*edições*

acesse: [revistaprojectoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojectoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves



# O ELEVADOR SOCIAL ESTÁ QUEBRADO

POR DENISE PERES MARTINS REZENDE

Léxico animalesco espalhado nação afora. Português? O que é isso? Parece língua de outrora.

Roedores vorazes vivendo de sobras, culpando o governo por tudo que lhes apavora.

Nossa Constituição cidadã passou a prescrever direitos e deveres para os nacionais.

Mas, deu erro no receituário e a má interpretação da bula ensejou em destinos desproporcionais.

A chance de uma criança de baixa renda ter um futuro melhor que a realidade em que nasceu está ligada à escolaridade e ao nível de renda de seus pais. Então, por mais que você se esforce, precisa de um pouco mais.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico afirma que no Brasil levam 9 gerações para um descendente de família pobre atingir nível médio da classe média.

Minha gente, isso é uma tragédia!

Nove gerações é perder o direito de sonhar.

É desistir do esforço por parecer impossível seu futuro melhorar.

Significa perpetuar a ignorância e a miséria.

Perceber que instrução e evolução profissional são quimeras.

Sim. O elevador social está quebrado.

Pai pobre, filho pobre. Porvir mal-assombrado.

O Governo tem que proporcionar auxílio aos desfavorecidos.

Mas, o poder do estudo tem que ser enaltecido.

O filósofo Bordieu já falava sobre os paradigmas familiares.

Ciclos que mantêm a mesma realidade.

A labuta começa cedo e em breve a evasão escolar ocorre.

Com muitos herdeiros, pouco estudo e escasso dinheiro logo gritam: - *Por favor, me socorre.*



# O ELEVADOR SOCIAL ESTÁ QUEBRADO

POR DENISE PERES MARTINS REZENDE

Passam a vida reivindicando auxílios, e pouco investindo em seu desenvolvimento pessoal.

Moradias simples ausentes de livros. Afinal, isso faz mal!

Enquanto isso os governantes ditam: - *Vamos mantê-los pobres, ignorantes e dependentes.*

- *Vamos dar o peixe, sem ensinar a pescar. É mais proveitoso politicamente desinstruídos carentes.*

Existência resumida a trabalhar por trocados para pagar boletos.

Assim o ensino formal ficou obsoleto.

O educador Rohden explana sobre a autoeducação.

Como falar sobre isso com quem vive na escuridão?

Políticas públicas deveriam alterar essa sina.

Quem sabe: - *Seu auxílio virá em troca de contrapartida.*

Por que não obrigar os cadastrados com benesses governamentais a retomarem os estudos?

Para receber auxílio deverá se matricular no EJA (Educação de jovens e adultos).

A transformação social é uma notoriedade.

Que a cidadania seja um arquétipo da sociedade e todos possam ter direitos e deveres sem ter que esperar nove gerações para se tornarem cidadãos de verdade.

## **SOBRE A AUTORA:**

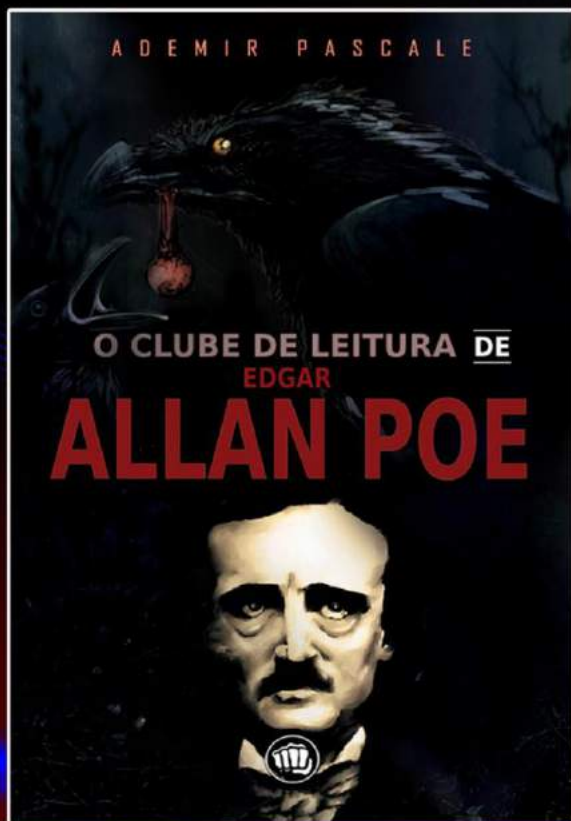
*Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia.*

*Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência.*

*Almeja a melhora na Educação formal nacional.*

*Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins*





Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

**DO AUTOR ADEMIR PASCALE**

# POLICE LINE

PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

[www.selojovem.com.br](http://www.selojovem.com.br)



POR RAFAEL BOTTER

RESENHA  
**AMORES IMPROVÁVEIS**  
EDNEY SILVESTRE

Edney Silvestre



**AMORES IMPROVÁVEIS**

GLOBOLIVROS

Título Original: Amores Improváveis  
Autor: Edney Silvestre  
Editora: Globo Livros  
Páginas: 194  
Ano Lançamento: 2021



No fim do século XIX, em uma cidade à beira da mata e rodeada por fazendas de café, a adolescente Emiliana Vivacqua, filha de imigrantes sardos, desperta para a sensualidade ao conhecer o lavrador e criador de porcos Felício Theodoro, descendente de africanos, índios Puris e europeus, um homem casado e pai de três filhos. Em *Amores Improváveis*, o jornalista e escritor Edney Silvestre, conta a história de quatro irmãs e seus amores. A obra tem como pano de fundo a travessia do Atlântico por imigrantes vindos para substituir a mão de obra escravizada, o golpe militar da Proclamação da República em 1889, o florescer de São Paulo como metrópole de diversidade étnica no início do século XX, a construção da Madeira-Mamoré na Amazônia, os primeiros sinais da liberação feminina — e uma trágica consequência para quem ousou desafiar as convenções.

Impressões:

“*Amores Improváveis*” é o novo livro do autor e jornalista Edney Silvestre, com uma habilidade ímpar através de sua escrita, embarcando de forma magistral para o século 19, um romance histórico através dos anos. Intenso, vívido e emocionante.

O enredo apresenta uma família de imigrantes italianos que acabam de chegar ao Brasil, para buscarem uma vida melhor e ter novas oportunidades em solo brasileiro, com isso, vamos acompanhar toda história de quatro irmãs e seus amores improváveis, cada uma seguindo suas vidas e destinos em território brasileiro.

Antes mesmo de entrarmos com tudo na história, vamos falar da edição impecável do qual a Editora Globo Livro nos presenteou. Livro com capa dura, em cada capítulo temos uma foto de época, páginas de alta qualidade, com boas fontes e bons espaçamentos. Um edição ao nível de Edney Silvestre.

Ok! Vamos voltar para toda trama do livro, essas quatro irmãs se apaixonam e começam construir suas vidas na cidade de Ourinhos, em pleno final do século 19, mostrando toda transformação do Brasil no início da república, através dos olhares das quatro irmãs. Edney Silvestre conseguiu trazer uma escrita fluída logo no primeiro capítulo, entregando um romance vívido e intenso, o autor transmitiu todo o romance de forma poética entre os personagens primários e secundários, cada qual desempenhando o seu papel nas mudanças familiares.

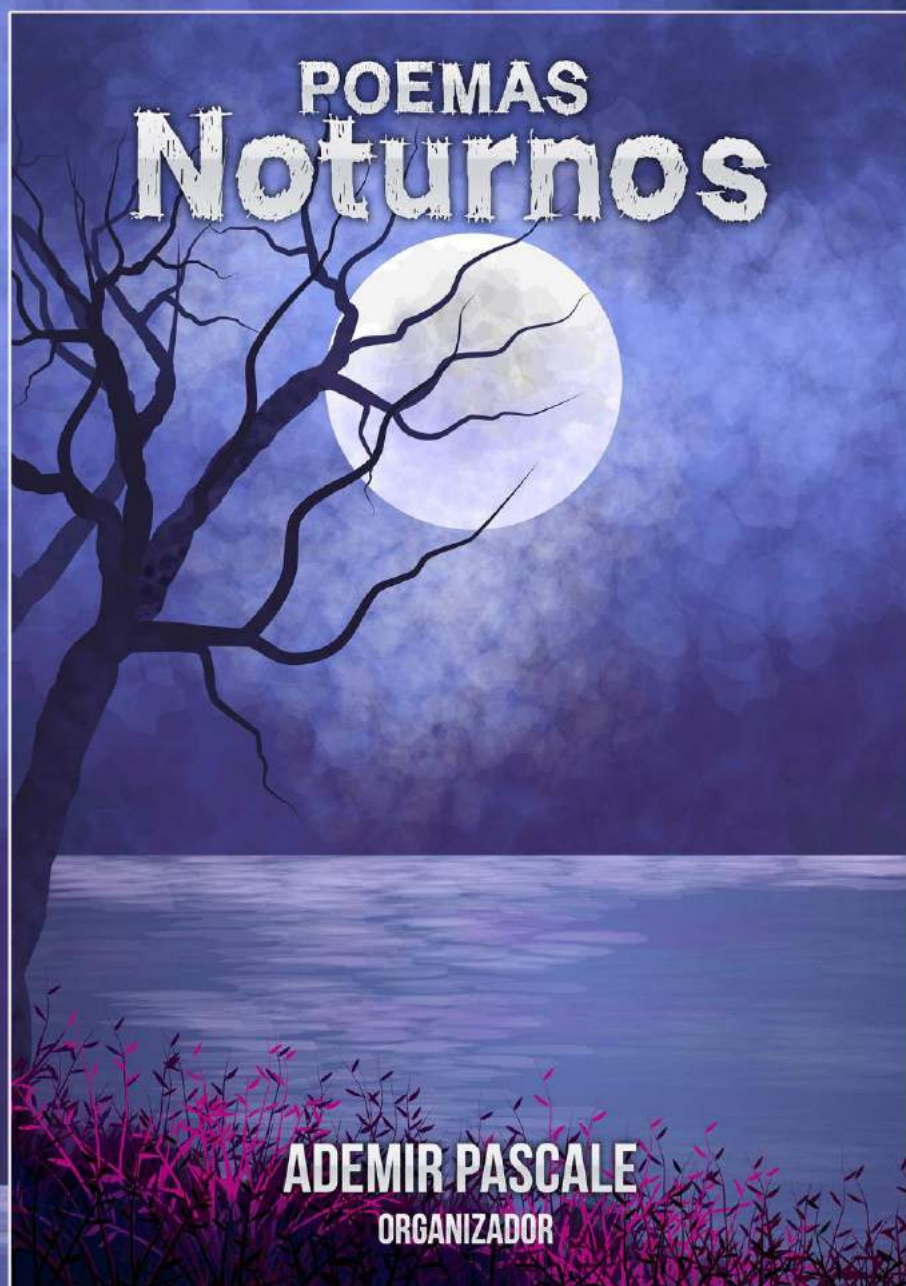
“*Amores Improváveis*” é uma leitura rápida e instigante, o leitor consegue se transportar para o século 19 e acompanhar toda jornada das quatro irmãs se adaptando com os modos e costumes do Brasil, um dos pontos positivos da obra é com os detalhes desse período da república que é bem explorado no livro, deixando assim uma leitura ainda mais intuitiva.

Vale a pena? Com toda certeza! Uma leitura rica no bom e velho romantismo tradicional da época e seus jeitos para se conquistar uma mulher à moda antiga, uma espécie de ritual que hoje em dia é raro presenciar. Edney Silvestre mais uma vez esbanja talento em sua obra, deixando os amores improváveis florescerem no coração de cada pessoa. Pode até soar clichê, mas possui um sentido no final. Inclusive na obra, essas quatro irmãs acabam tendo um começo, meio e fim. Leitura mais que obrigatória.

Sou o **Rafael Botter**, nascido lá pelos idos dos anos 80/90. Nerd de carteirinha e um devorador de livros e cinéfilo nas horas vagas. Apaixonado por Astronomia, Burguer e Pizza, nem sempre nessa mesma ordem.



**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**



**LEIA OS EDITAIS  
CLIQUE AQUI**

**[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)**

POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

# À HORA E A VEZ DA LITERATURA





**T**alvez a Literatura nunca esteve tão cativante como um instrumento artístico em se colocar como um forte fator de reconquista do homem pelo próprio homem.

Em tempos Pandêmicos, se faz mais do que necessário a atenção comparativa cômica A Peste de Camus, onde são esmiuçados, os perigos de uma disseminação da maldade tanto política como biológica, ao qual se coloque em risco, uma formação de pensamento subsidiada a uma promessa de produzir novos leitores, que não sejam doutrinados, mas sim que caminhem, para um plantel, de poder submeter suas divagações mentais, em se entender, um ambiente espacial ao qual seu prazer em apreciar um bom livro, também seja uma arma eloqüente de entendimento indagador da realidade, como também de esgarçar uma subjetividade libertária comprometida com seu pathos histórico.

Essa subjetividade libertária como sendo uma forte arma, para fugir desígnios de sermos enquadrados em uma ontologia discriminadora, que saia do seu lugar epistemológico, de formar novos pensamentos que possam *“criar”*, mas ao mesmo tempo *“provocar”*, e fazer do leitor, um herói ativo perante, uma tempestade de pessimismos que foram lançados em um tempo presente, onde sua objetivar sua *“longa duração”* faça com que classe sociais menos favorecidas estejam do pecado filosófico em não adquirir informação sendo vitimizados por uma massificação coletiva, que pensa somente em se manter em torno de um status quo sociológicos, de destruição da realidade.

Essa realidade que é disseminada por entre chauvinismos de discursos de púlpitos a criticar e reinventar os cortiços de Aluisio De Azevedo, que passa pela destruição das bibliotecas de Umberto Eco em O Nome Da Rosa, ou que recria universos de Totalitarismos distópicos, com se nunca sairemos do macro-tempo encarcerado ao 1984 de George Orwell, e precisamos reinventarmos novas formas de fazermos arte, elucidando uma nova batucada de tambores morais, e fingindo que não vamos crescermos perante os perigos de uma humanidade que se tornou tão docemente desumana, taxando aforismos pessimistas nietzschianos em como a imaginação Negacionista da Crueldade, de Günter Grass, faz a humanidade adentrar em uma falsidade coletiva de bem-estar cartesianista.

A Literatura, é uma luz de esperança, em meio ao caos humano, que foi miseravelmente forçado a viver sua realidade nua e crua, não cabendo mais produzirem esperanças, que assim fazem do leitor, um sinônimo de dor, de desprezo, pelo qual o senso-comum, ganha asas para se nutrir fortemente, em meio à destruição constante de criticidade sapiente.

Desde os tempos de Homero, a Literatura, é uma maneira de o homem sonhar, e também em realçar suas preferências intelectuais em alcançar o infinito, por um preceito diacrônico de chegar ao pensamento racionalista, que venha oferecer, subjetividade florescente e ao mesmo tempo integridade de intelectualidade orgânica e dinâmica.

Uma subjetividade, que seja não somente libertação, mas também ação, para assim culminar em um lúdico caminho de humanismo, que contenha ética, e de que a literariedade está em volta dentro das acepções criacionistas de cada autor, como uma novena mentalista, de louvar o seu criar e o argumentar a cada segundo.

E dentro desse segundo, chegar aos delírios de uma criação, que atravesse o “seu tempo perdido proustiano”, que faça assim uma frenologia dialética de seu auto-interrogar, que é primordial, estar auscultado a uma individuação, ao qual o homem, é o próprio utensílio naturalista, em consolidar narrativas psicodélicas, que estejam no sentido de ornamentar, um psicologismo em sair do cotidiano, mesmo que para isso caminhe para se encontrar com “submundos”, de inspirações literárias, que enfoquem que o sonhar não custa nada, e sim é um florir de ousar sempre, estando incandescido a louvar cada novo signo de disruptura com o real.

Sempre vai haver espaços para o surgimento de novas Capitus, como Hamlets, ou Faustos, bem como Dons Quixotes, que realizem anunciações interpretativas, aos quais a humanidade se volta para padrões de criações de personagens, que a cada instante incorporam reflexões, acerca de como são docilmente pecaminosos maravilhados, em serem jocosos, perante um criar artístico que possa assim não unicamente entreter, mas florescer uma saúde mental, que possa assim ser um caminho de sair da **“caverna platoniana do seu cotidiano”**, que envolve boa parcela populacional de um mundo pós-moderno, que ficou por demasia, chato, mas que é o maior barato ao mesmo tempo, subsidiando um aparato de matéria prima ortográfica, para que o escritor se reinvente em suas formas, sem distanciar-se de uma oportunidade de lapidar seu leitor de acordo, com seu grau de provocação gramatical.

A Literatura, tem uma anunciação metafísica, de provocar e ao mesmo tempo agradar.

De penetrar no íntimo de cada um dos seus apreciadores, suscitando o prazer em arder em um gosto libidinal de redenção perante o caminhar dos ponteiros do relógio, que agem como isqueiros do absurdo, em se recriarem, cenários de uma ilógica condição humana, que procura eternamente sua redenção.

É fundamental, **“criar, se reinventar, se aturar, se aperfeiçoar, se remodelar, se sexualizar, se promiscuar, se filosofar”**, e no atrito de conflito criacionista, ser acionista da mais bela poética, de um canto eterno do advento corporal celestial, ao qual a Literatura, é própria áurea do homem tentando se entender, dentro de suas horas frenéticas de apreciação do livro, a se afastar do pessimismo, se deslocando para um cinismo, de dinamismo questionador sem fim, intrepidamente se descobrir, perante seus dilemas existenciais mais severos, algo que os escritores são prolixos, em brincar com as palavras, sem perder o rigor de ser um eterno provocador.

A Literatura está presente em praticamente todos os momentos, e faz de seus rebentos, se agigantarem perante o patético estigma da massificação da informação, sempre refazendo uma razão criativa, unido-se a um coração ativista, vigarista, e realista.



#### **Clayton Alexandre Zocarato**

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br)

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>





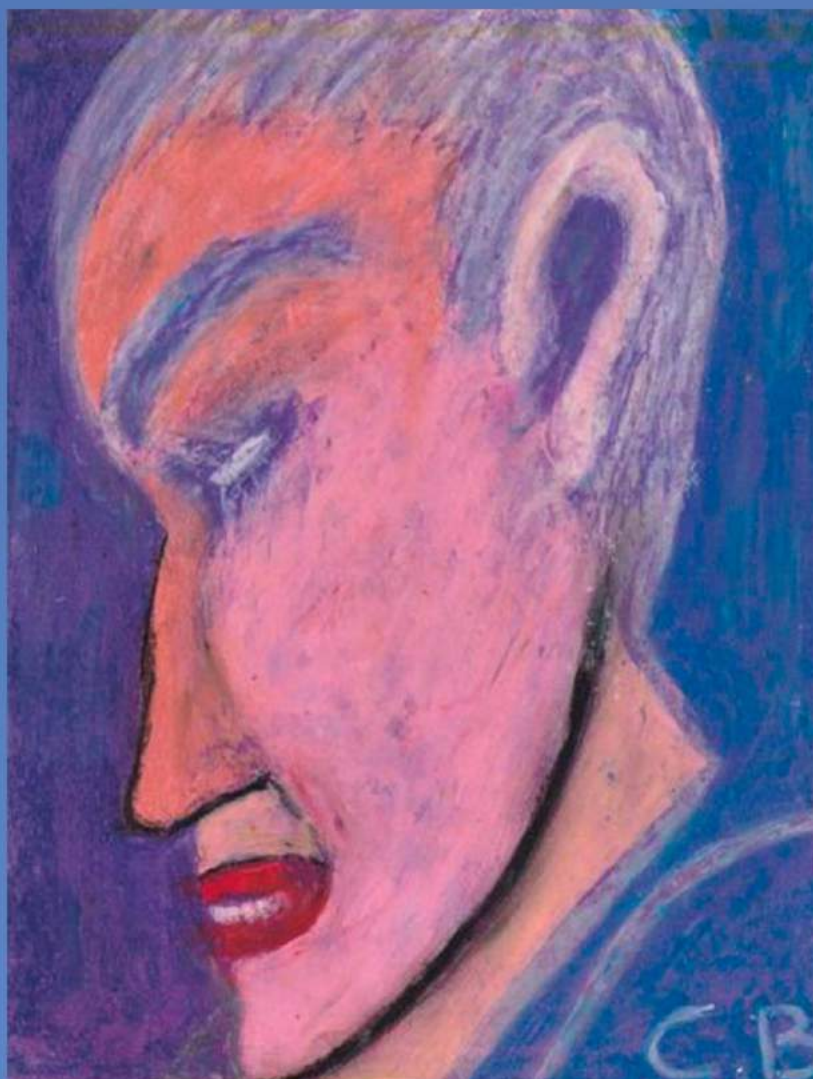
**FAÇA A LEITURA DO CÓDIGO QR ACIMA E**

**ENTRE PARA O GRUPO DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**



# MEFISTÓFELES ANDRÓGINO...

“Quanto mais familiar se torna o estranho,  
ainda mais o estranho parecerá familiar.” (Roy  
Wagner, A invenção da cultura, 1973)





A arte plástica nos atravessa pelo impacto da contemplação. Seus significados são assimilados no momento em que o contato visual abre caminho para o arrebatamento dos nossos sentidos. E, assim, acontece a análise, o julgamento, a necessidade que temos de enquadrar o que vemos nos parâmetros do conhecido, do *experenciado* e do normalizado pela sociedade.

Como a arte raramente consegue se adequar ao nosso ingênuo julgamento, torna-se o objeto estranho, o insólito das experiências comuns. Então, pode-se dizer que é de natureza artística toda capacidade de incomodar, de causar estranhamento ao nosso olhar contemplativo. Foi o que senti ao me deparar com esta tela. Acesso ao incomum.

Esta obra faz parte do acervo particular de um artista pouco conhecido ainda no mundo intelectual e comercial das artes, que prefere ser nominado pelas iniciais CB. Como apreciadora da obra de arte, busquei algumas informações sobre o criador. Em breve entrevista virtual, concedida gentilmente, sobre o seu trabalho, pude saber que se trata de um *hobby* a sua ocupação com as telas e tintas. Tem preferência pelo anonimato (que respeito e mantenho) e, como não é a sua atividade principal para o próprio sustento, prefere continuar assim. Segundo as declarações na entrevista, para ele a pintura é uma forma de aliviar as tensões e de registrar as suas impressões sobre o cotidiano que às vezes pode se apresentar confuso e depressivo.

Perguntado sobre este trabalho, o autor responde: “Me imaginei de perfil. Com traços de caricatura. [...] então tenho que desviar o olhar. Ou me fingir de cego.” (CB, *Mefistófeles Andrógino*, 2021). Mas a sua revelação pouco importa, porque segundo Roland Barthes (2004, p.45) “A escritura [nesse caso a manifestação da arte plástica] é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda a identidade, a começar pela do corpo que escreve.” A partir dessa afirmação, libero-me do dever de pensar a observação da obra pelos olhos do autor, e coloco-me como um *flâneur* em seus domínios de observador, na contemplação, e *solvitur ambulando* (Santo Agostinho, 354-430), na busca de uma interpretação que sei, trará apenas os julgamentos que a minha constituição pessoal indicará. Ainda assim é uma análise.

*Mefistófeles Andrógino* parece-me uma boa escolha para nomear o que a figura representa. Quase óbvia, até! Os traços dizem por si! Os olhos cegos, de cegueira branca, oblíquos, que se recusam a contemplar, que se desviam para lugar nenhum, marcam a dissimulação daquele que vê sem se mostrar. Não são cegos, estão abertos, embora a opacidade sugira ausência de visão. Está presente, observa, mas não quer se envolver. A ideia combina bem com a definição sinuosa de demônio produzida por Eliade (1999, p.45):

E, no entanto, como já se observou muitas vezes, embora se oponha com todos os seus meios ao fluxo da Vida, Mefistófeles estimula a Vida. Luta contra o Bem, mas acaba por fazer o Bem. Esse demônio que nega a Vida é, contudo, um colaborador de Deus. É por isso que Deus, em sua presciência divina, impõe ao homem, com muito prazer, esse companheiro.

Ainda caminhando com Eliade (2004, p. 45) quando afirma que “[...] a *coincidentia oppositorum* era a definição menos imperfeita de Deus”, estreita-se a aproximação que o pintor consegue imprimir à tela com esta ideia de androginia cujo sentido nos remete à reunião dos contrastes na figura divina. O texto de Eliade destaca a amplitude desejada pelo homem como única forma de divinizar e tornar perfeita a composição de Deus. Se Ele é onipotente, e se as naturezas contrárias circulam irremediavelmente pela terra, só a junção das oposições poderá conter a fórmula completa de um ser absoluto, já que a Bíblia diz que Ele criou o homem à Sua imagem e semelhança; ademais, é notório que só falamos do que sabemos.

*Mefistófeles Andrógino* seria a concentração do que aparece no texto “Mefistófeles e o Andrógino, ou a história da totalidade” em que Eliade (2004, p.45) indica a sua ideia de medida da divindade:

[...] uma simetria entre o “Prólogo ao Céu” do Fausto e a Sérafitas de Balzac. Tanto numa obra como na outra, são abordados mistérios da coincidentia oppositorum e da totalidade. O mistério do mal é perceptível na “simpatia” que liga Deus a Mefistófeles, mas é perfeitamente identificável no mito do andrógino que Balzac tomou de empréstimo a Swedenborg.

Ou seja, em uma mesma figura se resume a divindade, porque sendo a totalidade, em Deus precisam estar contidas as duas naturezas. Assim também, na composição da tela, CB, tendo lido ou não *Fausto* de Goethe (2003), ou o texto de Eliade, consegue imprimir ao “retrato” a amplitude dos significados que ambos discutiram em suas obras. Eis aí a genialidade da arte. Muitas vezes revela nuances do artista sem a sua autorização.

O processo simbiótico reproduzido na tela possivelmente tem outras significações a partir de vivências, sentimentos, relações pessoais e interpessoais do autor como também a impressão dos seus valores e escolhas. Entretanto, retorno à ideia de que um texto não se faz apenas nesses contextos, invocando novamente Barthes (2004, p.50):

[...] um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico [...] mas um espaço de dimensões múltiplas onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações oriundas de mil focos de cultura.

Assumo aqui a ideia de texto para qualquer representação gráfica da linguagem humana. Nesse sentido, a obra de arte plástica em questão traz o formato de um texto pictórico para o qual tecerei algumas considerações. E a abertura que se estabelece, abre espaço para o direito de fala do apreciador despretenso. A minha análise da tela seguirá esta linha de pensamento.

A representação de uma cabeça, não um vulto, leva-nos a imaginar se o artista quis registrar a impressão de um pensamento calculado e para isso usou o traçado de perfil para que os olhos não sejam perturbados por outros olhares e, como ele mesmo disse,



para que não precisem encarar outros olhos. Se em *Fausto*, Mefistófeles era a consciência – maligna, mas consciência – do doutor Fausto, tentando sempre levá-lo a uma vida de ganância e cada vez mais sede de poder, no retrato, pode se dizer que a cabeça representada sugere a força do pensamento dominada por algo que se quer alcançar. O demônio de Goethe consegue convencer doutor Fausto a fazer um pacto com ele vendendo a alma em troca do poder. No retrato, ao se revelar andrógino, Mefistófeles pode ter conseguido o que quer, subjugar e dominar as naturezas do Bem e do Mal, mas não parece realizado.

A sugestão de androginia é clara e pode ser observada nas escolhas do artista. A parte superior do rosto traz nariz aquilino bem torneado, testa alta, sobrancelhas grossas e orelhas grandes exprimindo força, poder, natureza masculina. Entretanto, abaixo dos olhos a pele se torna mais clara, rosada, dando ideia de maciez, com maxilares suaves e queixo fino; a boca tem lábios grossos e batom vermelho, revelando nitidamente traços femininos. Eis então a perfeita combinação do andrógino. A simbiose das duas naturezas que se fundem em um único ser.

Não se trata de performance ou de um homem travestido de mulher. Trata-se, visivelmente de um rosto que recebe harmonicamente os elementos contraditórios absorvendo-os na totalidade da *coincidentia oppositorum*. CB parece querer deixar o registro de alguma narrativa importante no curso da sua vida em que duas naturezas se fundem no perfeito absoluto momento de união em um mundo paralelo.

Embora seja possível separar no desenho o lado superior como masculino e o inferior como feminino, é curioso perceber que na parte superior, mesmo que a sobrancelha seja densa, grossa, como normalmente são as sobrancelhas masculinas, seu traço é arqueado e suave, como acontece no rosto feminino. E na parte inferior, embora os lábios sejam vermelhos e a boca seja sensual, acima do lábio superior há uma cor mais fechada e um traço mais rígido, mais adequado a bocas masculinas. Assim se pode dizer que há uma fusão e uma mistura que confunde as duas naturezas aproximando, entrelaçando ao máximo uma a outra.

O estilo é bem particular, mas como não existe nada completamente original, em matéria de produções de bens culturais, especialmente no século XXI, era da *internet*, da globalização do conhecimento e das redes sociais, há uma filiação de características que nos habilita a analisar o conjunto como expressionista. Os traços expressionistas estão presentes na forma disforme e caricata que o rosto assume, com marcas fortes e cores esfumadas, de linhas meio exageradas, expressando, além de uma aparência de melancolia, certa angústia na forma do olhar vazio e cansado. É possível afirmar que perpassa pelo semblante do homem retratado uma ansiedade velada, uma tristeza oculta.

Muito curioso de observar é que a figura parece repuxada de baixo para cima obliquamente e nos inspira uma sensação desconfortável, como se uma força superior o esteja obrigando a encarar o que não quer. O olho pequeno em contraste com a orelha grande possibilita uma releitura do texto bíblico de Isaías (43.8, p.929): “Traga o povo que tem olhos, mas é cego, que tem ouvidos, mas é surdo”, sendo que neste caso, *Mefistófeles Andrógino* tem olhos para *não* ver e ouvidos para ouvir; o que pode indicar que, embora se finja de cego, ouve tudo, portanto sabe de todas as coisas e parece sofrer com a consciência disso.

Após a observação desses detalhes, pode-se dizer que o título que nomeia a pintura é muito apropriado. E a junção das duas linguagens – a pintura e a palavra escrita – é, com certeza, resultado das experiências de leitura do autor, associadas à sua forma de ver o mundo e, talvez, de tentar explicar o mistério da totalidade divina.

[...] a perfeição divina não deve ser concebida como soma de qualidades e virtudes, mas como liberdade absoluta que está além do Bem e do Mal; que o divino, o absoluto, o transcendente, distinguem-se qualitativamente do humano, do relativo, do imediato porque não constituem modalidades particulares do ser, nem situações contingentes. (Eliade, 2004, p. 46)

É possível afirmar que a grande pergunta do homem é a existência de Deus; ou de uma força superior que rege o universo e cria todas as coisas naturais que existem. Sempre na história de todos os povos há uma busca incansável pelo mito de origem, pela descoberta dos mistérios, das situações incompreensíveis com as quais podemos nos deparar. A arte, das realizações humanas, é o conhecimento que mais se aproxima da possibilidade de representação da divindade. Sendo seu conteúdo liberto das convenções estabelecidas pela ciência, pela lógica e pela racionalidade, consegue fluir pelo caminho da criatividade e das emoções. Assim, transcende o humano e ultrapassa seus limites, às vezes tornando compreensível o inexplicável.

Afora as abstrações de natureza analítica ao contexto da pintura e às representações gráficas que organizam o conjunto e o tornam representante do expressionismo, é preciso observar a cronotopia da produção e avaliar a natureza do trabalho do artista. Segundo Bakhtin (2003), todo produto cultural se realiza no seu tempo lugar; mesmo que transcenda, a sua composição sempre irá denunciar a origem, seu cronótopo irá demarcar o espaço-tempo de onde saiu e onde foi produzido. A biografia da tela indica que foi elaborada com o recurso “pastel oleoso sobre papel cartonado reciclado de 200 g/m<sup>2</sup>, 20/30 finalizado com verniz fixador para dar brilho e proteger a pintura” (CB, 2021). Assim, a tela em questão também é composta observando os detalhes técnicos e manufaturais do seu tempo-lugar. É visivelmente um produto do século XXI, e, ao mesmo tempo, uma marca registrada do artista. Sua performance é notada desde a técnica usada na pintura até a preocupação com o meio ambiente já que o papel usado é "reciclado", descarte de gráfica. É a consciência social revelada na arte.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2003

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004



BÍBLIA SAGRADA, Testemunhas do único Deus – *Isaías* 43.8. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982

CB. *Tela CB*. Entrevista concedida via e-mail em 05/11/2021. Consultada em 10/11/2021.

[https://docs.google.com/document/d/1s\\_pe\\_Hq-VUi5flfO5wmnNfNUaLRf0JC-Qh5\\_8oWGkHY/edit](https://docs.google.com/document/d/1s_pe_Hq-VUi5flfO5wmnNfNUaLRf0JC-Qh5_8oWGkHY/edit)

CB, *Mefistófeles Andrógino*. Coleção particular. - Pastel oleoso sobre papel cartonado reciclado de 200 g/m<sup>2</sup>, 20/30 protegido com verniz fixador. Obra composta e pintada em novembro de 2021.

ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino*: Comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Versão para e-Book. eBooksBrasil.com, 2003 acesso em 03/11/2021

### **PAGANINI, Vera Lucia Alves Mendes**

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás Câmpus Jataí(1999) e Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2008), com ênfase em Estudos Literários. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Goiás, professora titular IV (aposentada) - Secretaria de Estado da Educação e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de Educação, pesquisadora em Educação, Trabalho e Movimentos Sociais, e na Área de Letras e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, história e imaginário, educação e sociedade, estética da recepção, comparação, literatura brasileira e portuguesa, discussões de temas acadêmicos em geral.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2947592937662056>

ID Lattes: 2947592937662056

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1597-0432>



Abra as portas para o conhecimento

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

B  
U

SENSO INCOMUM, ZÉ CUECA E DELÍRIOS

S

Somente um ano após o ocorrido, tomei a iniciativa de escrever. O processo de escrita é assim mesmo; primeiro as idéias ficam aprisionadas na mente (doidinhas para sair!), depois vão saindo devagar: emaranhadas e atormentadas.

Pois esta crônica atormentada ficou armazenada por um ano! Vejam só: um ano!

Tive que acionar intensamente o lado esquerdo do cérebro, perpassando autores *frankfurtianos* e outros pensadores complexos, num movimento circular e espiralado de minha *mente animal*. Chega! Vamos à crônica...

Sempre considere os pontos de ônibus fontes inesgotáveis de inspiração. Tenho muitas crônicas de ônibus! Pois foi em um deles, num final de tarde, em um dia qualquer... que o fato ocorreu.

Faltavam, aproximadamente, dez minutos para meu ônibus passar, quando ele apareceu com um crachá pendurado no pescoço. Tinha uns 65 anos (Acredito eu! A barba engana muito!). Não estava maltrapilho, mas se percebia a ausência de cuidados. Falava entusiasticamente, dirigindo-se a um vira-lata, cujo rabinho agitava-se freneticamente:

— *Meu amigo!* Este é amigo de verdade. *Gente!*... Vocês nem imaginam. Este cachorro é melhor que minha mãe.

*Pensei que tipo de mulher poderia ter sido esta mãe. Pensei também no objetivo da comparação. Cachorros são seres boníssimos, fiéis até demais! Seres humanos podem ser comparados a cachorros?*

(Adoro fazer perguntas! Principalmente quando não possuem respostas!)

— Cachorro bom! Esse é amigo de verdade! A minha mãe nem ligava pra mim, mas ele não!

Um homem, um cão, um crachá pendurado... Era tudo o se que podia ver. Que significado teria o crachá na vida do homem? Em relação ao cachorro, tudo bem! (O cachorro é altamente representativo nesta história... mas o crachá!)

— Esse cachorro é demais! Zé Cueca, ô Zé Cueca!

Neste momento, todos os presentes puseram-se a rir. Era engraçada a cena! (Era mesmo?!)

Não sei por que era engraçada! Quando se trata do outro, tudo é simples e engraçado. A cena foi interpretada como um fato humorístico, embora não houvesse humor algum naquilo. (Que graça poderia haver em um cachorro, um homem endoidecido e um crachá?)

Nada era engraçado para mim, que fazia questão de refletir e olhar para o que não estava visível (pelo menos, aparentemente!).

O crachá seria um elemento significativo para o homem?

Tive medo de pensar a respeito, pois vislumbrei uma cena horrível: vi-me, circulando pelas ruas, com um crachá enorme, pendurado no pescoço. Dessa forma, talvez o crachá fosse significativo somente para mim.

Imaginei-me num futuro não tão distante, aprisionada pelo relógio de ponto, pela coleira magnética e por idéias que não são minhas.

O cachorro não tinha coleira, mas o homem tinha... E o pior de toda esta história é que não sei se o homem era louco. Não seríamos nós os loucos?



— Zé Cueca, ô Zé Cueca! Eta cachorro amigão! Tá comigo em todas as horas. Zé Cueca, ô Zé Cueca! Tá na hora de ir para casa.

Teria o louco uma casa?

Que prepotência a minha! Nem sabia se ele era louco! E se ele não fosse louco? E se loucos fossem todos aqueles que riam, devidamente, munidos do *sensu comum*?

A cena me incomodava muito, mas me sinto muito mais incomodada agora, depois de teorizar meus pensamentos.

Vi-me louca no ponto de ônibus, com um crachá pendurado e uma cachorrinha:

— Maria Calcinha, ô Maria Calcinha!

Teria de ser Maria Calcinha, pois a cachorra seria o meu ente mais íntimo. Cueca não é algo muito íntimo? Que *crônica* mais desmiolada a minha! Já nem sei mais de que falo!

Naquele final de tarde de um dia qualquer, não consegui me deixar levar pelo senso comum e o resultado foi uma crônica *incubada*, que só se permitiu nascer neste momento de conflito. Fixei-me na cena, prendi as imagens, porque, na verdade, sinto-me um pouco aquele homem, com a coleira magnética pendurada no pescoço, procurando referências entre os seres.

Com relação ao cachorrinho, ele é o ser mais engraçadinho desta história maluca, onde o sentido se perde, diante de tantos delírios.

Após meses e meses, sem conseguir conceituar tantos pensamentos, encontro-me com uma crônica aberta, sem pé, nem cabeça; uma crônica louca, sem protagonistas...uma crônica de crachá, senso incomum, Zé Cueca e delírios.

Quer mais?

### **MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA**

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA -Itália, tendo participado do XXXIII Salão Internacional do Livro de Turim (outubro de 2021), como colunista da Revista Bilingue ACIMA Itália (OBA) e coautora de Antologia.

Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural.

Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos.

Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros, organizados pela ZL Books – Editora (New York, Portugal e, em 2021, Paris – França).

É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.





# FURACÃO

Não tenho nada que você possa descobrir,  
neste luto ditado pela dor.  
É tão óbvio que você me surpreendeu.  
Eu sofri e fui ferido.  
Por você, a luz da minha vida.  
Olhos e charme; um estupor que se evapora.  
Eu não posso mais te amar.  
Suspiros lânguidos que escondem o segredo mais obscuro.  
Eu me tornei um furacão de sentimentos.  
Eu quebrei suas correntes e não vou permitir que você me atrapalhe novamente.  
Vou escalar os picos de seu ódio velado.  
E eu serei mais forte.  
Suas balas não vão me atingir.  
Lutarão com força  
Vou apagar nosso passado  
E eu vou respirar  
Serei um arranha-céu da vida  
Eu não vou corresponder para seus terremotos.  
Eu finalmente serei o que você espera.  
Tão sereno, tão diferente.  
Você vai se arrepender disso.  
E eu não vou sentir sua falta.

Italiano, licenciado em psicologia clínica, pela universidade "N.Cusano" de Roma. Fala quatro idiomas e escreve desde os 16 anos. Começou a escrever em 2011 e nunca mais parou. Escreve poemas, artigos de jornais, letras de músicas e ocasionalmente histórias. No entanto, também conseguiu publicar na Venezuela, Itália, Colômbia, México, Argentina, Chile, Peru, EUA, Brasil, República de São Marino, Romênia e Espanha. Escreve em italiano, espanhol, português e inglês. Seus autores preferidos, são: Coelho, Hemingway, Pablo Neruda, Dario Fo e Agatha Christie.



Antonio Di Bianco



# CRÍTICAS E COMENTÁRIOS SOBRE ALGUNS LIVROS ESCRITOS POR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

**Comentário sobre os livros**

a) "O homem é ou não é um animal racional?"

b) "A matemática da eternidade e dos encontros" - Segunda edição.

c) Trilogia – Um terráqueo rumo ao planeta Htrae.

## Muitos livros escritos pelo autor Fernando Luiz dos Santos Chaves

O escritor Fernando Luiz dos Santos Chaves foi fortemente influenciado por seu período. A dúvida sobre a força e inabalabilidade do mundo levou a seu repensar e, na cultura das obras de Fernando Luiz dos Santos Chaves, a doutrina medieval da transitoriedade do mundo e do homem foi fantasiosamente combinada com as conquistas da nova ciência, evoluindo em todas as categorias Contemporâneo, eBooks Kindle, Romance. A ideia do infinito do espaço levou a uma mudança radical na visão da imagem do mundo na cabeça de Fernando Luiz dos Santos Chaves, que está adquirindo proporções cósmicas grandiosas. Nos livros do escritor Fernando Luiz dos Santos Chaves o mundo é entendido como natureza eterna e majestosa, e o homem - um insignificante grão de areia - simultaneamente se funde com ela e se opõe a ela. Parece se dissolver no mundo e se tornar uma partícula sujeita às leis do mundo e da sociedade. Ao mesmo tempo, a pessoa na opinião de Fernando Luiz dos Santos Chaves está sujeita a paixões desenfreadas que a levam ao mal.



### 2) Comentário sobre o livro “O homem é ou não é um animal racional?”

Na obra em questão, o autor Fernando Luiz dos Santos Chaves narra uma história que tenta, por meio de levantamentos morais e de leis básicas, explicar como o homem pode se comportar dependendo do seu estado anímico: ora mais irracional, ora mais civilizado, e mesmo que este já esteja mais equilibrado e elevado em seu grau de inteligência, pode se deixar levar por sentimentos inferiores, como ciúmes, ganância, inveja, desespero, e assim cometer atos impensáveis e irracionais.

Portanto, a pergunta básica do livro, que também é o seu título “O homem é ou não é um animal racional?”, tenta responder porque crimes são cometidos por aqueles que já não deveriam ou precisariam agir dessa forma, mas que, pelo contrário, são levados a se comportar como feras, em que o que fala mais alto é o instinto de sobrevivência.

O autor ainda traz uma segunda questão deveras intrigante: o ser dito irracional, os animais não humanos, conseguem amar mais do que os seres racionais, pois aqueles são puros nos seus sentimentos e verdadeiros nas suas intenções; já os homens conseguem mascarar aquilo que são por trás de uma aparência, de uma passionalidade que pode explodir a qualquer momento. O homem pode ter evoluído na tecnologia, na ciência e em várias outras áreas sublimes, porém, nos verdadeiros sentimentos, ele ainda precisa galgar muitos degraus na compreensão da vida.



## Obras recentes do escritor Fernando Luiz dos Santos Chaves

**Trilogia - Um terráqueo rumo ao planeta Htrae (Capa Comum).**



Obra publicada em 2021

**Trilogia - Um terráqueo rumo ao planeta Htrae (e-book).**



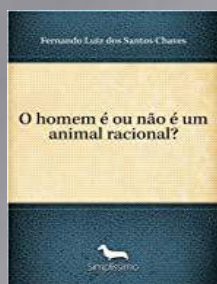
Obra publicada em 2021

**A matemática da eternidade e dos encontros ( 2ª edição )**



Obra publicada em 2020

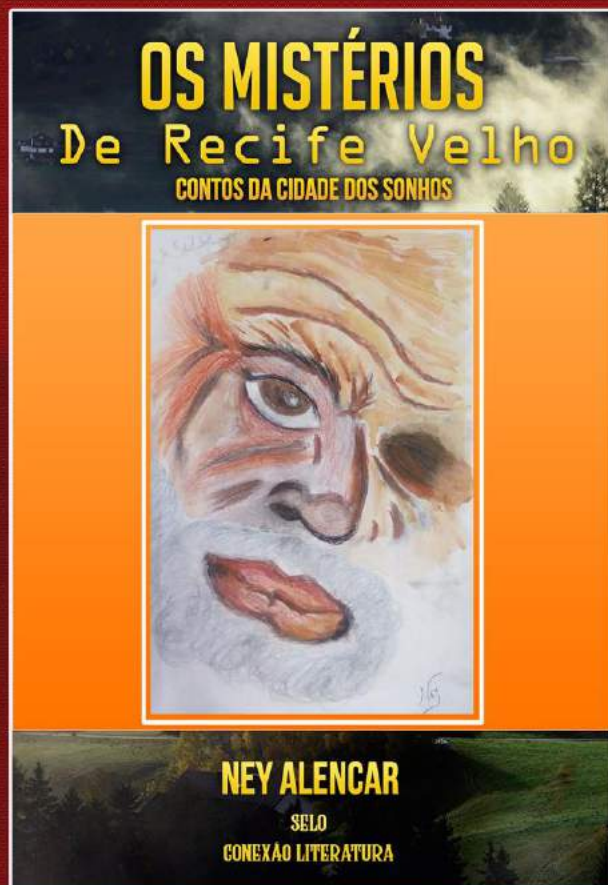
**O homem é ou não é um animal racional?**



Obra publicada em 2019



OS MISTÉRIOS  
**DE RECIFE VELHO**  
CONTOS DA CIDADE DOS SONHOS  
NEY ALENCAR



A cidade existia há muito tempo! Seu tamanho monstruoso capturava alguma coisa de irreal e extra-terreno. Suas ruas, como veias abertas, corriam em torrentes vivas de seres humanos e máquinas. Avenidas de cimento e aço, decadência e miséria, esplendor e riqueza se cruzavam através do seu corpo monstruoso. Uma babel de vozes e barulhos zumbiam na atmosfera carregada de vida e morte!

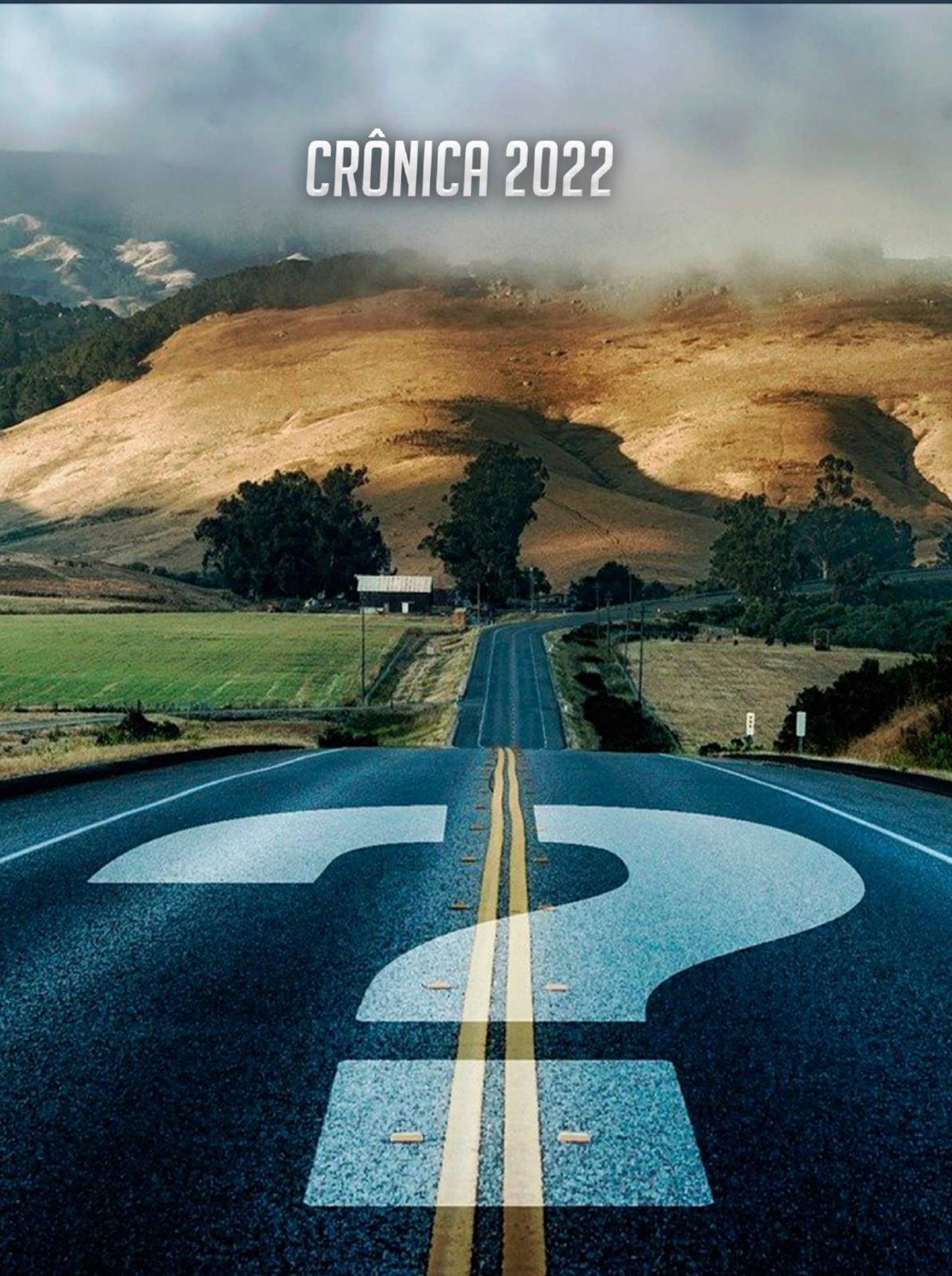
Recife Velho, antiga e assombrada, estendia-se solitária com sua face de pedra voltada para o mar, agasalhando em seu ventre ctônico a escuridão profunda da melancolia! Histórias de mistérios fantasmagóricos e segredos horrendos que se misturavam dentro dela! Venha conhecê-las e descobrir o que se esconde atrás das paredes de suas casas vivas, dentro de sua terra negra e espúria, nos enigmas mitológicos que a compõem em uma sinfonia antiga de dor e medo!

PARA ADQUIRIR O E-BOOK  
— CLIQUE AQUI —



POR MÓNICA PALACIOS

# CRÔNICA 2022



**N**ão sei sobre o que escrever. Parece uma frase feita ou de efeito. Nada disso. Pura verdade. Posso até admitir que pretende desmitificar o mágico momento em que inspiração se instala com unhas e dentes a nosso lado, nos dita serenamente o texto e a gente, revisa, e finalmente, após a vírgula e pontos, escreve o ponto final.

Esse momento é gratificante, como aquela atuação na escola que todos aplaudem e se justifica a correria de preparativos frente aos pais.

Sim, não acreditem que me deslumbra nem deslumbrava. São só momentos e a costura do tempo gira, gira, gira até o dia e hora em que algo acontece e perdemos essa sensação de glória ou meritocracia.

Nesta segunda etapa, olhamos rostos brancos, emudecidos, gestos frios, robotizados, saliva ausente, lágrimas abundantes e a sensação de que precisamos ré começar tudo de novo.

Agora entendi por que não sabia sobre o que escrever... sinto que tudo já foi dito, sentido, amadurecido embora volta a aparecer.

### **Mónica Palacios**

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



POR MÓNICA PALACIOS

# CRÔNICA DA CHUVA



**E**m povoados muito distantes, onde a maioria das moradias são de sapé, seus habitantes veneram as tradições e respeitam a natureza, aguardar a chuva pode resultar um ritual quase sagrado. A colheita garantida, a Terra mãe abençoada e muito mais.

Fiquei imaginando a chuva, sempre fraca ou intensa ou aquele destemido toró, mas... cada um resulta um espetáculo fascinante.

Se perguntamos a cada elemento da natureza sobre a chuva as respostas podem resultar em ficção, brincadeiras, necessidade, esperança, brincadeiras.

Por isso, resolvi observar a chuva cair e olhar as pessoas caminhando em diferentes direções.

Seus rostos refletem se gostam, se estão resignadas ou molestas.

Agora, tem reparado como os gatos e cachorros, estrategicamente acomodados na quina das janelas ou portas, olham a chuva?

Tem visto algum olhar mais forte de resignação e respeito?

Os convido, na próxima chuarada observar, vão lembrar de mim.

É de não acreditar.

### **Mónica Palacios**

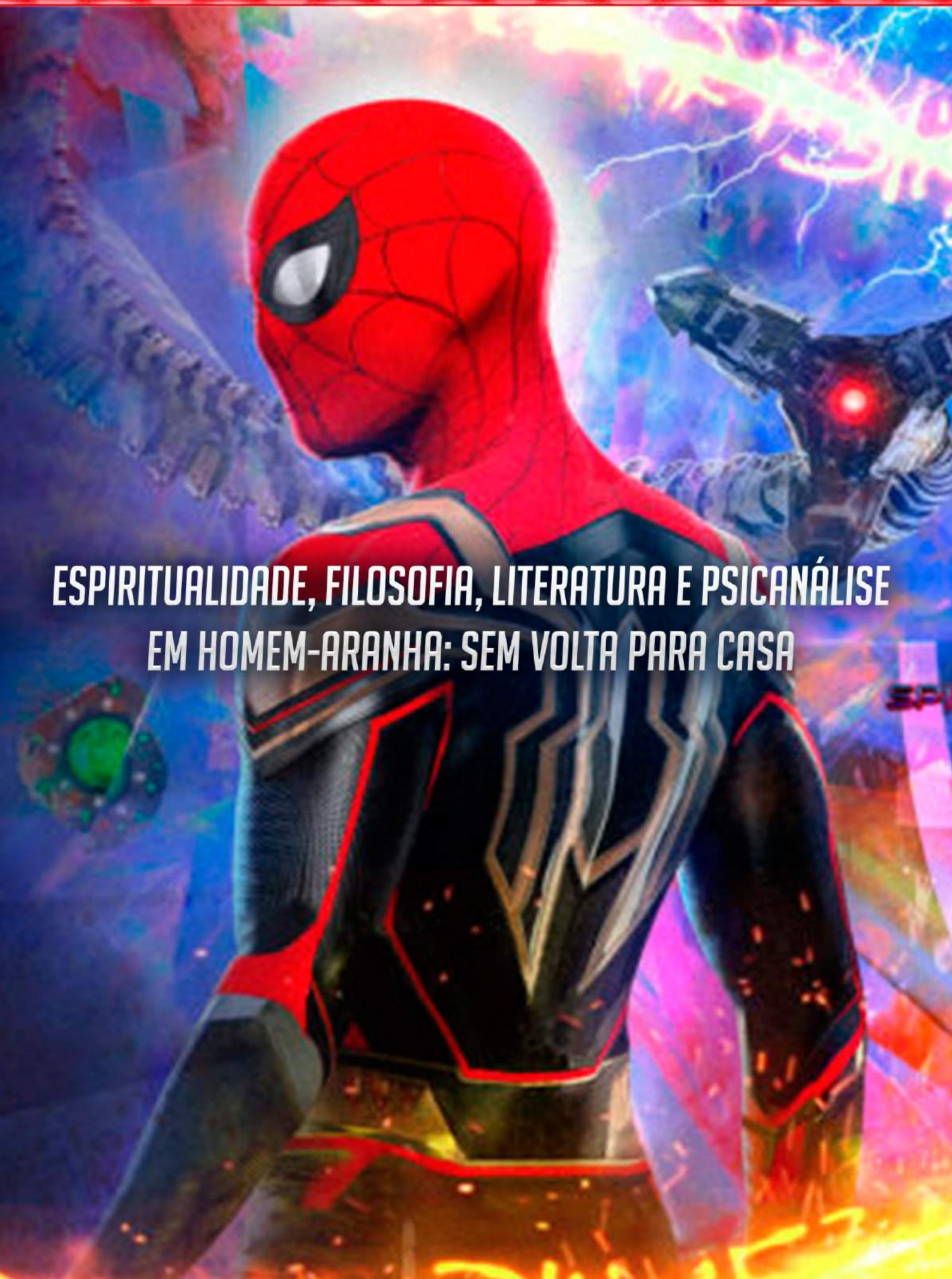
É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



**POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO**

**ESPIRITUALIDADE, FILOSOFIA, LITERATURA E PSICANÁLISE  
EM HOMEM-ARANHA: SEM VOLTA PARA CASA**





O fenômeno cinematográfico *“Homem-Aranha Sem Volta Para Casa”* envolve análises de teoria narrativa que venham a encabeçarem, as várias facetas do homem na contemporaneidade, procurando algum sentido existencial do que possa valer lutar, escondendo sua real identidade, perante um mundo que se acostumou a viver de mentiras e de certa forma está a cada momento vociferando, que é sempre necessário se reinventar psicologicamente e socialmente.

Doutor Estranho um dos personagens principais da trama, é um representante de um *“derridarianismo”* elegante, que vê a realidade como uma *“vontade de se fazer justiça”*, que tem a urgência a se *“representar”*, evidenciando, que devemos desconfiar do que pode ser provado pela física, não no sentido de refutar seu empirismo, mas sim que há diversas formas de se empreender a compreender o labirinto de uma intelectualidade que vai se transpondo lentamente para evidenciar polivalentes formas de uma estética de sociabilidade que seja volúvel, mas que ao mesmo tempo detém uma biomecânica, que se empenha existencialmente, na métrica psicológica, em se aquartelar dentro de uma propedêutica sentimental do senso-comum em acreditar unicamente em uma forma material coletiva, que a luz representa, perante captar sua sinergia, que passa pela fôvea particular de cada um.

De certa maneira sua *“mise en scène”*, é uma viagem por labirintos da loucura, onde o homem se vê duplicado, em uma analogia pessimista a lá José Saramago, que faz com que as pessoas possam caminhar por absurdos ontológicos, saboreando um desprender da racionalidade, que assim encontra na transposição das paredes do senso-comum, enobrecendo sua transcendência mental.

Uma transcendência que o multiverso, ou a teoria das cordas, faz, com que haja a junção da sétima arte, com o *“inconsciente coletivo lacaniano”*, que entre o caos do pensamento subjetivista, ocorre um relaxamento do rigor em se seguir um método catártico, que possa assim ser aplicado de forma uniforme.





**“O Esquecimento é apenas uma brincadeira a-histórica”**, que “produz o riso, mas que recondicionada incorpora, a lucidez de universos paralelos, que apenas alguns privilegiados detêm sapiência de conhecer, e que assim se reproduz para um sentido de massificação, que até mesmo no universo dos heróis, se torna algo muito maior, ao qual o poder, não pode ser revelado para todos.

A Loucura do Homem Aranha Sem Volta Para a Casa, está em desafiar a cada instante os limites da ciência história, ou seja, pode haver sempre uma construção de fatos, que assim se esconde por entre suas entranhas empíricas, novos maneirismos e mecanismos de construir um objeto de discussão que parte do particularismo, para assim em pequenos fragmentos refazer novas gnoséses, em como entrever o homem como agente modificador de sua sociabilidade, gerando assim uma organicidade de mecanismos a se refutar, que o que vemos, pode ser automaticamente um caminho de controle mental, em se afirmar uma verdade arbitrária, como sendo ela universal.

**“Ou seja, usando dos preceitos de Milan Kundera, com os micros mundos de leitores dialéticos na biblioteca central de todo pensamento humano, contendo uma pitada de Jorge Luis Borges”**, a narrativa fantástica – política, de Homem Aranha: Sem Volta Para Casa, é uma releitura de tramites eufemísticos, em modificar conjecturas comportamentais, quanto à captação da realidade moral e física, que possam modificar a recepção de modificação de uma estrutura física multifacetada.

A concepção estilística de direção, Jon Watts, em colocar três intérpretes da mesma personagem em um foco de ação unívoco, (Tom Holland, Tobey Maguire e Andrew Garfield), reforça a concepção que tudo é volúvel (não líquido, segundo Zygmunt Baumann), mas sim que a própria arte, procura caminhos para se reinventar entre disparidades de intelectualidades, que possam assim refazer, um espaço de atuação, onde dentro de um mesmo personagem possa haver flancos, para que cada ator, se individualize, rompendo **“a quarta parede de Stanislavski”**, para assim experimentar, as sensações intrapsíquicas de que em torno do mesmo papel, podem transcorrerem elementos semiológicos, de motivação. para a geração de cromossomos lúdicos de um psicologismo, a se insuflar uma sustentação do fato histórico, que utiliza da ficção, para fundamentar suas bases empíricas.

Ou seja, colocar três intérpretes de um mesmo personagem, dentro de metacontingências em tentar dar uma ordem em meio ao caos, é diretamente uma resposta para a validação de uma polissemia de atitudes, que pode assim verificar a urgência, de gatilhos neurológicos na heterogeneidade em como se empreender, procedimentos para um crescimento diacrônico, nas maneiras de como despertar reflexões acerca do que se vive e aprecia, estando focados em um existencialismo polimorfo, que venha assim, **“despertarem antagônicas intelligentsias”**, em torno de simulacros de fazer cinema, que possa, assim se utilizar de diversificadas ornamentações semânticas no sentido de uma disseminar **“organons críticos”** em torno de um objeto de ação em comum entre os pluralismos, da desconstrução bioenergética cinematográfica fantasiosa, que use o tato da sua áurea imaginativa, em entreter como também, a conscientizar seus observadores e apreciadores, que suas diretrizes podem ser mudadas dentro do campo de vista do observador em particular, para assim gerarem articulações

de eloquências interpretativas, que ao mesmo tempo sejam dinâmicas, mas sem perder o enfoque central de possibilitar um sonhar, que não seja claustrofóbico.

Tanto que esse sonhar pode estar relacionado a uma questão *“espiritual kardecista”* quanta a personalidades que venham a transcenderem, aquém de um sentido atemporal, que vão se reescrevendo dialeticamente no tempo atual, utilizando de fótons narrativos de suas memórias passadas, que assim venham a deixarem um sentido epistemológico, que *“a presença dos três homens aranhas”*, deixaram uma construção de personagem, que ultrapassa o sentido fenomenológico da fantasia e da ficção, e que vão forjando fenótipos de um multiculturalismo, que assim esteja voltado para uma ação fílmica, que leve o espectador, a conter uma recepção estilística, onde em torno de um mesmo campo analítico, está um sentido de imiscuir, uma opinião em torno de um mesmo *“ser fantasioso coletivista”*, que vai projetando novas vertentes, em se utilizar de movimentos espaciais no cronótopo de uma ação que a cada instante, não somente passa um significado de sua áurea intelectual, mas sim a estar atrelada em um daguerreótipo filosófico em torno de uma cena psicobiológica desconcertante, em se utilizar de um personagem que vai se dividindo, em várias partes.

Essas partes passam pelo sentido mental, onde transcorre uma reavaliação ininterrupta de como o indivíduo pode conter vários caminhos libertários frente a uma predestinação social pústula e frenética, fazendo com que seu espiritual transgrida sentimentos que podem ser, formados a partir das frustrações coletivas e individuais que se ornamentem em memórias coletivas que possam perpassar uma para o *“outro”*, tanto um caminhar de argumentação, perante um sentimento de pessimismo em relação á vida, mas alargando seu corporal de possibilidades em se ter um aumentativo do seu endoesqueleto, que vai além da sua estrutura material original, ou seja fazendo um sentido alusivo na possibilidade de uma replicação de um *“ser”*, que possa estar concomitantemente em diferentes multiversos.

Nesse sentido tanto a *“teoria da relatividade”*, como o *“biopoder”* e a *“bioética”*, entram em uma gama de análise, onde as questões dos universos paralelos servem como uma combustão ideológica arquejante, para o crescimento de novos embates intelectuais, que assim venham a se utilizarem da fantasia como uma maneira, de nortear, novos traçados de combater o parasitismo crítico, em se enxergar nos filmes de super-herói, somente como algo sendo eternamente maniqueísta, e que lute contra a taxaço mercadológica de uma *“indústria cultural, predatória da modernidade”*, onde o que importa é deixar um psicologismo nefasto de vender e vender a todo custo, mas que se esquiva de que para que alguém receber os júbilos de seus méritos, são necessários construções sucessivas de elementos morais em se aprender com os fracassos e as derrotas.

E de certa maneira os três homens aranhas, têm cada um algum ponto de conturbação pessoal em aceitar *“suas limitações pessoais”*, que vão desde o luto de alguém ao qual amava incomensuravelmente, a timidez e o bullying, ou a dificuldade em lidar com o público e em manter uma vida dupla.

Nesses aspectos pessoais, está demarcado, que os heróis necessitam de compreensão quanto as suas limitações emocionais, que assim como qualquer mortal,



também sofrem com as incertezas, lançando assim uma forte criticidade quanto a um *“mesmerismo”*, em se projetar como sendo inteiramente imbatível.

Uma questão de identidade social e psicossocial, em como se colocar um axioma, perante uma globalização que assim vai se destruindo aos poucos, um cunho, de humanização ética de *“amor pela humanidade”* que possa assim abraçar todas as pessoas, dentro de um rizoma político, que venha oferecer esperanças de dias melhores, sem precisar chegar ao *“absurdo teleológico e metafísico de um messias salvacionista pop”*, de necessitar do supra-humano, para conter uma legitimação forte de proteção civil coletiva.

A discórdia do sarcasmo deixa um gosto pejorativo de insegurança, em uma obra cinematográfica que detém em suas imanências mais profundas o sentido em divertir, mas que inconscientemente revela a uma reflexão epistemológica, do espiritualizar e do criticar, que venham assim a se projetarem, como uma onda forte de *“cultura pó”*, que em um primeiro momento entra no tradicionalismo do bem contra o mal, mas um bem, que já está amaldiçoado pelo mal, ao qual não há um inseticida benfeitor, que seja protagonista de uma moral eficaz, que possa tirar o homem do seu balaio de preconceito em relação ao que não consegue conhecer, ou conquistar de forma escravista.

*“Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa”*, deixa revelado, que a humanidade ainda se procura fazer um bom lugar, mesmo se apegando violentamente ao vulgar.



#### **Clayton Alexandre Zocarato**

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br)

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>



# O SOM

POR ALEXANDRA GOMES DOS SANTOS MATOS

Havia muita gente no recinto  
E o som incomodava muito  
Havia o seu sorriso e o seu existir  
E o som que destruía tudo  
Havia você  
Havia para mim  
Mas, o som, o som, o som  
O som que havia  
Meu Deus!  
O som atravancou o prosseguir!!

**Alexandra Gomes dos Santos Matos** é Mestra e graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Teve dissertação de mestrado aprovada com Distinção e Louvor, além de ser advogada, inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), na seção da Bahia. É professora efetiva de Língua Portuguesa, de Literatura Brasileira e de Direito Constitucional, na condição de Servidora Pública da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, bem como de docente do Colégio Santo Antônio de Jesus (Sistema COC de Ensino), além de ser membra do Grupo de Pesquisa Múltiplas Linguagens da UNEB, campus V. É bacharela em Direito, especialista em Estudos Linguísticos e Literários, em Direito Educacional, além de Educação e Direitos Humanos, assim como é pós graduanda em Advocacia Cível pela Escola Superior de Advocacia Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil.



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR ARISTIDES CORBELLINI

POR ADEMIR PASCALE



**Aristides Corbellini** é engenheiro, empresário e, mais recentemente, se tornou também escritor. Seu primeiro livro, “Augusto Líbero, uma vida de lutas”, é um romance histórico ambientado no Brasil do século XIX e da escravidão. No seu segundo livro que está sendo publicado, “Memórias de Antonio Torelly, Conde de Bergamo”, aborda um tema mais leve e fantasioso, com toques de humor. O autor é casado com Giselle Corbellini, mora no Rio de Janeiro e tem quatro filhos.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Aristides Corbellini:** Este livro começou a ser concebido num fim de semana que meu filho João Felipe e eu passamos juntos na minha casa em Angra, em agosto de 2014, durante uma de nossas caminhadas matinais. Desde o primeiro momento seria um romance histórico, e fiquei impressionado com as ideias que iam surgindo, misturando a realidade histórica com a criatividade do João Felipe.

O próprio local em que nos encontrávamos proporcionava várias ideias, uma vez que, após a lei Feijó de 1831, foi para a região de Angra dos Reis que se dirigiu o contrabando de escravos.

Aos poucos o livro foi tomando corpo e tivemos muitas, longas e prazerosas conversas sobre o projeto, durante outras tantas caminhadas. Os personagens iam aparecendo, e João Felipe ia colocando-os no contexto do romance.

Naquela época, ele cursava História, na PUC do Rio de Janeiro, e essa foi a prioridade absoluta por algum tempo, mas as conversas sobre História e sobre o romance continuavam e assim o roteiro foi se desenvolvendo.

Infelizmente, o súbito falecimento do João Felipe deixou o romance inacabado. Em homenagem a sua memória, resolvi levar adiante a empreitada e concluir o livro.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Aristides Corbellini:** No romance histórico, começo pela escaleta (sinopse), pesquiso os períodos históricos envolvidos e, a seguir, insiro os personagens e procuro retratar os fatos históricos através das suas falas.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Aristides Corbellini:** O capítulo 13: Augusto na Guerra do Paraguai.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Aristides Corbellini:** amazon.com.br; loja.editoraalbatroz.com.br; Livraria da Travessa.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Aristides Corbellini:** Escrever é muito prazeroso, não tenham pressa e pesquisem muito, mesmo para romances de ficção. Não cometam erros do tipo de hospedar um personagem no Hotel Copacabana Palace em Brasília.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Aristides Corbellini:** Sim, está sendo publicado, “Memórias de Antonio Torelly, Conde de Bergamo”. Trata-se de um romance onde o protagonista, o Conde, relata estórias de uma vida passada em tempos históricos distintos, contadas de forma leve e bem-humorada, descrevendo não apenas situações divertidas, mas também um mundo em constante mutação, entre a metade do século passado e os tempos atuais, com algumas paradas na corte de Luís XV. As aventuras se sucedem freneticamente, ambientadas em países dos cinco continentes, pulando de Montecarlo ao Tahiti, da Sicília a Tehran, do Perú à União Soviética. É um ritmo aparentemente caótico, mas a alternância do tempo e dos lugares passam a ser aliados e se integram criando sentido em algo que não foi feito para ter sentido algum: o amor, em sua versão mais pura, e a própria vida, em seu aspecto mais humano.

Estou escrevendo “Augusto Líbero – Parte II, a luta continua” que, como diz o próprio título. É a continuação do primeiro livro.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: “Queda de gigantes” de Ken Follet.

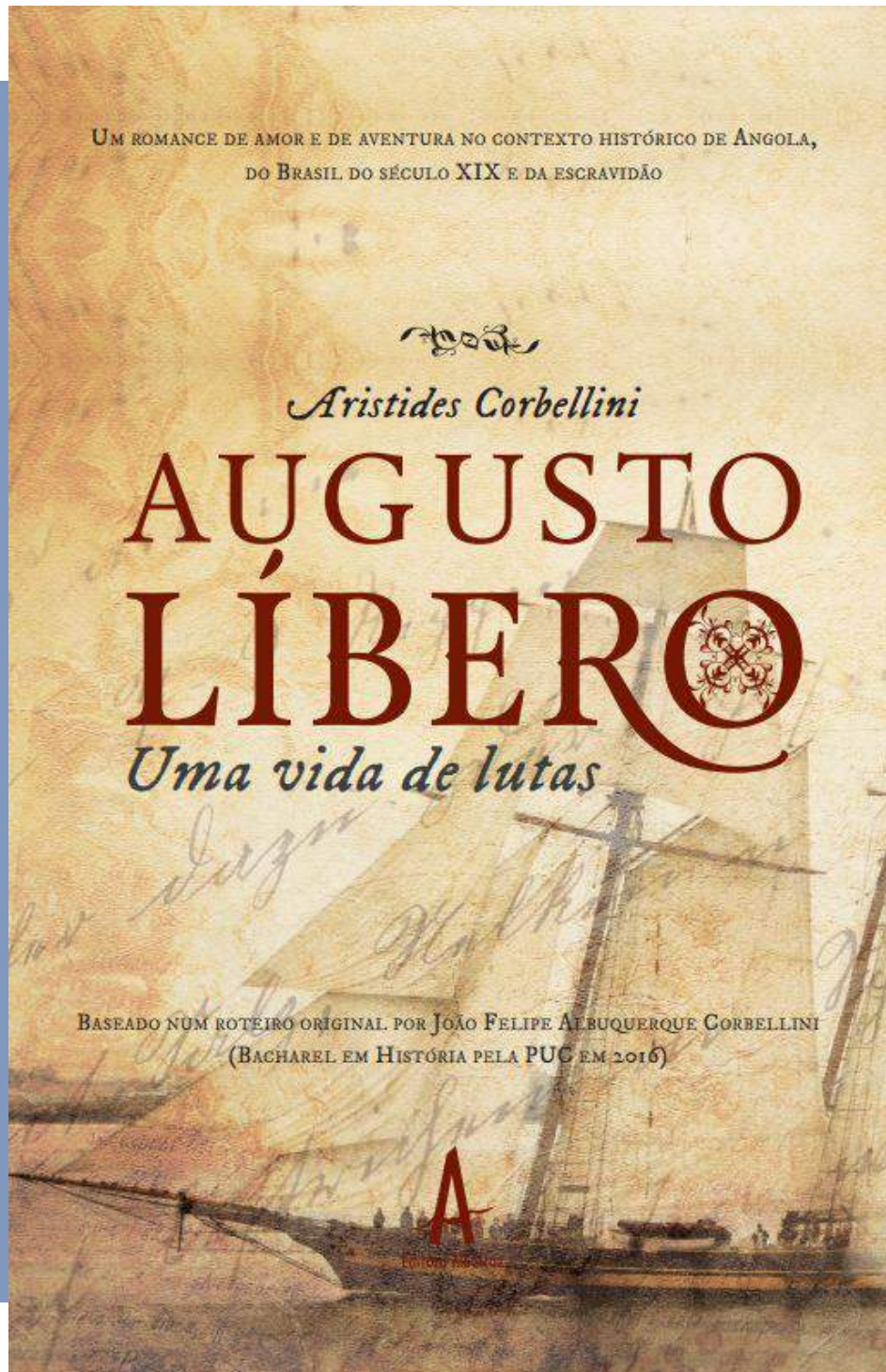
Um ator ou atriz: Clint Eastwood.

Um filme: “The good, the bad and the ugly” de Sergio Leone. O título em português é: Três homens em conflito.

Um hobby: Golfe.

Um dia especial: Um dia em Paris ou Veneza com minha mulher Giselle.





Para adquirir o livro: [amazon.com.br](http://amazon.com.br); [loja.editoraalbatroz.com.br](http://loja.editoraalbatroz.com.br); Livraria da Travessa

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA BEL WELLS POR ADEMIR PASCALE



**Gisabel Ferreira Gomes (Bel Wells)** nasceu em Juiz de fora no estado de MG em 05/02. Pedagoga, professora do ensino infantil e fundamental, leciona hoje em duas escolas de São Paulo. Estudiosa de Filosofia e das ciências esotéricas. Casada, mãe de duas filhas e dois enteados. Escreve desde os 13 anos, e no ano de 2020 alguns de seus poemas foram selecionados e fizeram parte de várias antologias. Escreve sob o pseudônimo de Bel Wells, apelido de infância que escolheu após ter assistido na tv a história de uma mulher que enfrentou a morte e renasceu para o mundo como uma grande estrela. A Consciência humana, o despertar dela e o nosso papel neste mundo, são sempre temas presentes em suas obras.

## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Bel Wells:** Ler é uma paixão, escrever é uma meta que sonho há tempos. Meu início na arte de escrever foi mais ou menos aos 13 anos, compartilhando pequenos poemas na escola. Em 2019 decidi participar de algumas seleções literárias e alguns de meus textos fizeram parte de antologias e premiações. Caminho sem volta. Ser escritora, professora e poetisa... um chamado.

**Conexão Literatura: Você é autora do e-book Busca - Uma vacina metafísica em todos os tempos. Poderia comentar?**

**Bel Wells:** Busca não é um livro. É o lugar onde me encontro hoje. Seu título já muito nos fala. O que promete uma vacina... uma vacina não promete a cura, ela é a preparação biológica, o estímulo para que seu próprio corpo adquira condições para enfrentar uma doença. Assim, de uma maneira simples e uma linguagem colorida com rimas, este livro carrega uma mensagem simbólica, como uma substância invisível que procura dar ao seu leitor, um sentido para nossa trajetória do quem somos e para o que viemos. Busca fala de um despertar da consciência, momento fundamental para cada ser único e, através desse despertar a possibilidade de abrir todas as portas, resolver cada situação, pela maneira como se posiciona diante dela. Um novo olhar Humano sobre todas as coisas.



Ser um buscador, é um privilégio misterioso e sagrado numa jornada regida por leis universais que nos levam sempre mais além.

**Conexão Literatura:** Quanto tempo levou para reunir os seus textos e concluir a sua obra?

**Bel Wells:** Aproximadamente um ano. Alguns poemas já haviam sido escritos, alguns foram alegremente reencontrados em velhas caixas e outros ganharam forma nos meses mais reclusos da pandemia.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Bel Wells:** O Poema Mensageiro considero grandioso. A ideia da conexão humana é a primeira porta aberta. Somente juntos somos a real representação do Divino. A linguagem da natureza, como ela se comporta, como cada ser reage cumprindo com magnitude a sua função, nos ensina com toda delicadeza e amor. Cada poema é único e todos carregam uma mensagem.

**Conexão Literatura: O que tem lido ultimamente?**

**Bel Wells:** Alguns livros clássicos como O Profeta ( Kalil Gibran). relendo obras que me marcaram, e no momento A Teia da vida de Fritjof Capra.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você?**

**Bel Wells:** O livro Físico busca ainda não está publicado, mas há essa pretensão. É possível fazer o download gratuito no site Divulga Livros: <http://www.divulgalivros.org>

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Bel Wells:** Sempre. O tempo foge e as mudanças são aprendizados. O irmão mais novo de busca, Chamado, já está em preparação. Parcerias e Participações em eventos literários estão em pauta.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: O Caibalion (Os três iniciados)

Um (a) autor (a): São muitos, mais pela inteligência, competência, originalidade e grande ser humano, Ariano Suassuna!

Um ator ou atriz: Octavia Spencer

Um filme: Estrelas além do tempo

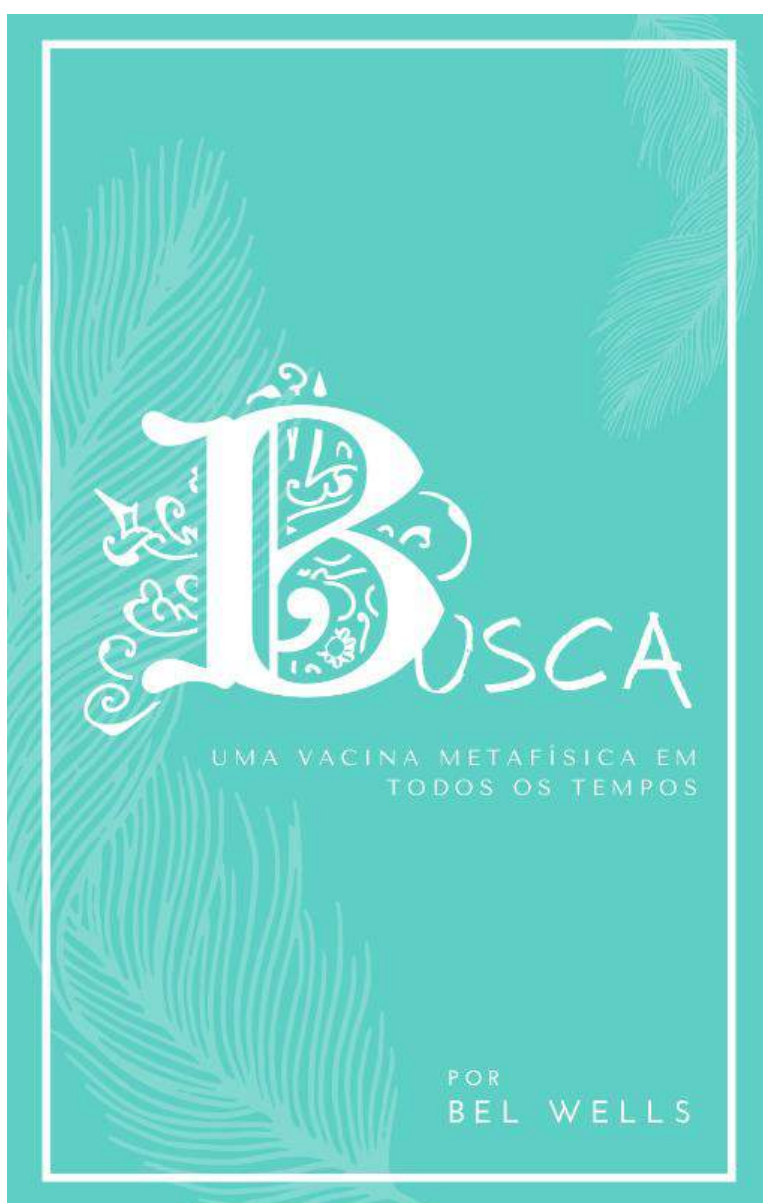
Um desejo: Que a ideia de termos um mundo melhor não seja apenas o desejo de alguém; Assim como aquilo em que eu penso hoje, transforma minha realidade, o que toda uma geração pensa, construirá o nosso amanhã. Que o ano de 2022 possamos dar um

pequeno passo em direção a nossa autotransformação, em seres humanos mais buscadores e melhores.

Um dia especial: o pôr do sol do dia 19/1/91 e o nascer do sol do dia 04/3/94.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Bel Wells:** Agradeço e parablenizo a revista conexão Literatura, levando a Arte literária sempre em frente. As palavras tem um poder silencioso e capaz. Aos que leram essa entrevista até aqui, o meu grande Obrigada. Para contato: belwells@gmail.com. Nesta jornada chamada Vida, duas ferramentas são necessárias para te levarem até seu grande sonho. Decisão no plano das ideias e perseverança no plano físico, busque tua essência, o sentimento sempre te guiará.



Para baixar o e-book, acesse: [www.divulgalivros.org](http://www.divulgalivros.org)



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR FELIPE HEIDERICH

POR ADEMIR PASCALE



O filho mais velho da Dona Nerli é escritor, empresário, teólogo e estudioso de grego e hebraico. É mestrado em Divindade e pós-graduando em direitos humanos. Como escritor possui 3 best sellers entre os livros escritos. E um dos seus títulos “Encontro Marcado” pela Editora Arcádia. Até 2016, como conferencista internacional, foi pastor sênior da Igreja AME (Aliança Mundial de Evangelização e Ensino), ano em que sofreu um dos maiores ataques de destruição de imagem já arquitetado na história. Uma história marcada por violência, perseguição, tortura, fé, desespero, medos, decepções e grande superação e resiliência que tem inspirado milhares de pessoas. Levou quase 4 anos para fazer valer a justiça, considerado inocente em todas as instâncias onde foi julgado, inclusive com o aval do ministério público. Possuindo quase 1 milhão de seguidores em suas redes sociais, Heiderich é Alguém que ama a Deus, gosta de bichos, plantas e café.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Felipe Heiderich:** Sempre gostei de escrever. Na escola, as redações eram sempre divertidas para mim, mas nunca acreditei que o que eu escrevia poderia ser relevante para mais alguém além de mim. A surpresa veio com o advento da internet e alguns textos meus começaram a se tornar muito populares em vários sites. Ainda hoje não me sinto um escritor. Apenas alguém que compartilha histórias.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Sob os Laços da Maldade". Poderia comentar?

**Felipe Heiderich:** Esse é sem dúvida alguma o livro mais visceral que já escrevi. Se inserir na história e desnudar a alma é desafiador, mas tenho certeza que o livro marcará a vida daqueles que se dispuserem a ler, mesmo em muitos momentos, ser “pesado” creio que as pessoas não apenas sofrerão, mas verão que o dia sempre voltará a brilhar.

**Conexão Literatura:** Quanto tempo levou para concluir seu livro? O que foi mais difícil durante a escrita?

**Felipe Heiderich:** Levei mais de um ano. Na realidade, a medida que os fatos iam acontecendo, eu apenas anotava uma frase, como em um diário, mas não conseguia escrever. O caos era tão grande que eu mal conseguia ler. Em 2020 um pouco mais recuperado de toda dor comecei a esboçar. Mesmo assim, levei um ano com intervalos de meses entre capítulos, pois quando narrava eu revivia e sofria novamente. Adoeci algumas vezes, mas no final do ano, enfim consegui concluir.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

**Felipe Heiderich:** Acho que o capítulo: “da janela do quarto, a minha Mãe” vai emocionar a todos. Fala do cuidado de Deus nos piores momentos da vida. Todos que leram o manuscrito, falaram que choraram nessa parte. E acho que realmente consegui passar a dor e o alívio do momento. Era o momento que eu tinha sido resgatado do hospício e mesmo depois de tantas torturas, estava sendo levado para prisão.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Felipe Heiderich:** O lançamento será pela Editora Arcádia (que também possui outros títulos de minha autoria) e neste momento está em pré-venda no site [www.editorarcadia.com.br](http://www.editorarcadia.com.br) e futuramente em todas as plataformas e livrarias.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Felipe Heiderich:** Sim. Tenho pelo menos mais umas 5 ideias colocadas no papel para produzir, mas esse ano ainda virá um romance ficção que vai quebrar alguns tabus, causar algumas polêmicas e esclarecer muitos fatos, além claro e surpreender os mais exigentes por aventuras e conspirações.

### **Perguntas rápidas:**

**Um livro:** O Fator Melquisedeque

Um (a) autor (a): Agatha Christie

Um ator ou atriz: Keanu Reaves

Um filme: Ben-Hur e O Rei Leão

Um dia especial: 11/09 - reaprendi a viver e valorizar aniversários

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Felipe Heiderich:** A primeira vez que você acorda em cativeiro, depois de conseguir dormir um pouco, com muita dificuldade, você acha que está livre. Por alguns segundos seu cérebro ainda não processou e você se esqueceu.

Você perde a liberdade, muitas e muitas vezes, vez após vez, até se acostumar que está preso.



Abaixo o link da pré-venda:

<https://www.editoraarcadia.com.br/produtos/pre-venda-sob-os-lacos-da-maldade-de-09-12-2021-a-25-01-2022/>

Instagram: @editoraarcadia

Site: [www.editoraarcadia.com.br](http://www.editoraarcadia.com.br)



# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez  
um outono*



*Roberto Schima*

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON



# ENTREVISTA COM A ESCRITORA GRAZIELA BARDUÇO

POR ADEMIR PASCALE



**Graziela Barduco** é atriz, escritora e mestre em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena. É autora dos livros "Na Rima da Menina" (editora Versejar), "Lutei Contra 100 Leões - Todos os 100 eram Jumentos" (editora Feminas) e "A Menina e o Pé" (editora Guismofews).

## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Graziela Barduco:** Eu costumo dizer que me descobri escritora em meio ao meu processo de pesquisa de mestrado. Na realidade eu sempre tive o hábito de escrever poesias, desde muito pequena, mas era sempre como uma espécie de desafogo perante as angústias com as quais me deparava. Durante o desenrolar do mestrado, que é um período muito intenso, bem como extremamente estressante, passei a escrever quase que desenfreadamente, como forma de alívio perante as angústias e demasiada ansiedade do momento em questão. Como acabei ficando com uma produção muito extensa (e intensa) ao final deste período, acabei decidindo publicar meu primeiro livro, o "Na Rima da Menina" (pela editora Versejar), além de passar a publicar em diversas coletâneas e antologias desde então. E daí por diante não mais parei.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "O sapinho e o bumbum". Poderia comentar?**

**Graziela Barduco:** "O Sapinho e o Bumbum" surgiu a partir de uma ideia que tive durante os cuidados com meu bebê, enquanto eu lhe dava banhinho, em seus primeiros meses de vida. Ele foi todo escrito em formato de poesia, utilizando a métrica da embolada, que é uma forma muito utilizada na poesia popular brasileira, estilo pelo qual sou apaixonada. A história aborda as divertidas constatações de um sapinho muito curioso, que, ao cair sentado no chão, percebe uma nova forma de brincar e de enxergar o seu arredor.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Graziela Barduco:** Eu acredito que o hábito da leitura mantém nossa mente estimulada, instigada e capaz de lançar mão das mais diversas conexões, potencializando assim a aptidão da escrita. Ademais, no meu caso específico, as ideias vão surgindo a partir de tudo aquilo que está à minha volta e de tudo aquilo que eu vivencio. Não há algo em específico que desencadeie motes interessantes para a escrita de um poema, por exemplo, pois às vezes eles surgem a partir de elementos que eu jamais imaginaria que poderiam desembocar em uma escrita tão significativa. Na maioria das vezes deixo tudo fluir. Início um projeto e deixo irromper as ideias subsequentes.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Graziela Barduco:** Bem, acho que gostaria de apresentar as duas primeiras estrofes do livro, na esperança de aguçar no leitor a curiosidade e a vontade de degustá-lo na íntegra.:

"Era uma vez  
Um sapinho pequenino,  
Com carinha de menino  
Que gostava de pular.

Um belo dia,  
O sapinho escorregou  
E então titubeou  
Na hora de levantar."

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Graziela Barduco:** É possível adquirir este e meus outros livros através da minha lojinha virtual, pela plataforma Iluria. Em meu site, bem como em minhas redes sociais há um link de acesso para esta plataforma. Nas redes sociais é só procurar por Graziela Barduco e meu site é <http://grazielabarduco.com.br>.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Graziela Barduco:** Leiam bastante e principalmente se libertem das amarras. Acredito que deixar as ideias fluírem, num primeiro momento sem tantos julgamentos, sem tanta pressão, é primordial.

Eu, em geral, parto do pressuposto de que não se é possível agradar a todos, bem como penso que, se o que eu escrevi foi verdadeiro o suficiente, bem como conseguiu denotar minha essência, a alguém ele deverá interessar. Com este pensamento, um tanto ousado, é



que lanço minhas palavras por aí, e intuo que se não tivesse esta pitada de ousadia nele, jamais conseguiria compartilhá-las, tendo em vista o fato de que, em cada escrito meu é como se eu me desnudasse por completo, deixando em evidência toda a minha fragilidade, por assim dizer.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Graziela Barduco:** No momento estou bem focada na divulgação do meu novo livro infantil, o qual no final deste mês será lançado na Livraria PanaPaná, especializada em literatura infantil, em São Paulo. Estou feliz com a realização de mais este projeto, bem como na expectativa para saber como ele será recebido, sobretudo pelos pequeninos.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco.

Um ator ou atriz: Helena Albergaria.

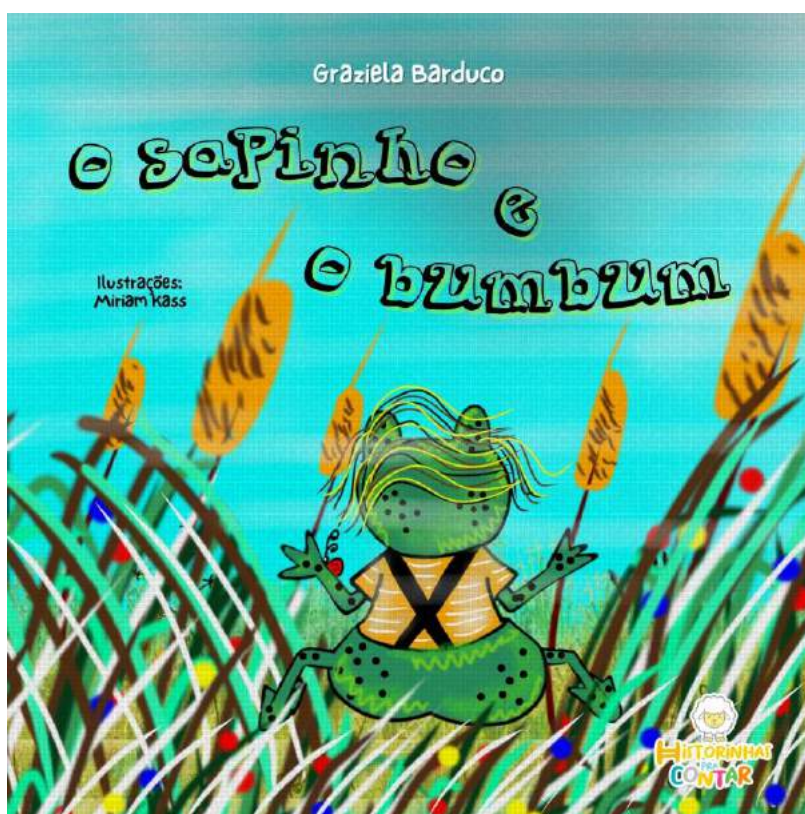
Um filme: "O Jardim Secreto", de Agnieszka Holland.

Um hobby: Viajar.

Um dia especial: O dia em que meu filhinho Davizinho nasceu.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

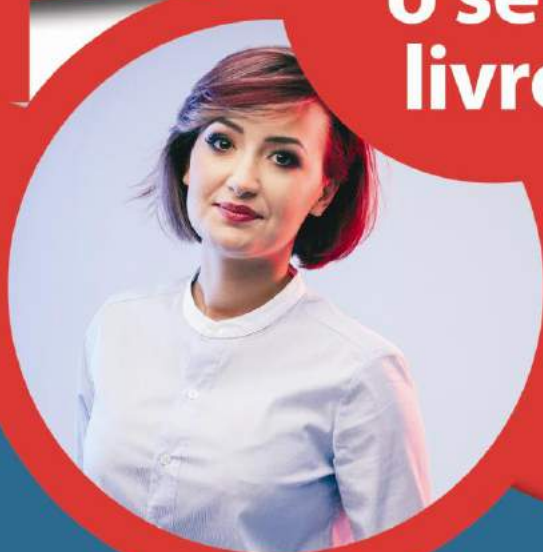
**Graziela Barduco:** Gostaria de convidar a todos e todas para o lançamento do meu novo livro infantil, "O Sapinho e o Bumbum", que será realizado no próximo dia 29/01, das 14 h. às 17h., na Livraria PanaPaná, na Rua Leandro Dupret, 396, Vila Clementino, São Paulo-SP. Espero vocês!





REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue  
o seu  
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO  
PARA AUTORES**

**POR APENAS**

**R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

**Bônus:**

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

## DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

# SAIBA MAIS. ACESSE:

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Ou escreva para: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA POR ADEMIR PASCALE



Tenho poemas publicados em vários Livros, no Brasil e no exterior. Normalmente, são Concursos e, desde que decidi a participar, sempre a Comissão Julgadora aceitava meus trabalhos nos Livros.

A minha principal atuação está centrada na cidade de Lisboa-Portugal, em que participo do Projeto da Editora Colibri, coordenada pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES, no Livro MUNDO(S). Comecei na edição número 6 e, hoje, já estamos na edição 18.

Em Lisboa, no dia 21.09.2019, participei da Mesa de Debates sobre o tema ESCREVO POR QUÊ. Nas participações no Brasil, recebi uma Menção Honrosa no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA.

Sou Acadêmico da Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta -RS, em que ocupo a Cadeira de número 203.

Na parte musical sou autor da letra de cinco músicas. Nas letras a Renee Brazzil colocou as melodias.

## Entrevista

### Conexão Literatura: Como foi o seu início no meio literário?

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Para melhor compreensão, darei informações de como aprendi gostar de escrever. Sou descendente de família simples. Meu pai era bancário e minha mãe, além dos serviços domésticos, era costureira.

Na idade de 15 anos, na cidade de Juiz de Fora - MG, começou a trabalhar em um “ateliê” de costura. Naquela época, as mulheres da sociedade usavam o “ateliê” para a confecção dos seus vestidos. Assim, ela pela sua dedicação de muitos anos, tornou-se uma das principais funcionárias no trabalho.

Após o casamento, foi residir em Três Rios – RJ, e, para complementar as despesas, começou a costurar para fora aproveitando os conhecimentos peculiares na costura.

Eu, já com 8 anos de idade, tinha muita pena dela, pois, após o trabalho diário, ficava até tarde da noite costurando. Procurando acompanhá-la, me colocava ao lado da máquina de costura e lá ficava até o momento em que ia dormir.

Para me dar uma ocupação, ela providenciava lápis, borracha e papel e colocava alguma peça qualquer sobre a mesa e pedia para eu descrever. E, por ali, já naquela idade, partia a navegar naquele mar da redação.

Em outra oportunidade, sorrindo me desafiava. Dizia uma frase e pedia para que eu escrevesse todo o meu entendimento.

Foi assim, o início do meu aprendizado para aprender enxergar imagem e descrever, bem como escutar uma frase e dar o entendimento.

Passado o tempo, chego agora aos meus 24 anos de idade e casado. Eu me lembro muito bem que continuava ativo nesse desejo de escrever. Fazia com enorme prazer. Todavia, em determinado dia, aborrecido com a vida e com as dificuldades da ocasião, peguei todo o material escrito, devidamente selecionado e coloquei fogo. A MARIA JOSÉ, minha esposa, ficou brava comigo pelo destempero. Alegava sempre: tudo vai passar.

A partir dessa data, continuei a escrever, mas não com a mesma frequência... era tudo de vez em quando.

### **Vamos agora dar um pulo na jornada da vida.**

No ano de 2016, me aposentei. Com os dias fiquei decepcionado por não estar acostumado a ter o tempo ocioso. Me imaginei aquele Senhor idoso em frente a televisão, escutando jornais, sem mais o que fazer.

Desgostoso, tive a ideia então de aproveitar o tempo, as intuições, e começar a escrever ativamente outra vez. Assim ocorreu e o trabalho se tornou intenso.

Em um determinado dia, minha filha caçula ALESSANDRA, ao ver aquele monte de folhas escritas e querendo me ajudar, sugeriu que eu fizesse um Livro. Prontamente aceitei a ideia, juntei as folhas e contei: 160 poemas. Estava ali o primeiro Livro. O número 160 de poemas em cada Livro não é, pois, nada místico e sim uma pura sugestão. Até hoje mantenho esse número nos Livros existentes.

Aproveitando a oportunidade, quero informar que até hoje tenho 33 Livros prontos a serem editados e com 160 poemas cada Livro. Estou escrevendo o de número 39. A diferença na numeração é porque eu tenho, também, 5 romances.

Assim foi o início no meio literário e não penso em terminar de escrever tão cedo.

### **COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO JÁ EDITADO COM O TÍTULO: “MAIS DO QUE BUQUÊ”**

Após a minha participação com poemas em vários Concursos, vendo a aceitação e incentivado por familiares e amigos, decidi editar o primeiro Livro. Por alguma coincidência qualquer (não me lembro exatamente) mostrei o Livro para a Editora Trevo. Dos contatos decidi editar o primeiro Livro de poemas com o Título de “MAIS DO QUE BUQUÊ”. Claro que se tornou uma edição privada cabendo a mim 100 Livros. A minha intenção era divulgar minhas ideias, contar histórias de amor e, então, doe todos



os Livros recebidos. Foram colocados em Colégios, amigos, parentes e outras pessoas mais.

Falando especificamente sobre o Livro, como consta na NOTAS DO AUTOR, o Livro tem no seu conteúdo uma coletânea de versos em que procuro levar ao leitor, sonhos de felicidade. Procuro consignar ser maior do que aquela quando recebemos um buquê de flores.

Destaco que o linguajar é muito simples, com palavras carinhosas, populares na maneira de se sentir, a fim de que, com facilidade, o leitor possa viver dentro do contexto dos poemas. Acredito usar, até mesmo, expressões infantis, bem puras para o belo coração do leitor absorver.

Em todos os meus Livros, existe uma página em destaque com três palavras: O VERBO... A VIDA... O AMOR...

Com essas três palavras o leitor sabe me identificar muito bem. Os poemas são todos voltados a histórias de amor. Para uma melhor definição eu costumo dizer que me considero um simples “CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR”.

Para melhor informar, gostaria de dizer que recebo manifestações de leitores a respeito. As mais recentes dizem: “Li seu Livro, eu já vivi essa história! Outras, que nele também constam, gostaria de viver, mas ainda não”.

Uma característica que tenho é a utilização do sinal ortográfico “trema”. Da curiosidade respondo o porquê do uso intenso desse sinal. Um dos prazeres que tenho após os poemas é fazer a declamação. Sinto no meu interior um forte desejo e quero, assim, com o leitor compartilhar. Nessas paradas, há a respiração, que sempre aspiro, que o leitor também o faça e se sinta tão alegre quanto o poeta.

Eu adoro declamar. Tenho em meu celular devidamente gravados, cerca de 500 poemas declamados com músicas ao fundo. Assim a justificativa da colocação do “trema” com o devido cuidado gramatical. Em pensamento, imagino o leitor também respirando como se estivesse declamando. A alegria me toma, o poema se apresenta mais delicado, talvez até mais bonito com a entoação.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo demorou para escrever o seu livro?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** As pesquisas são intuitivas e tiradas desse “cofre” (o coração). Às vezes de uma palavra, fecho os olhos materiais e passo a olhar com o OLHAR DA ALMA. Incentivo sempre aos leitores a leitura dos poemas com o OLHAR DA ALMA.

Para escrever este Livro iniciei os trabalhos no dia 01 de setembro de 2020 e terminei no dia 21 de novembro de 2020. Todos os Livros estão assim cadastrados nos mínimos detalhes. Qualquer poema tem a data ao lado da minha assinatura.

Por gostar do que faço, sempre começo a escrever tão logo após o café da manhã. Escrevo com a caneta, junto algumas folhas, faço correções (se for o caso) e depois coloco no computador. Neste período do vírus, últimos dois anos, fico escrevendo o dia inteiro, todos os dias, posto que estamos confinados em casa para melhor proteção.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** A pergunta além de ser interessante é inteligente, mas bem difícil de se responder. Ao destacar trechos especiais, sem sombra de dúvidas, estaria fazendo julgamento pessoal dos poemas, considerados como frutos do coração que, por mim, são todos belos.

Para melhor exemplificar, eu, poeta, comparo um Livro de Poemas a um jardim. Os poemas ali distribuídos, encharcados de poesia, são as flores que, carinhosamente, foram plantadas pelo fiel “jardineiro”. Assim, quando olho para esse jardim, se porventura ainda não está florido, pelo menos mostra o “colo” verde amparando a cada broto de flor que está pronta para aflorar. Então, quando o fenômeno se dá, todas as flores são belas. Em variadas cores se mostram as rosas, as margaridas, as azaléas, todas, enfim, esguias, bailam com sua roupagem. Cada um ao se imaginar passeando por esse jardim, terá, acredito eu, que normalmente se perguntar: qual a mais bela cor?

Vou ainda adicionar: sem imaginar no formato de tão bela flor!

Tenho certeza de que, de súbito, a admiração toma conta do coração. Como? Alguém mais incrédulo pode perguntar. Neste caso a resposta é fácil: basta olhar com os OLHOS DA ALMA!

Assim, com cada letra o poeta sonha, devagarzinho forma uma palavra, com ela navega formando um verso e este, com a não embarcação, borbulha nas ondas do mar e aporta em uma estrofe. Delicadamente formada, o poeta sorri e, na imaginação o poeta a abraça a procura do soneto, do rondó francês, ou outras coisas mais. Bate no peito! Consegui! Estou feliz!

**Conexão Literatura: Além de escritor você também é compositor. Conta como aconteceu.**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Sim! Sou compositor! Eu escrevi cinco composições. Talvez possa até chamar por pura coincidência. Ocorreu assim: eu cheguei na loja de uma amiga e ao entrar ela falou: olha ele aí!

Surpreso perguntei o porquê da referência ao meu nome com tanta ênfase. Essa amiga então me apresentou a sua cliente com o nome de RENEE BRAZZIL. O diálogo



continuou: a RENEE é cantora lírica, formada em música e deseja conhecer algum poeta para que ela tenha a oportunidade de musicar e cantar as músicas oriundas dos poemas.

Logo respondi: esse poeta sou eu!

Assim, depois de algumas trocas de mensagens e observando alguns poemas que mandei, ela fez a melodia e para minha surpresa também cantou. Ficaram lindíssimas as músicas.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir seu Livro e saber um pouco mais sobre você e seu trabalho literário?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** O leitor pode adquirir meu Livro “MAIS DO QUE BUQUÊ” no site da Editora Trevo; na Americanas; no Shoptime; no Submarino e no Amazon. Vale informar, que ainda este mês, provavelmente, será lançado um outro Livro de minha autoria com o Título: ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE! O Livro está lindíssimo e os poemas são extremamente positivos, bem do meu estilo de viver.

Para saber um pouco mais sobre meu trabalho literário, basta entrar no meu e-mail [mjgouvea@hotmail.com](mailto:mjgouvea@hotmail.com)

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Sim! Existem! Embora com 81 anos, estou sempre ativo e pronto a novos projetos. Eu tenho um amigo que diz ser eu a exata figura grega: PHOENIX! Nunca desanimo e estou sempre a procurar! Atualmente, um dos projetos é montar um Studio para eu gravar algumas declamações. Um outro seria procurar intensificar a divulgação das músicas e, finalmente, continuar escrevendo e publicar os meus Livros na maneira do possível. Trata-se de uma tarefa difícil posto que faço tudo sozinho.

### **Perguntas rápidas:**

UM LIVRO – THE SECRET, escrito por Rhonda Byrne. Acredito muito na força do pensamento. Em muitos poemas abordo que o nosso NORTE é olhar de cabeça erguida para frente. Ponha o ponto lá no horizonte e vá buscar. Certamente irá conseguir... acredite!

Gosto também de Livros com temas espirituais como os da Zibia Gaspareto, entre outros.

UM AUTOR – Não citei anteriormente sobre o tema Livros, mas o meu autor preferido é o Paulo Coelho.

UM ATOR ou ATRIZ – Sem sombra de dúvidas o Tony Ramos. Como atriz como esquecer de citar a Divina Fernanda Montenegro e a Lilian Cabral.

UM FILME – Difícil citar um, pois adoro aqueles que envolvem um romance. A preferência primeira é para aquele de uma história real. Não sou muito adepto a filmes de guerra, mesmo sabendo ser aquele tipo criado no computador.

UM DIA ESPECIAL – Cada dia para mim é especial e agradeço ao levantar: VIVER VALE A PENA! A alegria chega rápido ao meu coração. Sou simples e procuro estar sempre alegre... este sentimento acalma e faz bem à alma.

Quando participo de Concursos Literários, cada resultado, para mim, é especial e encharca-me de alegria. Sou bem infantil neste particular e vibro como se fosse uma criança. Desde que comecei a participar dos Concursos, a Comissão Julgadora sempre escolheu o meu poema para fazer parte do Livro e, isto me coloca muito feliz.

Não poderia terminar esta entrevista sem citar, com maior detalhe, os nomes e participantes das músicas. Assim temos:

A LAREIRA – Letra de Joaquim Cândido de Gouvêa e Emanuel Henriques de Castro:

ASSIM SERÁ; TE AMO COMO POETA; O AMOR NÃO TEM PRESSA; CAFÉ PERFUMADO DE AMOR – Letra de Joaquim Cândido de Gouvêa e Renee Brazzil (melodia e canto).

Muito obrigado pela atenção!

Ouçã a gravação do autor Joaquim Gouvêa declamando o poema que está na contracapa do Livro MAIS DO QUE BUQUÊ: <http://www.divulgalivros.org/audio10.m4a>

### **PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO:**

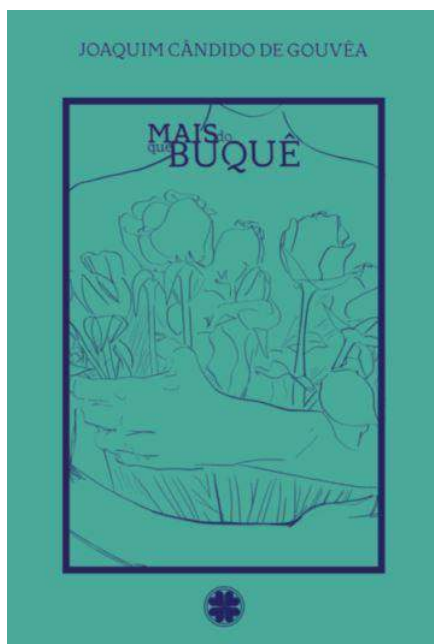
<https://editoratrevo.com.br/produto/mais-do-que-buque-joaquim-candido-de-gouvea>

[https://www.americanas.com.br/produto/3514444872?pfm\\_carac=9786558510390&pfm\\_page=search&pfm\\_pos=grid&pfm\\_type=search\\_page&offerId=60e60cbe52131c3c811e9779](https://www.americanas.com.br/produto/3514444872?pfm_carac=9786558510390&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page&offerId=60e60cbe52131c3c811e9779)

<https://www.shoptime.com.br/busca/3514444872>

<https://www.submarino.com.br/busca/3514444872>

<https://www.amazon.com.br/Mais-buqu%C3%AA-Joaquim-C%C3%A2ndido-Gouv%C3%AAa-ebook/dp/B098871856>





# ENTREVISTA COM A ESCRITORA JULIANA FERNANDES

POR ADEMIR PASCALE



**Juliana Fernandes** é casada, mãe e professora. Natural de Vitória/ES, apaixonada pelos livros desde que se lembra.

Em 2020, decidiu que era hora de transformar seus sonhos em objetivos e assim nasceu seu primeiro livro. Encontrou na escrita uma terapia, um grande prazer e uma forma de autoconhecimento. Acredita que uma das melhores coisas ao se tornar escritora são as conexões estabelecidas com suas leitoras. Autora de “Minha garota para sempre”, “Nosso primeiro Natal” e de outros livros e contos que em breve irão te encantar, se dedica em escrever histórias apaixonantes, com personagens profundos e protagonismo feminino.

## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Juliana Fernandes:** Sempre sonhei em me tornar escritora, mas com as demandas do dia a dia, deixei o sonho adormecer. Até que em dois mil e vinte, durante o isolamento social senti a necessidade de fazer algo que me desse alegria, que suprisse meu coração de toda a perda de liberdade. Foi aí que comecei a escrever de forma terapêutica. Comecei a compartilhar com algumas amigas, que me incentivavam, mas demorei a acreditar em mim. Sequer me enxergava como escritora, mas quando meu marido, que não é um leitor assíduo, leu meu livro em poucos dias e adorou, criei coragem e decidi levar este sonho adiante.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Minha Garota para Sempre". Poderia comentar?**

**Juliana Fernandes:** Minha garota para sempre é e sempre será uma história muito especial para mim. Ele conta a trajetória de Adrien e Lizelle desde a infância, onde são melhores amigos, passando pela juventude, onde se descobrem perdidamente apaixonados, mas há muitas oposições a este amor. Depois vemos os personagens mais maduros, conquistando a vida que sempre sonharam e ainda assim, incompletos. Trata-



se de sonhos, companheirismo, sobre ser fiel a sua essência e acima de tudo, sobre o poder curativo do amor.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Juliana Fernandes:** Precisei pesquisar bastante sobre a condição de saúde da Lizelle e locais onde a história se passaria. Também pesquisei muito sobre narrativa e estrutura. O fato de ser professora foi de grande valia, ainda assim, aprendi muito e desejo de todo coração, continuar aprendendo.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Juliana Fernandes:**

"— Eu estou com você! — Foram as palavras mais sinceras que já ouvira na vida. Era verdade. Lizelle estava com ele. Sempre! Nos momentos bons e ruins, ajudando-o a enfrentar seus medos. Ouvindo seus sonhos e segredos mais íntimos. Sempre com ele! Mesmo quando não estava!"

Este trecho é um dos meus preferidos e é muito citado pelos leitores, pois mostra a profundidade do amor entre Adrien e Lizelle e como é possível estar presente, mesmo à distância.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Juliana Fernandes:** Minha página no Instagram é @jufernandes.escritora e meus livros (tanto Minha garota para sempre quanto o conto Nosso primeiro Natal) podem ser adquiridos na plataforma Amazon.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Juliana Fernandes:** Sim, pretendo lançar ao menos mais três inéditos neste ano e há outros livros em diversos estágios de escrita. Simplesmente descobri minha grande paixão.

**Perguntas rápidas:**



Um livro: Persuasão

Um (a) autor (a): Jane Austen

Um ator ou atriz: Tom Hanks

Um filme: Forrest Gump - O contador de histórias

Um dia especial: Hoje.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Juliana Fernandes:** Quero agradecer a oportunidade, convidar a todos a conhecer meu trabalho que é realizado com muito amor, entrega e dedicação e acima de tudo dizer aos leitores que acreditem em seus sonhos. Pode parecer clichê, mas é isso que quero transmitir com meus livros. Eles são para mim a prova de que sou capaz de alçar voos inimagináveis.



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## L. J. FREITAS

POR ADEMIR PASCALE



**Leonardo Freitas** é escritor e roteirista, nascido em 17 de fevereiro de 1982.

Residente na cidade de Maricá no estado do Rio de Janeiro. Autor do romance cabaré Casa Nova, publicado em 2019 e lançado na Bienal do Rio do mesmo ano, sendo A Bruxa de Telles sua segunda obra lançada.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**L. J. Freitas:** Posso dizer que o início se deu ainda na adolescência, onde eu tinha uma grande paixão em contar histórias e escreve-las, mas nada como está sendo agora com grandes publicações e me lançando nesse mercado incrível, onde levo as pessoas a se identificar com as histórias e os personagens. Todas as histórias que escrevo é uma forma de passar boas mensagens e senso crítico aos acontecimentos bem próximos a vida real e ao dia-a-dia.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "A bruxa de Telles". Poderia comentar?**

**L. J. Freitas:** Sim. A Bruxa de Telles é inspirada na história real de Bárbara dos Prazeres que viveu na cidade do rio de janeiro no século XVII. Sua história foi marcada por traições, assassinatos e prática de ocultismo, o que levou a ser conhecida e temida por seus rituais de magia negra envolvendo assassinatos de crianças em especial. Seus feitos ao longo de sua vida até seu desaparecimento foram noticiados no antigo jornal da época "GAZETA", porém nada se sabe ao certo sobre que fim levou a prostituta vampira do centro da cidade, já que após oferecer a vida de crianças em rituais para sem manter jovem, a bruxa bebia e se banhava no sangue das vitimas que eram sequestradas pelas ruas e roubadas da roda dos enjeitados da Santa Casa de misericórdia do rio. Há quem diga que o corpo de uma mulher que apareceu boiando na baía de guanabara seria o de barbara, porém há boatos de que ela tenha fugido e o mais macabro de todos é que ela tenha sido levada pelo próprio diabo para o mundo dos mortos.



### **Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**L. J. Freitas:** As pesquisas foram através de curiosidade, quando conversando com um garçom que trabalha em um barzinho dentro dos arcos dos telles, nos contou sobre gritos, pedidos de socorro, gargalhadas que muitas das vezes se ouvem tarde da noite, assim que a movimentação dos bares termina. O arco dos telles tem uma história marcada por mortes, incêndios, além do lugar ter servido de moradia a baixa prole da cidade, era lá que Barbara dos Prazeres vivia em fazia seus rituais de magia negra. Fora pesquisa no internet também, mas sua vida sempre foi um mistério e o que temos, nada é de concreto.

### **Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

#### **L. J. Freitas:**

Rio de Janeiro, final do século XIX. Praça do Passeio público. Ao anoitecer Menina brincando com sua boneca próximo ao chafariz, cantarolando enquanto penteava seus cabelos – Escravos de Jó, jogavam caxangá. Tira, põe, deixam ficar. Guerreiros com guerreiros, fazem zigue-zigue-zá...

Momento que a menina se assusta ao escutar passos e barulho de graveto quebrando e ao se virar vê uma mulher com roupas escuras e um véu sobre a cabeça e então a menina assustada começa a dialogar com aquela mulher:

Menina (Abraçando sua boneca) – Quem está aí?

Neste momento ouve-se o silêncio, porém a menina parecia dialogar com alguém que só ela escutava:

Menina – Por que está atrás da árvore?

A mulher gesticulava com as mãos, porém somente a menina ouvia sua voz.

Menina – Sumiu?

Bruxa – Silêncio sombrio

Menina – Ele é bonito?

Bruxa – Silêncio

Menina esboçando curiosidade, em seus diálogos a estranha havia dito ter perdido seu gato de estimação, mas a menina com receio por aquela mulher está atrás de uma árvore e um pouco desconfiada que não houvesse o animal ali como aquela estava a dizer:

Menina – Sim. Mas... não vejo nem você nem o gatinho. Por que está escondida atrás da árvore?

Bruxa – Silêncio

Menina – Não sei! Tá ficando escuro! A mamãe fica brava quando demoro a voltar para o abrigo da igreja.

Bruxa – Silêncio

Menina – Só um pouquinho?

Bruxa - Silêncio

A menina ainda desconfiada exige que aquela moça se mostre:

Menina – Mostra o gatinho então?

Aos poucos vai saindo de traz daquela árvore, uma mulher com roupas escuras e toda coberta, com os olhos negros como a noite.

A menina se assusta com aquela mulher, porém a bruxa ao perceber sua reação, tira de baixo de sua capa o gatinho e o mostra. Ao ver o animal, e como toda criança, sorri e não temendo mais aquela mulher, corre em sua direção.

A bruxa sai de trás da árvore e caminha também ao seu encontro. Quando estava bem próximo a criança ela começa a dialogar com a menina para distraí-la:

Bruxa – Silêncio

Menina – Sim senhora!

A menina pega o animal em seu colo e ali no momento de distração a bruxa sorri com seus dentes afiados e apodrecidos, abre suas mãos com suas unhas sujas em forma de garras, como a de um animal, erguendo-a ao alto aplica um golpe diretamente na jugular da menina:

Menina – Não posso demorar muito.

Bruxa – Não se preocupe criança, será bem rápido, eu prometo! (Voz com tom demoníaco).

A menina ao olhar para aquela mulher e ao ver seu aspecto assustador mais nítido por baixo do véu e com suas garras levantadas pronta para aplica-lhe um golpe, ela grita chegando a afugentar até os pássaros já recolhidos nos galhos das árvores.

A bruxa defere vários golpes contra a menina que cai no chão e o gatinho que estava em seus braços foge. Ali, sobre o corpo da menina, aquele ser bebia seu sangue que jorrava de sua garganta, e ainda ajoelhada, inclinando seu corpo para trás, a bruxa dá uma gargalhada coberta de sangue de um inocente como se estivesse em êxtase.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**L. J. Freitas:** Através do site da editora Autografia

Link: <https://www.autografia.com.br/produto/a-bruxa-de-telles/>

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**L. J. Freitas:** Sim. Já estou trabalhando em novas histórias com foco em roteiro TV.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Auto da Compadecida

Um (a) autor (a): Ariano Suassuna

Um ator ou atriz: Sandra Bullock

Um filme: O Diabo Veste Prada

Um dia especial: O dia que lancei minha primeira obra na Bienal.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**



**L. J. Freitas:** Gostaria de agradecer a minha família, amigos e a editora autografia de estarem presentes em minha vida desde o projeto de criação até a concretização.

Gostaria de comunicar que estou concorrendo ao Prêmio Ecos de Literatura como: Autor revelação (LJFreitas) e melhor História Terror/ suspense (A Bruxa de Telles).

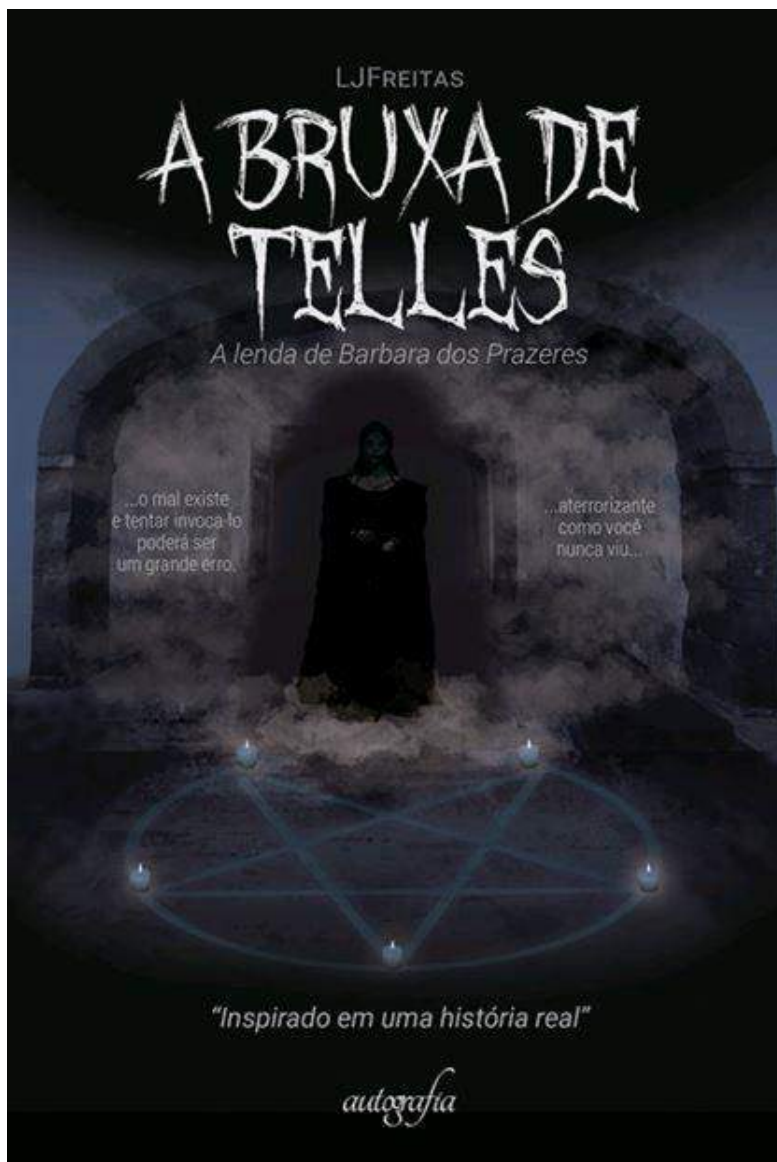
**Abaixo o link para votação:**

<https://premioecosliteratura.wixsite.com/premioecosliteratura>



Conto com o voto de vocês!

Obrigado!



# ENTREVISTA COM A ESCRITORA **MARCELA ALVES DE MOURA** POR ADEMIR PASCALE



Médica há 30 anos, **Marcela Moura** é psiquiatra e psicoterapeuta da infância e adolescência há 18 anos em Piracicaba, SP. Natural de Pelotas, RS, começou a escrever aos 12 anos, quando ganhou uma máquina de escrever de presente. Chegou a cursar Letras por 2 anos, até a Medicina exigir dedicação exclusiva. O doutorado em psicologia possibilitou trabalhar com suas paixões: a medicina e a palavra. Na psicoterapia, a poesia é também um instrumento para traduzir e compartilhar tantas vivências no exercício da sua profissão. Em dezembro de 2021, lançou seu primeiro livro, *Poesia Para Meus Pacientes - Psicoterapia: Pessoas e Momentos de Inspiração*, pela editora Ases da Literatura.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Marcela Alves de Moura:** Eu sempre gostei de ler e escrever. Eu tive várias professoras de língua portuguesa que escreviam bilhetes nas minhas redações me incentivando a escrever. Eu escrevi minha vida toda e ainda tenho guardados alguns cadernos com escritos da minha adolescência, mas sempre guardei meus escritos só para mim. Foi trabalhando em psicoterapia com meus pacientes, porque já usava textos e escritas como ferramentas no processo terapêutico, que eu comecei a compartilhar meus próprios textos e receber feedback positivo. Em 2021 eu completei 30 anos de formada e veio o desejo de celebrar com um livro com algumas das poesias inspiradas em experiências profissionais e também pessoais.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "*Poesia para meus Pacientes*". Poderia comentar?



**Marcela Alves de Moura:** Esse livro é uma coletânea de poesias, na forma de poemas e de prosa poética, inspiradas em pessoas e momentos com que me deparei, na minha vida pessoal e através do meu trabalho. Sendo psiquiatra e psicoterapeuta, eu trabalho com muitas crianças, adolescentes e suas famílias, muitas vezes em momentos de muita vulnerabilidade. É inevitável, sou a profissional que está ali para ajudá-los, mas também sou o ser humano que se comove, se identifica, que sente suas dores e admira as suas lutas. Poesia Para Meus Pacientes é um livro para confortar, motivar, inspirar e refletir sobre a vida de uma forma otimista. Reconhecer as dores, mas acreditar na superação.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Marcela Alves de Moura:** Eu estou sempre escrevendo, então há poesias no livro desde 2008, e estão todas datadas. É um livro intimista, falando de vivências, questionamentos, reflexões e sentimentos experimentados por mim ou compartilhados com outras pessoas. Assim, há poesias sobre maternidade, perdas, crianças, desafios, sofrimento, superação, força e esperança. No meu trabalho como psiquiatra, encorajo meus pacientes a encontrarem alguma forma de arte para se expressarem. Assim, desenho faz parte do meu dia a dia, e o livro foi ilustrado com desenhos feitos pelo meu filho, Lucas, em diferentes idades. Eu queria que os leitores se identificassem com os temas do livro, mas também que aqueles que me conhecem, pudessem me reconhecer e reconhecer o meu trabalho ao lê-lo.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Marcela Alves de Moura:** Eu tenho dificuldade em escolher porque tudo tem um significado especial para mim. Mas vou citar a primeira e a última estrofes da poesia Poder, que representam bem a ideia do livro de encorajar a reflexão, mas também motivar e dar esperança:

Poder  
 Como pode, D,  
 Um menino tão brilhante  
 Não entender algo tão simples:  
 Felicidade não é um lugar distante!  
 Como alguém com tamanha inteligência,  
 Deixa-se levar por ideias equivocadas,

## Impulsividade e incongruência?

....

A vida é tua, D.

Pessoas passam, problemas passam, momentos passarão...

Tu ficas!

Ficas com tuas escolhas, com tuas crenças, com tua visão.

Não caias nos braços confortáveis da autopiedade!



Inquieta-te contigo mesmo,

Tenta resolver as coisas com aquilo que depende só de ti.

Isso é a verdadeira liberdade:

Achar as soluções dentro de si.

Nada de esperar que alguém venha ao teu resgate,

Dono do teu destino, constrói tua própria realidade!

20/05/2015

**Conexão Literatura:**  
Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre

você e o seu trabalho literário?

**Marcela Alves de Moura:** O livro está à venda, no Brasil e no exterior, através da Amazon, Shoptime, Submarino, Mercado Livre, Americanas e Estante Virtual. Além disso, em Piracicaba, cidade onde moro, o livro pode ser encontrado na Livraria e Papelaria SBjota e na Associação Paulista de Medicina de Piracicaba – Casa do Médico.



Quem tiver interesse em conhecer mais do meu trabalho, pode encontrá-lo nas minhas redes sociais:

Instagram @mouradramarcela

Facebook Dra Marcela Alves de Moura

LinkedIn Marcela Moura


Website: <https://dra-marcela-moura.webnode.com/>

Melhores avaliações ▾

## Avaliação na Amazon

#poesiaparameuspacientes

### Principal avaliação do Brasil

 Louise Abdala Barbosa

★★★★★ **Um abraço acolhedor em forma de poesia!**

Avaliado no Brasil em 13 de janeiro de 2022

**Compra verificada**

Um livro aparentemente pequeno, mas, quando lido, se torna monstruoso pela leveza, autenticidade e acolhimento que proporciona.

Com certeza diria que é um daqueles livros para se ler diversas vezes ao longo da vida, principalmente quando precisamos de um pequeno incentivo ou de um abraço que nós acolhe.

Útil | Informar abuso

## Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

**Marcela Alves de Moura:** Sim, eu tenho vários projetos em andamento por anos, mas que nunca tive a coragem de tentar publicar. A receptividade com que Poesia Para Meus Pacientes tem sido grande, me deu ânimo para me aventurar com outros livros. Eu já tenho pronto um romance; estou terminando um livro de orientação para pais voltado para promoção de saúde mental em família; também tenho alguns livros infantis tratando de diversidade. Preciso decidir qual deles será o próximo e buscar uma editora para publicá-lo. Por fim, tenho as minhas poesias, estou sempre escrevendo poesias. Duas novas poesias serão publicadas na Antologia “Elas, a poesia, o infinito” da editora Expressividade, que deverá ser lançada em Março de 2022.

## Perguntas rápidas:

Um livro: Longe da Árvore, Andrew Solomon

Um (a) autor (a): Se puder citar dois...Fernando Pessoa e Irvin Yalom

Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Estão Todos Bem, com Robert de Niro

Um dia especial: Almoço de domingo em casa

## Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Marcela Alves de Moura:** Quero apenas registrar a alegria que tem sido compartilhar meus escritos com outras pessoas. Eu costumo dizer que quem escreve só se torna um escritor quando encontra seus leitores. Esse encontro tem trazido uma nova forma de realização para mim. Cada vez que alguém me manda um comentário positivo ou simplesmente manda uma foto com meu livro, me deixa muito feliz. Espero que o livro possa proporcionar conforto, esperança e motivação para os leitores.





# ENTREVISTA COM O ESCRITOR MICHAEL RUMAN

POR ADEMIR PASCALE



**Michael Ruman** é formado em Cinema e também publicidade pela ECA-USP. Exerce as funções de diretor e roteirista em cinema e TV (incluindo streaming). Dirigiu 3 longas metragens: Eureka, uma aventura com Einstein (em finalização); Magal e os formigas (codireção com Newton Canitto) e Os Xeretas. Também é diretor dos seriados 9mm São Paulo, 171 negócios de família e Disney Cruj (Disney e Sbt). Foi professor de audiovisual durante mais de 10 anos em faculdades como ECA-USP e SENAC audiovisual e também de interpretação na Escola de Atores Wolf Maya.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Michael Ruman:** Foi bem por acaso. Sempre escrevi. Por prazer; nunca pensei em publicar.

Mas a vida dá voltas (!!)

Além de diretor, sou roteirista de cinema e TV. Geralmente escrevo meus projetos e um deles, um longa chamado “As aventuras de Joaquim e Eduardo” me... deixou triste. Era um roteiro para um filme infantojuvenil que eu adorei ter escrito, mas... Quando terminei, me dei conta de que era muito caro! Eu pirei que nunca conseguiria produzir no Brasil algo tão \$\$\$\$\$! Deixei de lado, com dor no coração... Até que em 2013, numa daquelas olhadas nos arquivos do computador, me deparei com o roteiro mais uma vez. Li. Reli. Me deu um “click” e decidi transforma-lo num livro para a molecada. Adaptei, reescrevi alguns trechos e decidi que iria publicar por conta própria. “Invasores de Marte, as aventuras de Joaquim e Eduardo” foi meu primeiro ebook.

Novato que sou no mundo da literatura, adorei ver algumas críticas e, claro, o livro vender. Gostei tanto que, logo no ano seguinte, escrevi uma continuação e decidi que a saga vai até um sétimo livro!

Assim, o “calouro” Michael descobriu que é uma delícia escrever e publicar livros.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "As hipotéticas viagens quântico-temporais de Fausto Norberg". Poderia comentar?**

**Michael Ruman:** Ao contrário de “Invasores de Marte”, "As hipotéticas viagens quântico-temporais de Fausto Norberg" não é um livro para crianças ou adolescentes menores de 16 anos. É uma alegoria sobre a dominação das massas, a tortura psicológica e mental que os meninos e meninas sofrem — e sempre sofreram — nas mãos dos inescrupulosos. A ditadura, a sede de poder e a manipulação são os principais pontos que eu toco no livro, fazendo com que o leitor acompanhe a trajetória não-linear de um detetive temporal, denominação que dei àqueles que conseguem burlar o passado, presente e futuro. Drogas, sexo e conspirações robóticas são abordados através de uma narrativa lisérgica num mundo habitado por anjos, demônios e supermáquinas.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Michael Ruman:** Eu brinco e digo que sou “escritor de fim de semana, feriados e horas vagas”. Minha ocupação principal é audiovisual, o que toma um tempo absurdo! Mas não tenho pressa. Escrevo rascunhos, capítulos, talvez e, quando acho que está na hora de “mandar ver”, varo noites e noites até concluir. No caso de “Fausto Norberg”, esse processo levou aproximadamente 2 anos até a publicação, no dia 6 de janeiro deste ano.

Sempre que tenho uma história para contar, faço uma lista de coisas que tenho que pesquisar. Neste caso, robótica, história e, principalmente, rever trechos de livros que me inspiraram na narrativa. Fico fuçando onde for preciso: internet, publicações e até, caso necessário, converso com especialistas em determinado tópico que eu queira abordar. Mas faço ficção, portanto, o que busco é uma base para poder, se preciso for, deturpar em prol da minha trama.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**



**Michael Ruman:** O personagem principal, Fausto Norberg, é um adulto e narra em primeira pessoa a história. Desde quando completou 13 anos e se tornou um adolescente. A narrativa é não linear, como já disse, e leva o leitor do presente (adulto) ao passado (menino), mas em determinado momento, rompe essa barreira sem dar nenhuma dica. O que eu quero é fazer é forçar esse leitor a embarcar na mente do personagem.

Tem um trecho que eu acho bem divertido:

Os monstros que se escondem no porão

Bum! Um trovão. E a energia das nuvens carregadas de elétrons — ou prótons — cortou a da casa, trazida pelos fios da Companhia de Eletricidade. De repente, no escuro. Voltamos à idade das trevas. Do breu. Mal tínhamos terminado o jantar. Eu nem havia começado a fazer as lições e, pelo jeito, não assistiria o meu seriado preferido na TV.

Merda!

Me prontifiquei a pegar as velas. Sempre temos velas, um grande estoque. A frágil rede do bairro, sustentada por postes do século passado e enrolada nos galhos das árvores que nunca são podadas, não nos permite esquecer de fazer um estratégico armazenamento de velas.

Tropecei. Bati os dedos do pé em todas as pontas esquecidas da casa. A canela, idem. Finalmente cheguei à despensa. E, pra minha decepção...

Mãe, acabaram as velas!, gritei. Ah, esqueci de dizer, filho, estão lá no porão. No porão? Não!!!! O porão, não! O porão está fora dos limites de minha coragem. O porão é onde os fantasmas, monstros, medos e más notícias se escondem. Eu decretei isso há tempos, pra me livrar de todos antes de dormir. Algumas pessoas os escondem no armário. Outros, debaixo da cama. Eu, prevenido que sou, mandei todos o mais longe possível, já que fui informado de que não dá pra expulsá-los de casa. Uma vez que eles entram em sua vida, não se pode mais enviá-los de volta ao seu mundo. Maldita hora que fui gostar desse tipo de filme, desse tipo de leitura. Desse tipo de coisa!

A menina possuída virava a cabeça pra trás.

O quarto pendia de um lado pro outro.

O astronauta foi aberto ao meio pelo filhote do monstro.

A entidade queria o corpo da mulher.

O cérebro que comandava o computador queria ter filhos.

O bebê nasceu deformado pela radioatividade.

É no porão que eles estão. Os monstros. Eles e o estoque absurdo de mantimentos não perecíveis. Água, biscoitos, geléias, enlatados, além das baterias e tudo o que ela, minha mãe, pode imaginar que nos manteria caso uma catástrofe acontecesse.

Um golpe. Um ataque nuclear. Químico. Biológico.

Por isso, reforçou a porta e também a estrutura das paredes. Vedou as janelas, comprou um pequeno gerador e muito combustível. Já sonhei com essa merda toda explodindo e nos mandando pelos ares. Nosso apocalipse, causado pela paúra. Hum. Não seria uma má ideia, explodir tudo, se eu tivesse certeza de que os monstros fossem destruídos. Restariam os fantasmas, mas a gente não pode querer tudo na vida. Eles que se danem, os fantasmas!

Voltemos à falta de energia. E às velas:

Depois de ouvir as reclamações da minha mãe pela demora, resolvi enfrentar seja lá o que ou quem estivesse de plantão esta noite, disposto a me assombrar e por à prova minha escassa coragem.

E aqui estou, separado de vocês, criaturas sórdidas. São 3,4 cm de ferro. Sete de concreto. Aqui estou e aí estão vocês.

— Cadê as velas, Fausto, cadê as velas?

Vamos lá, Fausto, respire fundo e encare mais esta batalha, afinal, os monstros só vão te atacar se perceberem que está com medo. É assim que funciona. Mostre que não tá nem aí, que eles são uns bostas, feios, nojentos e inúteis. Já cumpriram sua missão, que é causar arrepios e noites mal-dormidas, agora estão presos, indefesos e sem ideal. Isso mesmo, sem ideal! Vamos lá, Fausto.

— Cadê as velas?!

Um dois... Entrei! Procurei o interruptor e, óbvio, a lâmpada estava queimada. Pra que facilitar, não é mesmo? Pé ante pé, avancei pelo território perigoso, cheio de armadilhas e obstáculos por entre as prateleiras lotadas até um pequeno armário de madeira lá no fundo. O interessante é que nenhum dos repulsivos investiu contra mim. Ou tentou me assustar. Hum. Teriam eles prazo de validade? Ou não me atacaram porque agora sou adolescente? Adolescentes não têm medo de nada, todos sabem.

Hum. Por outro lado, pode ser um truque. É, um truque! Esperam que eu abra a guarda pra, no momento certo, desferirem o ataque. Não vou dar mole pro azar, trato de sair logo deste reino da incertezas, foi o que decidi.

Abri o armário, tirei a embalagem com as velas... Então, antes de dar o derradeiro passo pra longe do perigo, notei que algo estava errado.

Diferente. Estranho.

Uma porta. Uma porta pequena de madeira.

Ela nunca esteve ali, tenho certeza. Antes, tinha um arquivo daqueles de metal cinza, entupido com documentos, nossas vidas resumidas em papel: certidões, contratos, atestados e tudo o que minha mãe considerasse importante pra nossa jornada pós-apocalíptica, incluindo umas barrinhas de ouro que ela comprou com as economias. Ouro é o dinheiro do futuro, ela dizia. Com ele, você vai comprar comida. Com ele, vai



comprar sua passagem pra um outro país, um daqueles que não serão afetados pelo fim dos tempos. Ora, mãe... Não sabia que o caos respeitava fronteiras!

Hum. Ela vai enlouquecer quando eu comunicar que o arquivo sumiu. Vai ter um treco!

Isso tá cheirando coisa dos monstros. Será que levaram a papelada pra alguma dimensão paralela? Pior... Será que trocaram o ouro por sua liberdade?

A porta estava escondida atrás do arquivo. Eles devem tê-la usado em sua ousada fuga. E agora, Fausto, vai encarar? Vai abrir? Quer saber o que tem atrás?

Os covardes vivem mais. A frase sábia martelou minha cabeça, mas a voz que habita o meu cérebro me lembrou:

As coisas serão a você reveladas quando tiverem que ser reveladas.

Deve ser isso. Agora é o quando. Neste momento eu saberei que coisas são essas. Hoje eu vou viajar no tempo.

E usei a chave de madeira pra abrir a porta. Nos séculos que levei para executar tal ato de bravura, pensei no que poderia encontrar. Claro, deduzi há alguns segundos que eles fugiram. Mas e se não? Lembre-se, Fausto, ainda existe a possibilidade de ser um plano pra acabar com você. Sim, você tem razão. Ninguém ainda provou que um adolescente é invencível. Não, mesmo! Assim que abrir a porta, serei sugado para uma dimensão retorcida, uma antessala pro seu mundo de horrores. Uma prisão de danação eterna, onde vão usar seus poderes e atingir meu cérebro ao ponto de perder a razão? A memória? Ah, os canalhas!

Abre logo essa porcaria, Fausto, insistiu David, como passei a chamar a voz dentro do meu cérebro. Quer ou não botar as coisas nos eixos? Você precisa enfrentar no tempo, meu amigo, como lhe ensinamos. Vingança, lembra-se? Vingança! Uma gota, apenas uma, na língua. Pego a chave de madeira do bolso, e...

As coisas serão a você reveladas quando tiverem que ser reveladas.

Isso nunca aconteceu. Esta sensação. Nunca. Devo ter acertado desta vez. O segredo, finalmente... O efeito...

Primeiro veio o formigamento. Depois, a dor. Eu parecia estar pegando fogo, queimando de dentro pra fora. Achei que minhas entranhas estavam liquefazendo. Então, o sangue escorreu. Sangue vivo que veio debaixo de mim e se espalhou pelo chão. Me molhou. Empapou. E formou um redemoinho que me sugou para o nada.

Não sei quanto tempo fiquei desacordado. Um minuto? Dois? Um século? Será que consegui? Seria motivo pra comemoração, não fosse a dor no corpo, a cabeça que latejava, parecia que ia explodir e espalhar meu cérebro por todos os cantos.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Michael Ruman:** O livro está à venda somente em formato digital e exclusivo na Amazon, o link é: <https://tinyurl.com/yhkesfxx>

Ou, deem uma olhada no meu site:: [www.michaelruman.com](http://www.michaelruman.com)

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Michael Ruman:** Em literatura, sim. A parte 2 do “Invasores de Marte”, que já está escrito e eu preciso fazer uma revisão lógica e artística antes de enviar para a revisora.

Também, já estou rascunhando um outro livro, “Vivaldi”, protagonizado por adolescentes que se veem obrigados a tomar decisões drásticas para impedir que suas famílias sejam despejadas do edifício onde vivem. É um drama “coming of age”.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: O apanhador no campo de centeio (J. D. Salinger)

Um (a) autor (a): Já que citei o livro: J. D. Salinger e um brasileiro que me inspirou desde que conheci: João Carlos Marinho, autor de “O gênio do crime” e criador da turma do gordo.

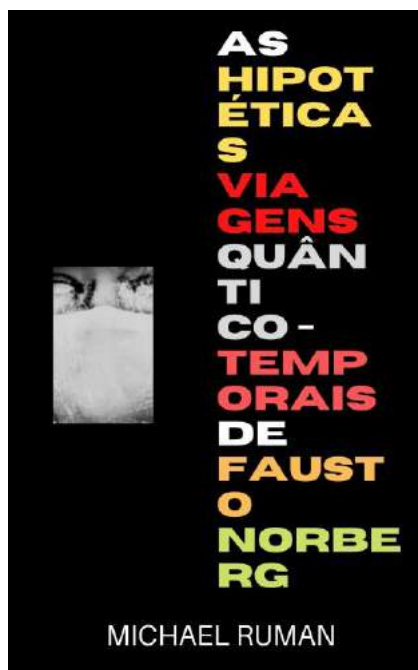
Um ator ou atriz: Jodie Foster

Um filme: 2001, uma odisséia no espaço. Quanto mais vejo, melhor fica!

Um dia especial: Aniversário da minha mãe.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Michael Ruman:** Espero que as pessoas curtam o “Fausto Norberg” que, apesar da loucura, é um personagem que criei com muito carinho.





# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## NEUMAR SILVA

POR ADEMIR PASCALE



**Neumar Silva** é economista, empreendedor e escritor. Vive em Goiânia. Membro da Academia Morrinhense de Letras, AML; Voluntário em um Lar para idosos; doador e incentivador da doação de sangue e medula. Autor de projetos solidários. Autor de dois livros. Está disponível para palestras gratuitas sobre: A importância da doação de órgãos, sangue, tecidos, medula; e como estamos lidando com os nossos idosos? Uma frase: “Fora da caridade não há salvação”.

### Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Neumar Silva:** Acredito que foi meio por acaso, sabe. Sempre gostei de ler. Daí para a escrita foi um pulo.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "O Asilo". Poderia comentar?

**Neumar Silva:** Sim. O Asilo é resultado de uma coletânea de histórias dos internos e internas (e da própria casa) de um abrigo para idosos.

Sou voluntário em uma casa para idoso, Lar Espírita José Passos. Sempre que possível, lá estava eu ouvindo os seus intermináveis contos, rsrs. Não precisa nem dizer do carinho que tenho por essa gente, precisa? Até que um dia, o administrador da casa, vendo meu interesse por suas histórias, como bom ouvinte que sou - com o perdão da modéstia - e sabendo que eu era escritor, sugeriu que eu botasse aquilo no papel, pois ninguém havia feito nada igual. Se ninguém assim o fizesse, suas histórias morreriam juntamente com eles. E assim nasceu esta linda e emocionante história convertida em O Asilo.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Neumar Silva:** Como eu disse na questão anterior, sempre fui um bom ouvinte e também um bom observador. Procuo ser o mais prático possível. E essas minhas

características, me ajudam muito no processo de redação, de criação de um texto. A inspiração vem a partir do momento que sento em frente ao computador para escrever, ela vem de forma natural, sem nenhum artifício. Às vezes à noite, antes de pegar no sono, pode surgir algumas ideias interessantes. Para isso, tenho sempre uma caneta e um bloco para anotação próximo da cama.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Neumar Silva:** “No final da nossa conversa daquele dia, já era quase noite, Seu Gregório me emocionou com estas frases confidenciais ditas com simplicidade e afeto:

– Sabe, doutor, meu maior desejo antes de morrer é poder rever meus três irmãos que moram no Triângulo Mineiro. Não sei se ainda estão vivos ou se ainda moram por lá. Principalmente minha irmã gêmea, de quem eu tenho muita saudade. A derradeira vez que nos vimos éramos crianças ainda, cada um seguiu o seu destino. Brincávamos muito na rua, digo na roça, onde morávamos. Coisa de criança, sabe? Ela era loirinha e gordinha, tinha o cabelo comprido, quase batia na cintura, lisinho! Lembro-me como se fosse hoje! Tenho muita saudade dela! – me disse ele, quase em lágrimas, deitado sobre a cama do seu pequeno aposento. E, com o olhar distante repetiu por algumas vezes: – Tenho muita saudade dela... É de partir o coração, concorda?” O ASILO P144.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Neumar Silva:** Meus livros - O Asilo e A Incansável luta pela vida - na versão digital, estão disponíveis na plataforma Amazon;

O Asilo: As incríveis histórias de seus residentes

Década de 1980, o começo de uma história: A INCANSÁVEL LUTA PELA VIDA

Já na versão física, o leitor poderá procurar diretamente comigo nos perfis de redes sociais: Instagram ( @leituraboaooficial ) e Whatsapp ( 64 99231-4257 ) com a vantagem de receber diretamente do autor uma dedicatória especial e personalizada, marcadores de página e livre de frete (incluso). Basta enviar o endereço via DM (Direct) ou Whatsapp.

Os interessados podem ainda procurar na Estante Virtual; e para aqueles que moram em Goiânia e região, podem adquirir nas livrarias Nobel, Shopping Bougainville e Leitura, Shopping Goiânia.

Para saber um pouco mais sobre o autor Neumar Silva, tenho alguns perfis literários – Instagram, Facebook, LinkedIn - onde posto coisas relativas à literatura, conversas com leitores, escritores, trocas de ideias sobre literaturas, sugestão de livros, resenhas, etc...

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Neumar Silva:** Nunca escreva pensando em ganhar dinheiro. Escreva sempre pensando que seu trabalho irá deixar algo de positivo na vida do leitor.



O principal retorno, pelo menos para mim, é receber mensagens de leitores de regiões inimagináveis tecendo comentário elogiosos sobre meu trabalho e que o quanto a leitura mudou alguns conceitos e paradigmas de forma positiva, sobre a sua maneira de ver as coisas. Isso não tem preço.

Meus livros seguem essa pegada de solidariedade, superação, ajuda ao próximo, afeto, carinho...

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Neumar Silva:** Sim. Sou movido a projetos:

Tenho alguns projetos em andamento como o “Projeto doe vida”. Que é um projeto criado em 2018 e tem como objetivo incentivar a prática da doação de órgãos, tecidos, medula, sangue, relativo ao meu outro livro, A Incansável Luta pela Vida. O livro mostra o exemplo de superação de uma família altruísta, cuja filha adquiriu uma doença hereditária rara e precisa com urgência de um doador compatível (também muito raro). Sua pequena esperança seria um irmão. E agora?!... ela é filha única?! Uma história incrível. Vale muito a pena conferir esta saga de uma “INCANSÁVEL LUTA PELA VIDA”.

Tenho feito algumas palestras de forma gratuita para empresas, escolas, igrejas, etc., etc., sobre o assunto. À disposição.

Tenho o projeto “Dê ouvido e voz aos idosos”, cuja a ideia é sensibilizar as pessoas para a importância de ouvir e dar ouvido e atenção aos idosos; cuidados para que eles possam ter uma melhor qualidade de vida na velhice.

Tenho o projeto “Mais leitura 2022”, que também é um projeto solidário, cujo foco é inspirar e incentivar pessoas aos bons hábitos da leitura.

E claro, tenho projetos especificamente no âmbito da literatura. Algumas coisas escritas, como contos, crônicas e uma extensão do meu primeiro livro “A Incansável luta pela vida”. Quem sabe?!

Todos estes projetos o leitor poderá conhecer no meu perfil literário no Instagram @leituraboaooficial no facebook leitura boa e no LinkedIn Neumar Silva.

Vai lá e deixa seu incentivo para essas causas. Deixa seus comentários, sugestões e ideias. Vamos trabalhar juntos nessas causas. Acesse o meu perfil literário no Instagram, @leitura boa oficial, conheça e colabore com suas opiniões e sugestões para o crescimento destas importantes causas solidárias.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Irmãos Karamazov

Um ator ou atriz: Tom Hanks

Um filme: Forrest Gump

Um hobby: Viajar

Um dia especial: 08 de setembro.

### Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Neumar Silva:** Sim. Me permita finalizar com esta frase do filósofo e teólogo, Agostinho de Hipona que vem de encontro a minha proposta no livro O Asilo: “não há lugar para a sabedoria onde não há paciência”. Além da paciência, possamos oferecer carinho, atenção e afeto.

Um fraterno e carinhoso abraço.

**UM ABRIGO DE IDOSOS.**

A escuta amorosa. Memoráveis histórias. Risos e lágrimas. Recomeços. Ocasos. Saberes. Inimaginável o manancial revelado por uma ação voluntária.

**LEIA E DESCUBRA.**

FÍSICO POR DIRECT E E-BOOK NA AMAZON

NEUMAR SILVA  
**O ASILO**  
As incríveis histórias de seus residentes  
NOVA CONSCIÊNCIA

kindle

NEUMAR SILVA  
**O ASILO**  
As incríveis histórias de seus residentes  
NOVA CONSCIÊNCIA



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## R. W. COSTA

POR ADEMIR PASCALE



**Renan Willian da Costa**, nasceu em Catanduva no interior de São Paulo, em 1995. De origem humilde, estudou em escolas públicas em todos os níveis de educação, tornando-se Técnico em Mecatrônica pelo IFSP e Licenciado em Matemática pela UNESP de São José do Rio Preto. Um Jovem extrovertido e cheio de sonhos mudou de país em busca de novos conhecimentos, atualmente na Irlanda o professor agora está concluindo seu mestrado em dispute resolution (resolução de conflitos), e foi na Irlanda durante o primeiro período de lockdown que durou 81 dias, ele escreveu o livro “A empatia”

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**R. W. Costa:** Assim como a maioria das pessoas, acredito que tenha conhecido o mundo literário durante o período escolar, tive muita sorte por ter professores excelentes que me ajudaram muito a me tornar o adulto que sou hoje. Lembro que na quarta série do ensino fundamental na escola em que eu estudava aconteceu uma competição de recitar poemas foi a primeira vez que eu decorei um texto, e isso foi uma experiência magnífica, eu fiquei encantado com o poder das palavras e como elas podiam fazer as pessoas sentirem o mesmo que eu, bom eu não ganhei a competição não cheguei nem perto, mas tenho as palavras gravadas em minha mente até os dias de hoje!

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "A Empatia". Poderia comentar?**

**R. W. Costa:** Ser o autor desse livro me traz um sentimento de superação, não consigo imaginar a mim mesmo sem Carter, basicamente porque em quase sua totalidade o romance é baseado em experiências reais o que traz a proximidade com as experiências vividas pelos leitores, o que pode causar um certo desconforto, porém é esse sentimento que levava ao próximo capítulo.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**R. W. Costa:** O livro *A empatia* surgiu no meio de uma sessão de terapia durante o primeiro período de lockdown aqui na Irlanda, ele inicialmente era como um diário onde eu após as sessões escrevia o que estava sentindo e um mês depois quando terminei a atividade pedi para um amigo formado em Letras para revisar o texto, ele então após a revisão me fez considerar a possibilidade de publicação, depois do livro revisado até o dia do lançamento passaram-se 7 meses.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**R. W. Costa:** Trecho (A queda de um avião geralmente é marcada por muitas mortes, mas nesse avião havia apenas eu e você. Em algum momento você pulou desse avião e pareceu estar salvo, já eu não soube pilotá-lo sozinho, e ele caiu. Não sei se sua intenção de me deixar era para que eu voasse sozinho, livre como os pássaros ou então para que eu morresse. Bom, o avião caiu, mas eu sobrevivi, Jota!)

Considero esse momento muito especial, finalmente depois de muitas tragédias na história de Carter um romance muda a percepção de afeto para o personagem, para o leitor é mais um momento de “Não acredito” e ele então pode praticar o dom de empatia quase que pela última vez pois este trecho é parte do último capítulo da parte 1 do livro.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**R. W. Costa:** O livro pode ser encontrado na forma física, na Amazon ou pelo site da editora, e na forma ebook em todas as plataformas digitais e aplicativos como kindle e book da apple.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**R. W. Costa:** Com certeza, o Carter tem mais a compartilhar, ainda esse ano estou para finalizar o lançamento de uma música e aí quem sabe o Carter possa voltar!

**Perguntas rápidas:**

Um livro: 451 Fahrenheit

Um (a) autor (a): Ray Bradbury

Um ator ou atriz: Selena Gomez

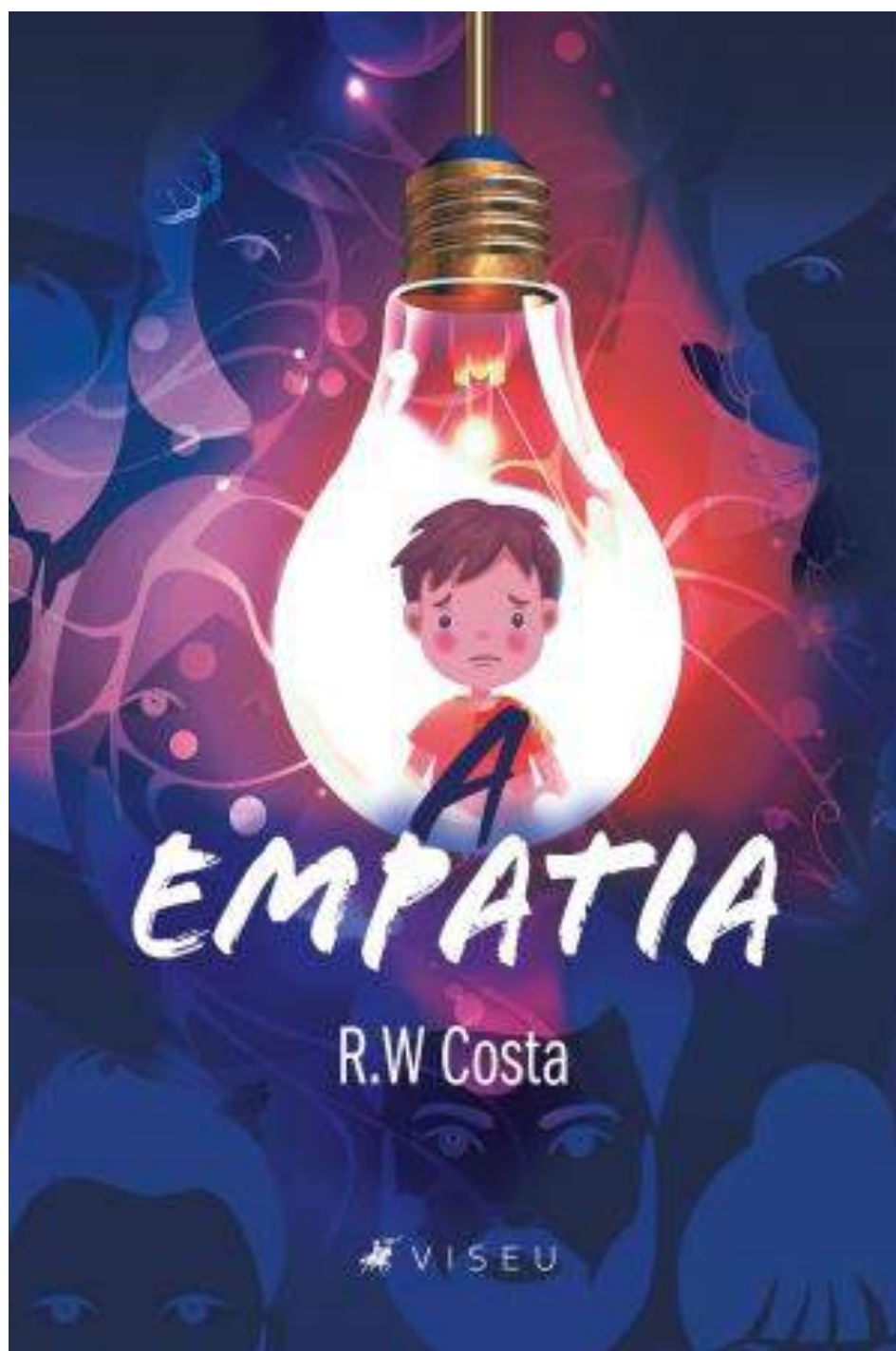
Um filme: A viagem de Chihiro

Um dia especial: Casamento do meu Irmão mais novo.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**R. W. Costa:** Só queria dizer muito obrigado pela oportunidade de compartilhar um pouco do mundo de *A empatia*. E desejar a todos uma agradável leitura.





Para adquirir o livro ou saber mais, acesse: <https://www.eviseu.com/pt/livros/2304/a-empatia>

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## TANIA COSTA

POR ADEMIR PASCALE



**Tania Costa** é escritora desde criança, mas conseguiu realizar seu sonho de infância em 2020 quando publicou seu primeiro livro *A Fazenda das Borboletas* pela Editora UNISV. Nascida em São José do Norte, vinda de família humilde, extremamente tímida, sempre teve muito gosto pela leitura, quando não estava na escola passava horas lendo. Somente depois de ter os filhos criados conseguiu dedicar-se a sua paixão, escrever. É presidente de uma ONG onde trabalha com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

### Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Tania Costa:** Aos seis anos aprendi a ler e desde então me tornei “escritora”. Sonhava com o dia em que todos leriam meus contos. Em 2020 publiquei meu primeiro livro junto a editora UNISV, por indicação de uma prima escritora, intitulado “*A Fazenda das Borboletas*”.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "*A Fazenda das Borboletas*". Poderia comentar?

**Tania Costa:** “*A Fazenda das Borboletas* é como se fosse um filho para mim, é a realização de um sonho maravilhoso. Foi com este livro que me tornei uma escritora verdadeiramente. Está sendo através deste romance que estou deixando de ser a menina que pensava ser impossível realizar sonhos e estou me tornando uma pessoa mais segura, mais autoconfiante. Hoje vejo que nada é impossível e que nunca é tarde. Que os sonhos vão se realizar no momento certo. Existe um dito popular que diz que “Deus tarda mas não falha”, acredito que Deus nunca falha, Ele sabe a hora exata em que as coisas devem acontecer.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?



**Tania Costa:** Meu processo de criação é um pouco diferente do que já ouvi falar. Por vezes, quando estou dormindo, sonho com situações que se transformam em trechos, outras vezes olho fotografias que me inspiram muito. Também amo fotografar situações, paisagens. Por trás de cada foto vejo uma estória nascendo. Sou uma sonhadora! Sonho acordada, sonho dormindo. E transformo tudo em livros, entro nas estórias, vivo elas, sou uma personagem atuante em cada um dos personagens. Choro, rio, me emociono em cada linha que escrevo.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

## Adquira seu exemplar



Tania Costa

Adquira o seu nos pontos de venda:

- Site das Americanas
- Site submarino
- Site Editora UNISV
- Loja 3, Galeria do Macuca  
São José do Norte, RS
- Livraria Cabral  
Capão da canoa, RS
- Centro Comercial Ancóra  
Capão Novo, Capão da Canoa, RS
- Banca livros  
mercado Nacional de Capão da Canoa, RS
- Com a autora  
watsapp (51) 999473829

## Ajude compartilhando

**Tania Costa:** “Mariana foi até o piano, abriu-o e começou a tocar, aprendeu ainda menina quando estive na Itália com seu pai e depois sua tia Rebeca a ensinara mais um

pouco, mas não costumava tocar, sentia vergonha. Lembrou de uma música que ouvira no rádio, era uma canção tocada na flauta, não possuía letra, criada por Pixinguinha, o nome da música era “Carinhoso”, desde que ouvira gravara na mente e jamais esquecerá. Começou a tocar timidamente e quando percebeu que sabia tocar a canção tocou-a várias vezes, Jacira a observava de longe, lá fora mais alguém escutara a canção e aproximava-se da casa sem saber quem estava tocando. Benjamim chegou à porta que estava aberta e a viu, estava de costas para ele, não percebera sua chegada, fez um sinal para Jacira ir até a rua conversar com ele, não queria interromper um momento único de sua amada. Disse-lhe que não dissesse que ele esteve ali pois ao ouvi-la tocar teve uma ideia para tentar conquistá-la, iria aproveitar a meiguice que mais uma vez ela lhe transmitira através da música, nem sabia que ela tocava e ainda mais tão bem, mais uma vez o surpreendera, como não amar uma pessoa tão encantadora, ela era realmente especial. Foi embora vagarosamente para ouvir Mariana tocando, conforme ia se afastando o som da canção ia ficando longe, mas a imagem de sua linda ao piano nunca mais saíria de sua mente”.

Este trecho fala da personagem autista Mariana e de seu par romântico Benjamim. No primeiro livro, Mariana era uma criança e no segundo ela se tornara uma moça com algumas limitações mas maravilhosa.

### **Conexão literatura: Como está sendo a receptividade dos leitores com o seu livro?**

**Tania Costa:** Muito boa, graças a Deus. O primeiro foi bastante lido e o segundo está sendo ainda mais comentado pelos leitores. Recebo bastante críticas dos meus leitores, todas muito boas até hoje. Gostaria muito que todas as pessoas que gostem de ler dessem uma chance para “A Fazenda das Borboletas “ e “Afazenda das Borboletas, Nas Asas do Amor”. Só lendo para saber toda a emoção que esses “meus filhos” estão causando.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Tania Costa:** Podem me acompanhar pelas redes sociais, facebook: Tania Costa, instagram: @tania costa escritora, linkedin, youtube. Para adquirir o livro pode ser pelo sites da [www.americanas.com.br](http://www.americanas.com.br), [www.submarino.com.br](http://www.submarino.com.br) , [www.shoptime.com.br](http://www.shoptime.com.br) , [www.editoraunisv.com.br](http://www.editoraunisv.com.br) .

Também pelo whatsapp: (51) 999473829

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Tania Costa:** Nunca deixe de sonhar, escreva muito, leia muito. Nunca pense que a situação que talvez hoje, te impeça de ser escritor ou qualquer outra carreira que você almeje, vai durar para sempre. A vida é feita de fases, de momentos. Costumo dizer que as coisas boas passam, então, as ruins também passarão. Lute pelos seus sonhos, não desista, não se deixe abater. Pode parecer impossível hoje, mas no tempo certo, vai acontecer, creia, tenha fé em Deus e em você. Ninguém é perfeito e ninguém é melhor do que você. É só correr atrás buscando se aperfeiçoar em tudo o que for fazer.



## Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

**Tania Costa:** Sim, tenho sete minicontos escritos, um está em ebook aqui pela revista Conexão Literatura, “Amenina Flor”, e estou escrevendo mais um romance intitulado “Rumo ao Desconhecido”, que pretendo lançar ainda este ano de 2022.

### Perguntas rápidas:

Um livro: Bíblia sagrada

Um ator ou atriz: Elizabeth Savala

Um filme: Clancy

Um hobby: fotografar

Um dia especial: lançamento do meu primeiro livro

## Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Tania Costa:** Este ano resolvi criar uma meta de vendas dos meus livros. Talvez pareça loucura para muitos, mas acredito que sem metas não chegamos a lugar nenhum. No Brasil há mais de 213 milhões de habitantes. Desejo que 1% da população adquira e leia ao menos um dos meus livros.

Sonhar é de graça, realizar sonhos é pago! Paga-se o preço de tentar, de sonhar, de voar nas asas da imaginação.

Você quer voar comigo e alcançar os mais elevados sonhos?



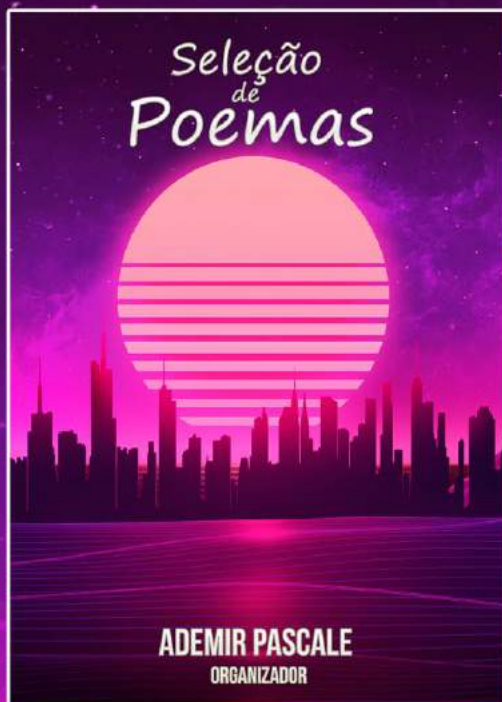
**Tania Costa**

O Brasil tem 213,3 milhões de habitantes, em 2022 quero vender meus livros para 1% da população. 🦋❤️  
Tudo é possível ao que crê 🦋  
Alguém disposto a me ajudar a atingir essa meta e comemorar comigo quando 2023 se apresentar? 🥳  
"Não julguem o livro pela capa"...  
Garanto que não vai se arrepender 🦋🦋  
#editorauniv  
#taniacosta  
#jociandrebarbosa

**Acompanhe pelas redes sociais**

Facebook: Tania Costa  
Instagram: Tania Costa escritora  
LinkedIn: Tania Costa  
Youtube: Tania Costa  
A Fazenda das Borboletas  
Email para contato  
tania34991407@gmail.com

# PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE  
O SEU CONTO OU POEMA**

**ACESSE:**

**[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)**



POR NEY ALENCAR

CONTO

# A FABULOSA PANTERA DA NOITE



## Conto

Vinlândia, 1.005 D.C.

O vento rodopiou selvagem pelo topo do telhado de grama!

A madrugada se esgueirava pelo terreiro batido com seus dedos gordos de sombras e fantasmas enquanto a lua cheia e gorda bailava pelo céu pontilhado de estrelas. O pequeno Sven, filho mais novo do peleteiro Thordvár, rolava na cama de palha sem conseguir pregar o olho.

Estava assombrado com as histórias de Shawnaditih, ouvidas no círculo da fogueira enquanto seu pai negociava com o skraeling.

O velho skraeling Beothuck era um dos poucos que comerciava peles e caça com seu pai e com o povo da vila de Leifsbudir.

Não conhecia outros.

Sven olhava boquiaberto para o corpo do skraeling, todo coberto por uma pintura ocre, uma proteção estranha contra as coisas velhas que perambulavam pelas matas dizia o skraeling.

À tiracolo tinha um arco curto e um escudo de pele de urso, uma lança fina e comprida estava no chão ao seu lado.

O irmão mais velho de Sven, Thialfy, quase com quinze anos, já saía para caçar com o pai e o velho skraeling pelas matarias esquecidas depois dos limites da vila.

Sven ainda era muito novo, apenas sete anos, mas já era esperto o suficiente para pegar pequenos pássaros em suas armadilhas e possuía uma bela coleção de penas.

O velho Shawnaditih tirou uma grande pena de dentro de uma bolsa de couro e deu para Sven.

— Pena de Águia! — instruiu o skraeling — Ótima para sua coleção!

Sven agradeceu.

O skraeling olhou para o pai de Sven e comentou:

— O inverno está chegando rápido e não é bom caçar perto das piscinas escuras do golfo.

— É nossas área mais rica em caça! — disse Thialfy com um muxoxo.

— É época de caça de Gitche-anahmi-bezheu! — explicou o velho skraeling com uma voz rouca e sinistra — Não se caça nesta época. Por isso meu povo vai para o sul.

— Nós moramos aqui! — falou o pai de Sven — Não podemos abandonar nossas terras como seu povo faz. Precisamos ficar.

O velho skraeling ficou em silêncio.

Sven perguntou curioso:

— Quem é esse que você falou?

Shawnaditih riu.

— Não é uma pessoa, pequeno Sven, é a Fabulosa Pantera da Noite!

— Oh! — fez Sven abrindo a boca de admiração — É uma nova história. Conte por favor.

O velho skraeling sorriu e contou:

— A Fabulosa Pantera da Noite é inimiga do Grande Pássaro do Trovão, se lembra dele?

— Sim.



— Existem poucas histórias sobre essa grande besta porque quem a encontra não sai vivo! Dizem que ela mora nas piscinas mais profundas e frias e que é diferente de tudo quanto é bicho que se conhece. Tem o corpo de um leão da montanha, mas é muito maior, e chifres como o poderoso búfalo das planícies do sul, que vocês ainda não viram. Suas costas possuem uma capa de escamas eriçadas como nos peixes e suas patas são mortais. Suas caudas são longas e ágeis como serpentes. Uma criatura terrível!

Terminou de falar e fez um som alto e gorgolejante, como um assobio entrecortado com um rugido rouco.

Sven pulou assustado.

O pai e o irmão de Sven riram-se, mas o velho skraeling estava bem sério.

— Meu irmão mais velho saiu para caçar numa dessas piscinas fundas, mais ou menos nessa época do ano, há uns dez anos atrás. Ele não ligava muito para nossas tradições. Nós nunca mais o vimos, mas encontramos suas armas quebradas perto do lugar onde ele costumava caçar.

Sven acreditava que fosse verdade.

Ele achava que já vira coisas estranhas pela floresta quando passeava sozinho ou quando ia caçar pássaros com o irmão mais velho.

Uma vez haviam sido assustados por uma sombra grande de um urso e fugiram e quando Sven olhou para trás achava que vira um urso pelado. Uma coisa horrorosa!

Ficou sem dormir por dias!

O pai levantou-se e jogou mais lenha no fogo.

— Hora de ir dormir, Sven.

Sven foi para sua cama de palha enquanto o pai e o velho skraeling ficavam discutindo assuntos de caça.

A mãe e a irmã já haviam se recolhido cedo.

Cochilou com a dança das labaredas e as vozes dos dois.

Quando deu por si acordou no escuro.

O monte de cinzas do fogo estava quase apagado, apenas alguns carvões ainda fulgiam, quebrando a escuridão.

A grande porta da frente da casa estava fechada com uma pesada tranca.

Seu pai a colocara no primeiro ano que havia construído a casa, por causa dos lobos que uivavam lá fora.

Depois do desastre da fazenda de Rethvål todos haviam ficado mais cuidadosos. Só o filho mais novo dele, Vili, sobrevivera. Uma história aterradora.

Olhou ao redor, todos dormiam, até o velho skraeling ressonava em um canto distante.

Sven conhecia uma piscina de águas fundas perto dali, logo depois da beira da floresta.

Queira ver se a história que o skraeling contara era verdadeira.

Levantou-se bem devagar para não fazer barulho, o medo da surra que levaria se o pai o visse não era maior do que sua curiosidade.

Caminhou pé ante pé até uma das janelas do fundo da grande casa e a abriu.

A madeira quebrou o silêncio com um rangido sinistro e agourento, mas ninguém acordou.

Sven pulou a janela.

O vento frio da madrugada secou o suor que lhe molhava o corpo.

Apertou com força um pequeno talismã que trazia sempre consigo, uma figura diminuta toda em carvão negro com um dos olhos pintados de branco e outro de preto.

Sentiu-se mais confiante e continuou.

Cruzou o terreiro batido e encaminhou-se para a floresta.

A sombra alta das árvores era assustadora!

Sven não parou, correu pela trilha que conhecia em direção à piscina escondida.

Era um lugar bem lúgubre, uma piscina grande de águas escuras escondida no meio de um bosque de carvalhos e árvores hirsutas, uma sebe de espinheiros à rodeava, quase como uma cerca.

A luz da lua caía em uma rede prateada sobre as águas quietas.

Sven chegou até a beira da água.

Esquecera-se de perguntar ao skraeling como se chamava a pantera, mas não precisou esperar muito.

Um vento forte fez balançar as árvores e Sven ouviu um rugido forte como um vento de tempestade e um assobio aterrador.

Era a pantera!

Ele a viu quase à sua frente.

A grande cabeça preta saindo da água sem fazer uma onda, os chifres eram largos e grossos, os olhos faiscavam com alguma coisa terrível que parecia fome e raiva ao mesmo tempo.

Sven tremia como uma vara verde.

Podia ver a corcova da besta com as escamas verdes eriçadas como as costas de um gato arrepiado. A boca da pantera emitia um rosnado baixo e profundo e a língua grossa e vermelha passeava pelos lábios roxos, lambendo-os com gosto.

Sven sabia que certamente seria seu fim! Recuou para longe da piscina, mas a besta seguiu-o saindo por inteiro das águas negras.

Era imensa, as patas eram maiores que a cabeça de Sven e a cauda chicoteava pelo ar excitada com a perspectiva da presa à sua frente.

Não havia como escapar daquilo que o encarava com olhos mortos.

Lembrou-se então de seu pequeno talismã.

Agarrou-o com todas as suas forças e orou com a fé que seu coraçãozinho possuía!

De trás de si ouviu um uivo alto como uma trombeta de caça, estridente, e dois vultos de lobos gigantes pularam rodeando-o.

Seus rosnados ribombaram pelo ar como se a própria terra tremesse e ambos voltaram-se contra seu perseguidor.

A pantera rosnou alto, mas seu rosnado foi abafado pelos lobos que avançaram e a fizeram recuar. Passo à passo eles a fizeram entrar na água até que ela desistiu e sumiu na escuridão. Sven olhou assustado para os lobos que o encaravam.

De trás de si uma mão grande, como se fosse de um gigante, estendeu-lhe uma pena negra de corvo.

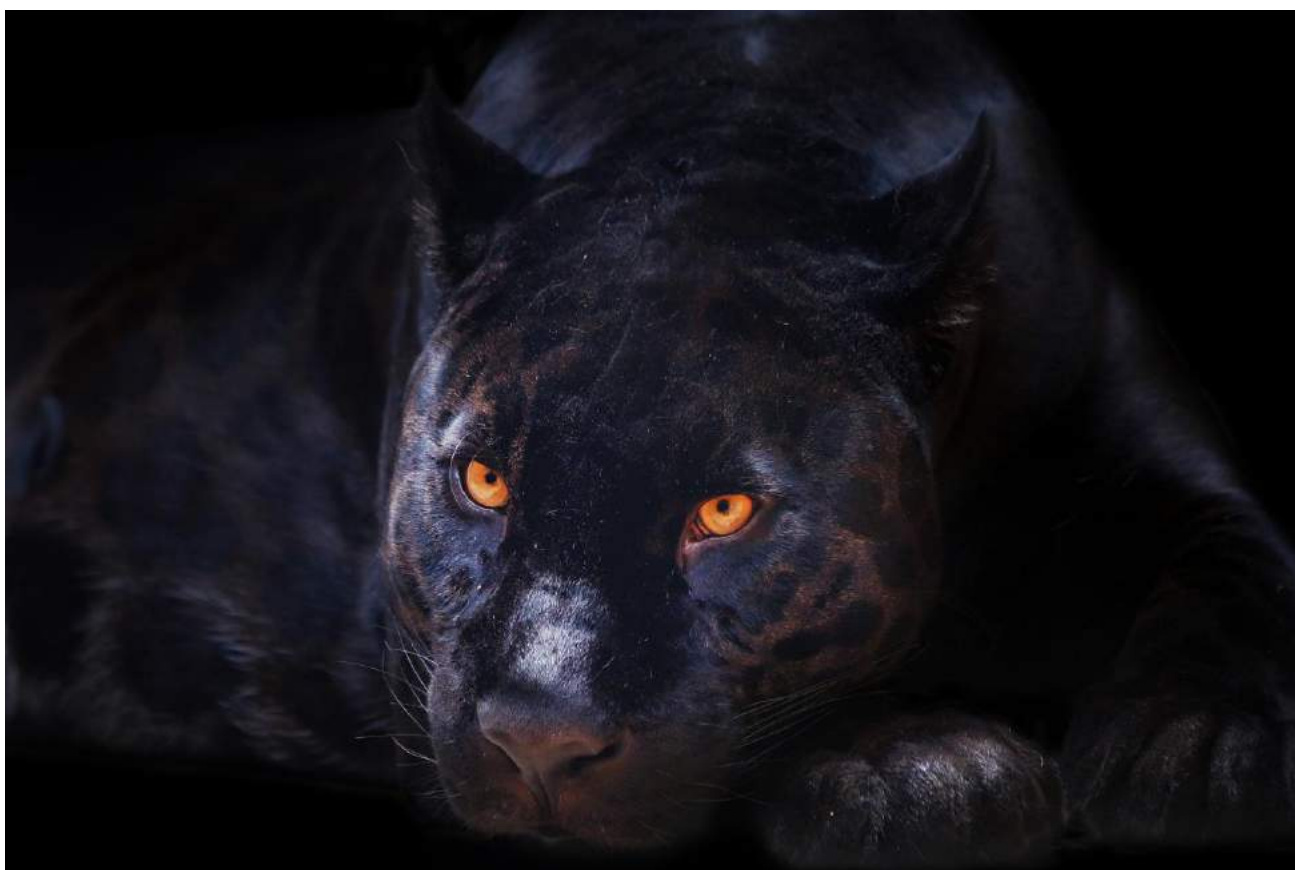
— Achei que devia ter uma pena destas em sua coleção! — falou a grande figura ensombrecida com uma voz trovejante que soava como uma gargalhada.

Sven pegou a pena e correu para casa sem olhar para trás.

Acordou na manhã seguinte, o sol quente batendo-lhe no rosto pela janela aberta.



Levantou-se de um pulo. Que terrível pesadelo tivera!  
Então olhou para sua cama de palha e ao lado do travesseiro viu a grande pena negra de corvo!



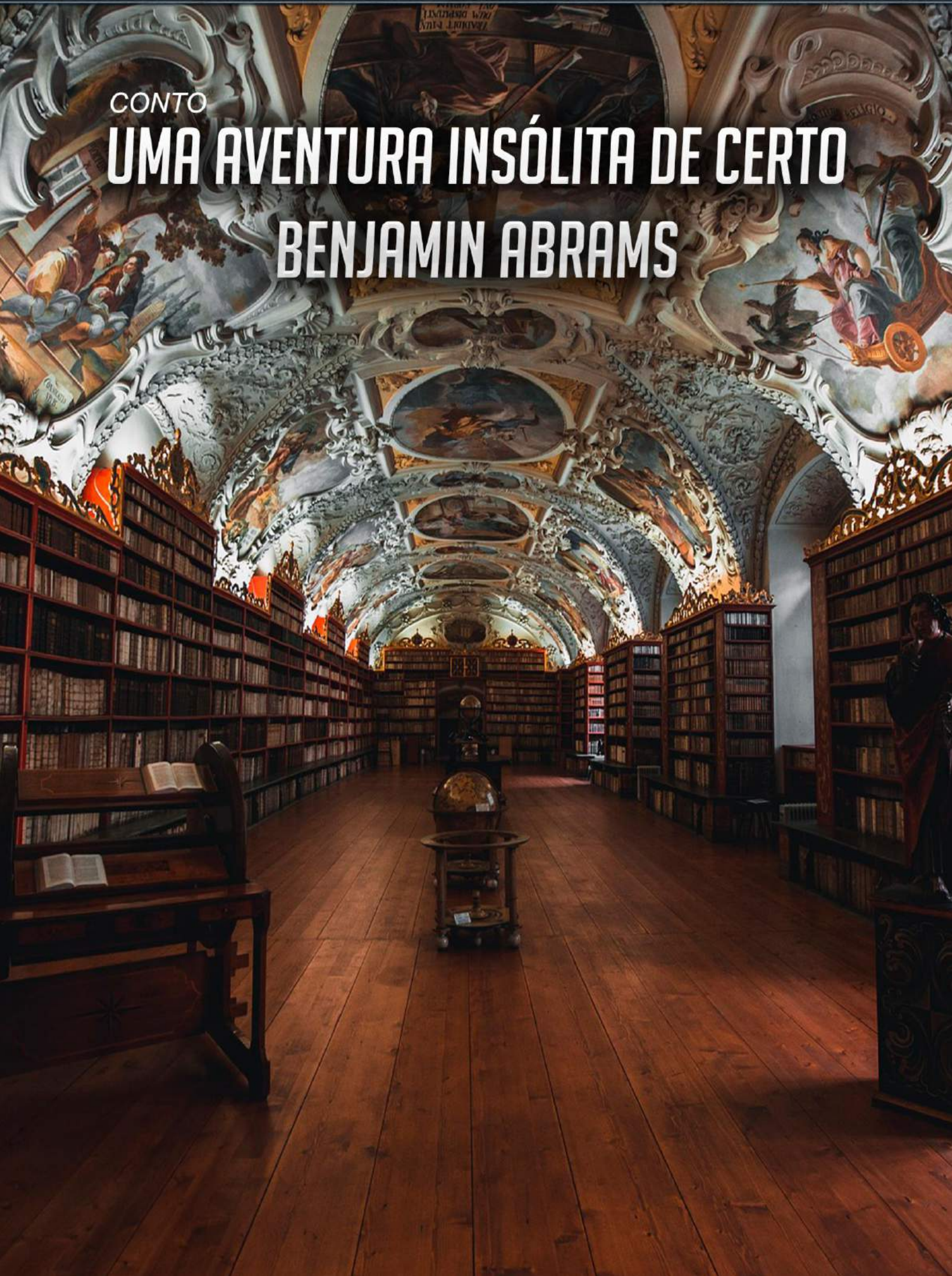
**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, No Refúgio dos Corvos, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos I e II, Sobrenatural e Revista Conexão Literatura Setembro/2021) e em 21 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era uma Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Chamado das Sombras, Labirintos, Horror Além da Compreensão, Caminhos Escuros, Maldição do Holandês Voador, Um Susto Danado).



POR NEY ALENCAR

CONTO

# UMA AVENTURA INSÓLITA DE CERTO BENJAMIN ABRAMS





**Conto**

---

“Quando em Tróia, faça como os Gregos!”  
*Velho ditado Homérico, Traduzido por Tomaz Garfinkle*

**B**enjamin olhou com horror quando o espanhol ossudo deitou a acha fumegante aos pés da pira que fora erguida ao redor do pináculo ao qual estava amarrado! As línguas de fogo lambeiram a madeira molhada de alcatrão e subiram famintas em sua direção, podia sentir o calor insuportável tirando o ar de seus pulmões.

Fora um tolo, sabia disso agora!

Não deveria ter conversado com o espanhol da pequena loja de livros naquele beco escuro, nem mesmo deveria ter perguntado pelos livros cabalísticos num lugar como aquele, devia ter saído dali enquanto tivera tempo.

Esquecera-se de verificar os livros históricos sobre aquele período em particular, 1481 era um ano particularmente funesto, agora sabia disso.

A Santa Inquisição Espanhola colocara tudo a perder. Agora seria seu fim!

Olhou para a multidão à sua frente, meros camponeses sem instrução nenhuma, mas iriam ficar ali até que seu corpo fosse reduzido às cinzas. Compraziam-se com aquilo. Que modo absurdo de morrer!

Um dos rostos chamou-lhe a atenção. Não era como os outros. Parecia mais limpo.

Prestou atenção, havia algo nele que não deveria haver ali.

Sentiu o fogo levantar-se numa lufada quente.

Viu um reflexo. Então percebeu!

Eram os óculos! Os óculos com lentes roxas!

Não havia aquele tipo de lentes naquela época, não ainda, levaria séculos para que fossem produzidas.

Será que havia outro viajante ali? Será que outra pessoa havia decifrado as mesmas equações de gematria e mecânica quântica?

Por que então o outro deixava que isso acontecesse com ele? Poderia intervir e salvá-lo.

Um barulho enorme soou do outro lado da praça, um rugido estranho e horrível.

Com horror Benjamin viu uma silhueta gigantesca elevando-se por detrás das casas atrás da praça.

Assustou-se com a visão esdrúxula. Era um louva-a-deus gigante?

A criatura levantou a cabeça e urrou de novo. Louva-a-deus não faziam sons como aquele. Parecia o urro de um hipopótamo no cio!

O povo que se aglomerava ao redor da praça para ver a execução viu a criatura, o pânico e o desespero os deixaram enlouquecidos. Fugiram para todos os lados.

Até mesmo os carrascos e o homem da Santa Inquisição fugiram em desabalada carreira.

Benjamin percebeu que apenas o estranho homem de óculos continuava parado à frente da fogueira.

Parecia concentrado com alguma coisa nas mãos.

Benjamin viu a criatura voar pelo céu, passando várias vezes pela praça até que não restou ninguém.

O homem aproximou-se da fogueira e tirando um pequeno apetrecho desconhecido direcionou-o para a base das chamas e despejou um líquido que as apagou num estalar de dedos.

Depois com cuidado subiu até a plataforma onde estava Benjamin.

— Boa tarde. — cumprimentou o homem com um sorriso — Me chamo Tomaz Garfinkle e estou aqui para leva-lo de volta à sua época.

Benjamin estava atônito.

— Como chegou até aqui? Como sabia que eu estava aqui? Você é da Polícia Temporal?

Garfinkle sorriu e balançou a cabeça.

— Não existe essa coisa de Polícia Temporal. É só uma propaganda enganosa do governo para que pessoas como você não façam exatamente aquilo que acabou de fazer e acabem morrendo em consequência disso!

Benjamin foi libertado das cordas apertadas e desceram da plataforma.

Garfinkle tirou um pequeno joystick do bolso do casaco e apertando alguns botões desligou o louva-a-deus. A imagem sumiu sem deixar traços.

— Vamos sair daqui antes que eles descubram que os enganei. Não iriam ficar felizes! — riu Garfinkle num tom brincalhão — Não quero acabar dividindo a fogueira com você!

Atravessaram a praça num passo rápido e pararam em frente à parede lateral de uma padaria.

Garfinkle desenhou uma porta e uma maçaneta nos tijolos com um tipo de giz.

Girou a maçaneta e abriu a porta.

Benjamin viu que o interior era de metal polido e uma luz forte vinha lá de dentro.

— Venha. Vamos tomar um pouco de chá e então lhe explicarei tudo. — convidou Garfinkle entrando.

Benjamin, sem fala, o acompanhou.

O lugar, um salão amplo e bem iluminado, possuía uma mesa larga no centro.

As paredes eram de metal branco e por elas corriam fileiras de botões e alavancas.

Do outro lado da sala havia uma janela larga por onde Benjamin podia ver um céu negro e cheio de estrelas, na frente da janela uma poltrona confortável e um painel lateral também cheio de botões.

Garfinkle sentou-se em uma das duas cadeiras que havia ao redor da mesa, que num estalar de dedos estava posta, com uma chávena fumegante, xícaras de porcelana, alguns tipos estranhos de bolos, pastéis e pães além de outras comidas que não conseguiu reconhecer.

Sentou-se devagar na cadeira em frente àquele homem estranho.

— Quem é você?

— Ora, já lhe disse. Sou Tomaz Garfinkle!

— Não foi isso que perguntei. Quem é você de verdade?

Por um instante o outro ficou em silêncio, então tirou os óculos roxos e piscou os olhos.

Eram vivos e pareciam sorrir à todo instante.

— Meu nome não pode ser pronunciado na sua língua, muitas fricativas e aliterações sabe? Basta me chamar de Garfinkle. Você é um mago não é?

— Tsadik, eu sou um Tsadik! — explicou Benjamin correndo-se por dentro — Não sou um mago! Magos são hereges!



— Ok! — concordou Garfinkle sorrindo de forma condescendente — Mas temos que reconhecer que Mago é um nome bem melhor para expressar o que você é do que Tsadik! Tsadiks não saem por ai em viagens pelo tempo tentando encontrar a fórmula para transformar chumbo em ouro. Na realidade eles mal saem de casa!

Benjamin ficou em silêncio.

— Como sabe o que vim fazer aqui? — perguntou Benjamin desconfiado.

— Ora, eu venho acompanhando seu desenvolvimento desde que começou a testar as possibilidades de viajar pelas realidades. Afinal viagens no tempo são coisas divertidas, porém muito perigosas.

— Pelas realidades? Só quis voltar no tempo alguns séculos. — queixou-se Benjamin e olhando para o outro — Você tem me espionado?

Garfinkle serviu-se de uma fatia generosa de bolo e pegou algumas rosquinhas.

— Segui você nas redes sociais. Você é bem explícito naquilo que faz. Não faz segredo nenhum. Nesses tempos modernos isso é muito desaconselhável levando em conta o que você faz.

Benjamin ficou em silêncio.

— O que é este lugar?

— É minha nave, eu a chamo de Astréia, mas na verdade é um modelo Nebula 4800. Não vem com todos estes apetrechos, tive que pagar à parte por eles, mas valeu a pena. Depois de alguns milhões de anos você se cansa do modelo básico. Este pelo contrário foi quase todo modificado por mim. — contou Garfinkle com um certo orgulho.

— É uma nave que viaja no tempo?

— Não! — exclamou Garfinkle com a boca cheia de bolo — É uma nave espaço-temporal! Ela viaja pelo tempo e pelo espaço. Se fosse só pelo tempo não teria custado tanto.

Benjamin olhou ao redor nervoso.

Decerto estava tendo um colapso mental.

Devia estar na fogueira queimando nos seus últimos estertores e sua mente lhe pregava peças.

— Claro que não! — interrompeu Garfinkle — Você está são e salvo em minha nave. Vocês humanos são muito melodramáticos às vezes.

Benjamin o olhou com os olhos arregalados de susto e terror.

— Você pode ler mentes?

— Minha raça tem esse pequeno problema, sabe. Já tentamos terapia e remédios, mas continua voltando. Não é bom para relacionamentos, por isso evitamos casamentos monogâmicos.

— Você é estranho. — reparou Benjamin, servindo-se afinal de bolo e café, o gosto era bom. Verificou com surpresa que estava faminto.

— Bem, já estudo seu planeta há quase um bilhão e meio de anos, é difícil não ficar meio estranho com todas as coisas que vi ali. — falou Garfinkle com um calafrio.

— Você estuda a Terra?

— Claro, é um dos únicos planetas no quadrante que é habitado por seres megalomaniacos e extremamente belicosos. Vocês fazem guerra por tudo. Chegam a exterminar nações inteiras apenas por diferenças religiosas. Nem mesmo os Tenebrianos

de Deneb IV fazem esse tipo de coisa. E eles tem um regime fascista extremamente radical.

— Você é um historiador?

— Não. — disse Garfinkle balançando a mão — Sou o que você poderiam chamar de terapeuta, não psicólogo e muito menos psiquiatra, apenas terapeuta.

— Porque você está estudando a Terra há tanto tempo? A humanidade existe há menos de cem mil anos.

— Bem, vim para cá para estudar fungos. Minha primeira graduação é em engenharia combustível e as naves da minha raça, como a Astréia, usam um modelo novo de motor à fusão fungóide como motor principal, além dos outros dois movidos à combustão de ouro. Quando soube que a Terra estava começando a desenvolver vida multicelular e fungos corri pra cá para explorar o mercado. Quem sabe não encontraria algo que poderia revolucionar o mercado de motores? Fui ficando e acabei gostando daqui. Precisava ver a época dos dinossauros foi muito divertida até a chegada do meteoro!

— Você viveu aqui desde antes dos dinossauros?

— Como acabei de lhe dizer. — repetiu Garfinkle — Você humanos tem uma tendência à se repetirem, observei isso vários milhões de vezes. Talvez seja genético.

— E agora o que vai fazer?

— Agora? — perguntou Garfinkle comendo outro pedaço de bolo — Quero estudar um palimpsesto que encontrei enquanto observava você no século quinze. Ele possui uma peculiaridade insofismável, as letras se constroem e desconstroem de acordo com o tempo onde estão.

— Intrigante. — desabafou Benjamin sem saber o que dizer.

— Exatamente! Quem dirá o que podem fazer ou dizer nos diversos períodos da Terra?

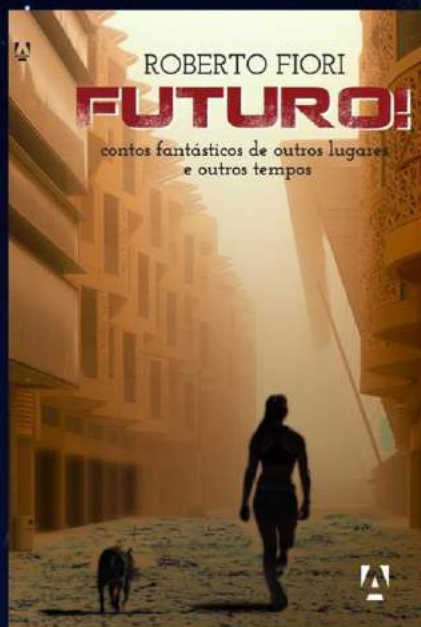
— sorriu Garfinkle encantado com sua própria perspicácia.

Assim aqueles dois viajantes tão díspares continuaram conversando e tomando chá dentro da nave Astréia.

Diz-se que eles viajaram depois para outros lugares fora do tempo e do espaço e além dessas duas grandezas e tiveram muitas aventuras estranhas fora dos mundos que conhecemos, mas isso não é contado aqui!

**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, No Refúgio dos Corvos, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos I e II, Sobrenatural e Revista Conexão Literatura Setembro/2021) e em 21 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era uma Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Chamado das Sombras, Labirintos, Horror Além da Compreensão, Caminhos Escuros, Maldição do Holandês Voador, Um Susto Danado).





CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE  
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS  
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E  
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



POR CLÓVIS REZENDE

CONTO  
**ANNA, A INVESTIGADORA**



## Conto

---

Anna inicia um novo dia, segue com passos firmes em direção à delegacia de polícia, ela é investigadora, motivações não lhe faltam, está realizada no trabalho que desejou ingressar desde menina, mesmo a sociedade tendo avançado muito, Anna ainda enfrenta preconceitos diariamente por ser mulher em um mundo geralmente dominado por homens. Foi a primeira em sua classe nos testes de admissão e sempre tem uma linha investigativa muito limpa e coerente nos casos em que trabalha, infelizmente seu superior, o Tenente Zavares, demonstra ser bastante machista e opressor, sempre deliberando casos menores para a mesa dela.

Mesmo com todos esses obstáculos Anna segue trabalhando e dando seu melhor, seu maior intuito é aprender mais a cada dia, conseguindo assim subir gradativamente em sua carreira de policial investigativa. Alguns crimes que ocorreram, deixaram toda a delegacia agitada, o policial Albuquerque, que é o detetive mais antigo, chefiava os casos. Vários homicídios movimentaram todo o corpo policial, que segue investigando tentando encontrar pistas que levem aos autores dos crimes. Somente Anna não foi incluída nas investigações, Zavares disse que seria mais prudente se ela assumisse os casos menores, assim os outros policiais mais experientes podiam se concentrar nos homicídios. Até o momento foram 6 mortes ainda sem explicação, aparentemente não há ligação entre os casos, cada corpo foi encontrado em um lugar distinto da cidade, todos os cadáveres tinham o tórax perfurado, com o trauma chegando coração e, que segundo os exames do legista, foi a causa morte, não haviam marcas ou hematomas e nem sinais de envenenamento nos cadáveres. Anna podia participar das reuniões que os outros policiais faziam a cada 3 dias para trocar informações sobre os casos, mas somente como observadora e, na maioria das vezes, Zavares pedia para ela buscar mais café para eles. Mesmo sabendo que ele abusava de sua autoridade ela obedecia, ela queria saber mais detalhes sobre o andamento dos casos e, a cada reunião, ela descobria algo novo. Albuquerque era o único que ouvia e dava atenção ao que Anna falava, logo após o término de outra reunião, Anna se aproxima da mesa do investigador com suas dúvidas.

— Já tem seus suspeitos?

— Na verdade muitos! — fala, com orgulho na voz — Estamos esperando a documentação para poder interrogar eles de maneira oficial! — conta, enquanto reúne alguns papéis em sua mesa.

— E quais as motivações dos crimes? — questiona a investigadora.

— Possível guerra de gangues, envolvimento com drogas e talvez queima de arquivo, 5 dos 6 mortos tinham ficha criminal! — explica o investigador, já levantando, colocando seu colete a prova de balas e sua jaqueta.

— Olha, eu admiro muito sua linha de investigação — fala com a voz respeitosa —, mas eu acho que tem alguma ligação mais forte entre esses homicídios, acredito que...

— Escute aqui Anna! — bate com o punho fechado na mesa — Eu te respeito muito como profissional, sempre ouvi você desde que entrou aqui, mas quero pedir que pare de imaginar coisas nesses casos que não são de sua ossada!

— Mas eu ...



— Não tem mas, esses casos estão sob minha jurisdição, vou resolver todos eles sem jornadas investigativas absurdas.

Albuquerque sai dando as costas para a policial Anna, ela apenas retorna para sua mesa, sabe que vive em um mundo masculino e deve ter cuidado com suas intenções ao se expressar, sabe que mesmo descobrindo muito sobre alguns casos, tem a hora e o momento certo para revelar aos colegas e ao seu superior.

O fim do expediente chega e Anna não vai direto para casa, ela passa em uma padaria e compra algumas rosquinhas, logo após se encaminha para o prédio do IML, onde pretende conversar com Eduardo, que é o médico responsável em fazer todas as autópsias nos corpos que são encaminhados para o local.

Entra no ambiente frio e mórbido, caminha até a sala do médico, com uma leve batida com os nós dos dedos na porta que está aberta, ela entra.

— Boa noite doutor Eduardo! — simpatia e animosidade na voz.

— Faz tempo que não me chamam de doutor! — fala com entusiasmo, mas com olhar desconfiado se recosta na cadeira.

— Sou a detetive Anna! — estende a mão aberta, e recebe um cumprimento firme do médico — Você tem formação, não tem?

— Sim, claro que eu tenho! — responde ele rapidamente, com certo nervosismo.

— Então você é doutor! — diz ela simplesmente, mas toma nota mental para investigar o motivo do nervosismo do médico.

— Zavares te mandou aqui? Eu já enviei tudo que eu tinha sobre os cadáveres, amanhã chega o último resultado de toxicologia! — explica se defendendo.

— Não, Zavares não me mandou, eu achei que você podia estar com fome — fala levantando a sacola, revelando seu conteúdo —, trouxe alguns doces para você!

Anna sabia que a julgar pela gordura abdominal de Eduardo, ele não recusaria os doces.

— Nossa, são para mim? — olhos brilhando — Mas a troco de que você faria isso? — pega os doces, mas ainda desconfiado.

— Imaginei se posso perguntar alguma coisa extraoficialmente sobre os corpos que você examinou! — fala ela em tom casual.

— Já dei todas as informações para Zavares — fala com a boca cheia, logo após morder uma das rosquinhas com cobertura de chocolate —, não posso te ajudar!

— Sei disso, mas só uma pergunta! — insiste, com olhar suplicante — Eu me interessou muito pelas investigações, o que você me disser não vai afetar os casos, só vai matar minha curiosidade!

Eduardo come mais uma rosquinha, levanta os olhos para ela e limpa a boca com as costas da mão.

— Uma pergunta! Uma pergunta e você cai fora!

— Tudo bem! — diz ela, levantando as mãos e, logo depois, assumindo nova postura para fazer a pergunta.

— Nos exames que fez nos corpos encontrados, sabe se todos foram mortos com o mesmo tipo de arma? — pergunta em tom sério, característico aos investigadores.

— Eu diria que não! — fala, ainda mastigando — Os 3 primeiros tinham perfuração de tórax semelhantes, mas os últimos tinham perfuração diferente, como se fosse um objeto cortante maior! — explica, pegando a última rosquinha.

— Mas poderia ser o mesmo tipo de arma, mas usado com mais violência? — pergunta ela, apoiando seu cotovelo na mesa e o queixo na palma da mão.

— Poderia, mas não haveria sentido, a perfuração penetrou até o coração, causando a morte quase instantânea, não teria porque o assassino usar de violência se sua vítima já agonizava! — explicou, juntando os farelos das rosquinhas que profanavam seu jaleco branco.

— Você está certo! — diz ela, abandonando o tom sério — Bom, eu já vou indo, pode manter entre nós essa conversa? Sabe como são os detetives, eles não entendem minha curiosidade!

— Claro, não se preocupe, mas me deve outra rodada de roquinhas! — diz Eduardo, levantando as mãos — Foram duas perguntas!

— Está bem, mando lhe entregarem outro pacote amanhã! — fala, deixando os ombros caírem em sinal de derrota.

— E seu segredo está seguro se você me passar o endereço do lugar que você comprou essas delícias! — lambe açúcar que havia nas costas de suas mãos.

— Pode deixar, obrigado doutor! — fala, saindo do local.

Logo após sair do prédio Anna assume seu rosto pensativo outra vez. Ela tem quase certeza que todos os crimes tinham ligação e, ela acredita, que todos tenham sido mortos pelo mesmo criminoso, o que agravaria muito a situação, nesse cenário teriam um assassino série, com isso talvez perdessem o caso para outras autoridades policiais que tratavam desses assuntos de maior repercussão.

Um novo dia começa, Anna segue pensando nos casos e na possível ligação entre eles, ela havia pesquisado nos arquivos sobre os mortos, mas nada ligava um ao outro, além do fato de todos os 6 terem supostamente cometido furtos ou crimes menores. O dia de trabalho chega ao fim, ela caminha em direção a sua casa tentando desvendar o mistério, tem algo em sua mente martelando e fazendo com que os crimes não saiam de seus pensamentos, mas já é tarde, decide que será melhor descansar.

Na manhã seguinte ela chega na delegacia para iniciar mais um dia de trabalho, após concluir alguns dos seus trabalhos rotineiros, investiga às escondidas alguma coisa que ligue os 6 mortos, quando está quase desistindo ela olha algumas fotos antigas das vítimas e nota algo que passou despercebido, duas das vítimas tinham fotos antigas com uniforme de colégio e mostrava que haveriam estudado na mesma escola, agora ela precisava descobrir se foi na mesma época.

Com algumas ligações e após vários minutos de conversa com funcionários da escola, ela constatou que seu sexto sentido estava correto, as 6 vítimas estudaram no mesmo colégio todos no mesmo ano.

Ela já tinha algo que ligava as vítimas, mas isso ainda não dava pistas sobre o assassino ou assassinos, nesse momento ela está concentrada olhando algumas

informações na tela de seu computador, quando o detetive Albuquerque chama sua atenção:

— Anna, o Tenente pediu para você cuidar dos casos da denúncia de maus tratos animais!

— Eles não podem encaminhar isso para a polícia ambiental?

— Não cabe a mim ou a você decidir, fazemos o que o Tenente manda!

— E os assassinatos, alguma novidade? — pergunta ela, tentando parecer desinteressada.

— Nada, o Tenente disse para seguirmos investigando até o fim de semana, se não surgir nada novo vamos encerrar os casos! — fala já se afastando da mesa dela.

Anna observa o investigador se afastar, sente que pode descobrir algo que ajude a solucionar os casos, invés de atribuir a brigas entre gangues ou desentendimento entre traficantes.

Mais tarde no mesmo dia, Anna decide descobrir mais sobre o passado das vítimas, para isso ela pensa que os professores que deram aulas para eles podem fornecer um bom parâmetro e, quem sabe assim, indicar alguma direção que ela possa investigar.

Depois de se encontrar com dois professores aposentados, ela volta com olhar decidido para a delegacia. Caminha até sua mesa e começa a verificar alguns dados em seu computador, após algum tempo ela levanta, pega alguns papéis na impressora, coloca em uma pasta e caminha confiante até a sala de reuniões da delegacia, onde no momento, os detetives e o Tenente Zavares deliberam sobre os casos de assassinato.

Com uma batida leve na porta com os nós dos dedos ela entra.

— Com licença, eu me atrasei um pouco, mas foi por um bom motivo! — anuncia sorrindo.

— Que bom que você chegou Anna, estamos sem café! — fala o Tenente, apontando a garrafa térmica.

— Hoje não vou poder atender os caprichos machistas de vocês Tenente! — caminha lentamente entre os detetives, se aproximando do chefe.

— O que você disse menina? — Zavares levanta a voz, e percebe que ela carrega uma pasta cheia de documentos.

— Eu descobri quem assassinou as 6 vítimas! — anuncia ela, parando em frente ao Tenente.

— Vai dizer que ainda está com essas teorias? — fala o detetive Albuquerque em tom debochado.

— Pare com essa palhaçada e vá fazer o que eu pedi detetive! — ordena Zavares, com voz exaltada.

— Não Tenente, a partir de hoje não obedeço mais suas ordens! — fala e joga a pasta com documentos no peito do Tenente.

Todos os detetives se olham espantados, não sabem como agir com a afronta da detetive Anna, antes que o Tenente Zavares fale algo ela começa a explicar.

— Descobri que todas as vítimas estudaram no mesmo colégio, todos frequentaram a mesma sala, após alguns contatos com funcionários e professores da época eu descobri algumas coisas! — fala, andando lentamente pela sala — As vítimas



eram um pouco opressores, perseguiram e zoavam a maioria dos alunos, os 6 jogavam no time da escola e tratavam a maioria com desprezo!

— Mas isso não prova nada! — falou o policial Albuquerque, interrompendo-a.

— Calma, eu já chego lá! — fala e olha para o Tenente, que verifica a pasta com os documentos.

— As vítimas se conheciam e tratavam mal todos os colegas, em especial um menino que na época estava acima do peso, descobri que esse menino sofreu muito tempo nas mãos dos 6 amigos e que inclusive sofreu agressões físicas, haviam várias atas no colégio referente aos ocorridos!

— Ainda não entendi a sua linha de raciocínio! — fala Albuquerque, já perdendo a paciência.

— O tempo passou e o menino cresceu, resolveu então se vingar dos seus agressores, conseguiu fazer 5 deles serem presos com acusações falsas, mas após eles serem soltos por falta de provas de seus crimes, ele resolveu tirar a vida de cada um deles, inclusive se atentando para o fato de modificar a intensidade dos golpes nos últimos assassinatos, para que não tivessem como comprovar que foi utilizada a mesma arma ou que tenha sido a mesma pessoa que o fez, descobri também que o atual médico legista tem registro acadêmico falso, o assassino deveria saber disso e fez com que ele não fizesse as autópsias da forma correta!

— Isso é absurdo, para fazer essas coisas o suposto assassino deveria ter muita influência, mais uma vez suas ideias não dão em nada Anna, por favor Tenente, afaste ela da investigação! — fala Albuquerque, olhando para seu chefe, só então percebe o quanto o Tenente parece abalado enquanto olha para os documentos que Anna lhe entregou.

O Tenente olha para todos os rostos que lhe encaram, desaba pesadamente sobre uma cadeira, seu rosto demonstra uma palidez incomum.

— Tudo bem chefe? — pergunta o detetive Almeida, se aproximando rapidamente.

— Ele vai ficar bem! — fala Anna, com desprezo na voz — Como você disse detetive Albuquerque, o suposto assassino deveria ter influência para fazer tudo o que eu falei, e ele tinha, tudo teria ficado escondido dos olhos de todos se não fosse por um detalhe, o assassino foi descuidado e usou os computadores do trabalho dele para descobrir endereços e locais que as vítimas frequentavam, eu consegui acessar essas pesquisas que podem servir como prova, além das prisões irregulares que também deixaram vestígios!

— Muito bem, se tem todas essas informações, nos diga, qual é o nome desse assassino? — questiona Albuquerque.

— O menino que sofria perseguição, que sofria agressões, que provavelmente ficou com traumas psicológicos, o menino cresceu, na escola todos o conheciam por André, mas em seu trabalho todos o chamam pelo sobrenome, e vocês o conhecem como Tenente Zavares!

Todos olham incrédulos, rapidamente viram o rosto para o Tenente buscando sua resposta.

— Eles mereciam, não me arrependo de nada! — fala, rasgando alguns papéis que segurava — Isso não muda nada, arquivem o caso e voltem aos seus trabalhos! — ordenou o Tenente, com descaso na voz.

— Imaginei que essa seria sua reação, por precaução chamei autoridades que cuidam de assassinos em série! — conta Anna.

Nesse momento dois agentes da polícia federal entram pela porta com armas a mão e um mandado de prisão.

— Tenente André Zavares, você está preso, você foi acusado pelo assassinato de 6 pessoas, tudo que você disser poderá ser usado contra você no tribunal!

O Tenente levanta rapidamente tentando alguma reação, imediatamente o detetive Albuquerque e o detetive Almeida ajudam a conter Zavares e logo algemas lhe são colocadas.

De cabeça baixa Zavares é conduzido para fora da sala, não tem coragem de encarar Anna quando passa por ela, o detetive Albuquerque vem logo atrás e para ao lado dela.

— Parabéns detetive Anna, tenho certeza de que logo terei que lhe chamar de Tenente Anna!

Ela apenas agradece com um aceno, extasiada por dentro não consegue falar, está muito realizada por ter solucionado um caso complexo, por ter levado a prisão do assassino e por não ter mais que sofrer humilhações machistas por parte de seu chefe, ela sabe que apesar das mudanças no mundo, as mulheres ainda enfrentam uma realidade machista, mas ela tem certeza que as coisas de agora em diante vão mudar.



**Clóvis Rezende**, aspirante a escritor, já possui diversos contos e poesias publicados, sempre em busca de conhecimento, participa em vários concursos, colocando um pouco de sua visão em alguns de seus escritos.

Instagram: @clovis\_rez

E-mail: rezende\_clovis@hotmail.com



Email: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# **DIVULGAMOS O SEU LIVRO**

## **PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES**

### **POR R\$100**

---

#### **MEIO DIGITAL**

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz

---

#### **DESTAQUE O SEU LIVRO**

- 1** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacá-lo.
- 2** A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro



POR FERNANDO GIMENEZ

CONTO  
**JANDIRA E ALDRAVIO**





**Conto**

Jandira, aos 55 anos, chegara no vilarejo do interior do Paraná. Fugia. Não da peste, mas de um diabo em forma de homem. O que não imaginara é que, naquele fim de mundo, outra encarnação do tesconjuro a aguardava. Aldravio, além de estranho nome, tinha hábitos peculiares. Após as refeições ficava quase meia hora palitando os dentes. Outro hábito era o arrotto durante as refeições. Alto e prolongado. Batia com as duas mãos espalmadas sobre a barriga. Abria o sorriso. E pedia o café. Que a mãe trazia, ao mesmo tempo em que ralhava com o moço. Aldravio, não faz assim meu filho. Aldravio estava no frescor de seus 20 anos.

A mãe era dona da pensão. Única no vilarejo. Transformara a casa em que morara por dez anos com Deosvaldo, na pensão Santa Paula. Isto foi logo após a morte de Deosvaldo, caminhoneiro, em acidente na Castelo Branco, quando voltava para o Paraná, após três semanas de frete entre Rio, Goiás e Minas. Viúva, Natalina herdou a casa. O caminhão foi destruído no acidente. O menino já estava com sete anos. Após a missa de sétimo dia, Natalina encomendou com Januário, o único pintor do vilarejo, uma placa escrito em branco sobre fundo azul: Pensão Santa Paula. No dia seguinte, pediu que Januário pregasse a placa no alto do muro que cercava a casa. O vilarejo era passagem de tropeiros antigamente e tinha um fluxo de caminhoneiros que mantinham a tradição do frete de mercadorias na região central do Paraná.

Assim, da necessidade de Natalina surgiu a primeira pensão do vilarejo. Com cinco cômodos na casa e uma boa comida caseira, Natalina pensou que conseguiria o sustento dela e do filho com a pensão. Estava certa. Treze anos depois, Jandira surgiu no portão da pensão. O quarto menor estava vago. Para Jandira, pareceu mais do que suficiente. Propôs um valor mensal que sua aposentadoria de professora do estado cobria com folga. Natalina topou e Jandira se tornou a primeira hóspede permanente da Pensão Santa Paula.

Logo no primeiro almoço, Jandira botou os olhos em Aldravio. As más lembranças e os maus tratos de Antenor começavam a esvanecer. Até as marcas da fivela do cinturão, com que ele a surrava diariamente, pareciam estar desbotando. O desejo a deixou acalorada. Natalina percebeu o rosto avermelhado da hóspede. Imaginou que seria menopausa e não comentou nada. Mas, o que Natalina não percebeu foi a troca de olhares entre a hóspede e Aldravio.

Naquele dia, porém, bem como nos seguintes nada aconteceu. Até que certa noite, após o jantar, Jandira se recolheu mais cedo. Não quis assistir ao noticiário e às novelas como fazia desde a primeira noite na Pensão Santa Paula. A pensão estava lotada, com muitos caminhoneiros que ficariam apenas para o pouso e a refeição noturna. Natalina, enquanto o filho ficava esparramado em uma poltrona, corria para atender a todos. Durante o jantar, Jandira e Aldravio, enquanto a mãe atendia os demais hóspedes, trocavam olhares lascivos. Ao se recolher, não trancou a porta do pequeno quarto na esperança de que Aldravio pudesse procurá-la. Não se enganou!

Para sua surpresa, porém, assim que Aldravio entrou, tirou o cinto com a fivela enorme em formato de ferradura. Ordenou que Jandira se pusesse de quatro. E surrou a mulher,

como Yolanda fazia com ele na zona, desde que perdera a virgindade com ela aos 15 anos.

Jandira pensou consigo mesmo, enquanto sorria:

— Quem diria que a encarnação do coiso estaria na Pensão Santa Paula. Quanta ironia!



**Fernando Gimenez** é londrinense e reside em Curitiba desde 2003. É professor universitário e escritor. Mantém dois blogs onde registra seus escritos: [umhaikaiaodiablogspot.com](http://umhaikaiaodiablogspot.com) (poesias) e [brevestextos.blogspot.com](http://brevestextos.blogspot.com). (contos e crônicas).



POR IDICAMPOS

CONTO

# VIAGEM SEM PASSAPORTE



**Conto**

---

**H**erculano, filho de gregos, funcionários de um transatlântico, vinha de pai animador cultural, com mãe bailarina; eles compunham o elenco dos espetáculos, na embarcação de três andares.

Gerado no sacolejo da cabine, teve o mar como berço, ninado ao ritmo das ondas do mar; logo após o resguardo da mamãe, a família recebeu a dispensa, a empresa negava aos empregados conceber filhos, perderam as respectivas funções.

Os pais radicaram-se, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, em Japeri. Ali, o menino viveu a infância: jogou bola, arremessou pedra na casa dos outros, brincou de pique esconde, deliciou a salada mista, tomou porrada no garrafão, etc. Cresceu, amadureceu na adolescência, virou homem feito.

Herculano fazia jus à descendência, amava filosofia, tinha a mitologia grega por religião; via no conhecimento — no interior do ser — uma aliança contra a ignorância humana...

Iniciou a carreira de músico, em Nova Iguaçu (município colado em Japeri); frequentava as rodas de intelectuais, marcava presença nas bebedeiras, não saía do Bar do Daniel; onde ganhava o pão de cada dia.

Tocava violão, como ninguém, de ouvido, pura intuição, dedilhava um som harmonioso, quase um mantra. Os vizinhos elogiavam, o público delirava, os namorados curtiavam. Dominava os segredos do instrumento, o som enfeitiçava, conduzindo a plateia a um momento de paz...

No Bar do Daniel, conheceu Megana, o amor da sua vida; uma paixão de morte, consolidada no casamento mais feliz daquela época.

Megana residia em São João de Meriti, na beira da Rodovia Presidente Dutra, eixo econômico do país, ligando o estado do Rio de Janeiro a São Paulo. Chegou à fase adulta, formada em cabelereira, especializada em cortes extravagantes.

O matrimônio domiciliou o casal no bairro da Califórnia, pertinho do centro de Nova Iguaçu. A vida corria em paralelo ao paraíso. Ele músico de barzinho, ela cabelereira, viviam as mil maravilhas.

Acordavam juntos, dormiam de conchinha, passeavam de mãos dadas; um cara metade do outro, esbanjavam afetividade, viviam um grande amor!

Os mandamentos da via do coração foram interrompidos, drasticamente, por uma moléstia pulmonar; uma pneumonia, evasiva, tomara conta dos pulmões de Megana, levando-a ao óbito, em poucos meses.

O desatino colocou a vida de Herculano de pernas para o ar, perdeu o eixo da questão. Desesperado, esbravejava contra o cosmos; achava na loucura mental que Zeus impunha-lhe o castigo da solidão.

A morte da companheira embaralhou os pensamentos, na cabeça de Herculano; padeceu de tristeza — cabisbaixo — entregou-se ao álcool, perdeu as rédeas do ego, embarcou na compulsão da cocaína.

Numa dessas, mergulhou numa alucinação, naufragou no inconsciente, visitou as profundezas da mente... Suspirou, sendo acolhido nos braços de Morfeu, confessando as suas mágoas... O Deus do sono, piedoso, presenteou-o com o sonho dos deuses: a capacidade de vencer a morte...

Sacudido de si, avistou uma fenda na realidade, penetrou na rachadura; abriu os olhos, enxergou uma vasta estrada escura, apertou o violão no peito, desceu o caminho... Consciente da bravura, senhor do próprio destino, escutou longe a voz de Megana, clamando o seu nome... Fortaleceu a vontade, continuou invadindo, mais andava... mais a voz soava, mais clara!

A felicidade, o brilho das palavras de Megana, lotou o coração do artista de esperança; no entanto, ao dobrar a curva, deparou com Cérbero, guardião das portas do inferno, o cachorro de duas cabeças.

Uma cabeça rosnavava, a outra latia: o pavor tomou conta de Herculano; ainda que tivesse coragem, estava perdido... Aflito, reivindicou a intuição, empunhou o violão, cantou uma canção de amor, feita em homenagem a Megana. As notas musicais encantaram o espaço, trouxeram harmonia; o cão, simplesmente, dormiu... As cabeças da fera babaram, diante do violão mágico...

Megana gritou, a voz vinha do fim do caminho; o coração de Herculano saltava na caixa torácica, a saudade aumentava o ritmo dos passos, ia de encontro à amada, imponderado. Precipitou uns metros, deu de cara com um sujeito pálido, esquelético, vestido num traje negro: estava perante Hades (o senhor da morte). O Deus mirou Herculano na testa:

- O que fazes por aqui? Homem da superfície.
- Vim resgatar o amor da minha vida.
- Então, por amor, vens às trevas, ao reino obscuro da morte?
- A vida, sem amor, reflete a morte...
- Outros vieram e sucumbiram...
- O amor vencerá a morte!
- Os desafios serão árduos!



— Apresente as dificuldades, pois as vencerei!

Neste momento, atrás do trono da divindade, surge Megana, orgulhosa da coragem de Herculano. Beija-o, abraça, ratifica as juras de amor... Até a mulher de Hades ficou comovida, com o amor de Herculano e Megana.

Hades pronuncia o veredicto: caberia ao herói viver junto à musa, em solo terreno, comer, beber, pagar aluguel, manter os impostos em dia; apenas com um salário mínimo. Ou estaria fadado a viver com Megana, mediante a eternidade, no percurso entre a vida e a morte...

Ciente da impossibilidade, da primeira proposta, confabulou junto à companheira, optaram pela segunda opção. O Deus da morte, dono do inferno, evaporou, num esguicho de fumaça marrom... Em instantes, o casal retornava à estrada, no sentido de subida... Léguas depois, os amantes saciaram a sede, no riacho subterrâneo.

A água corrente refrescava os corpos, nadaram, brincaram, observaram o local, concluíram por fixar moradia ali. No meio da trajetória...

Fez um tempo, depararam com outros habitantes, sobreviventes da viagem ao centro da Terra, promovida por Júlio Verne. Fizeram amizade, fundaram uma sociedade libertária; destituída de impostos, com comida mais bebida grátis, oriundas da cultura de subsistência.

O povo da superfície procura, ainda hoje, os buscadores do amor eterno que venceram a morte...



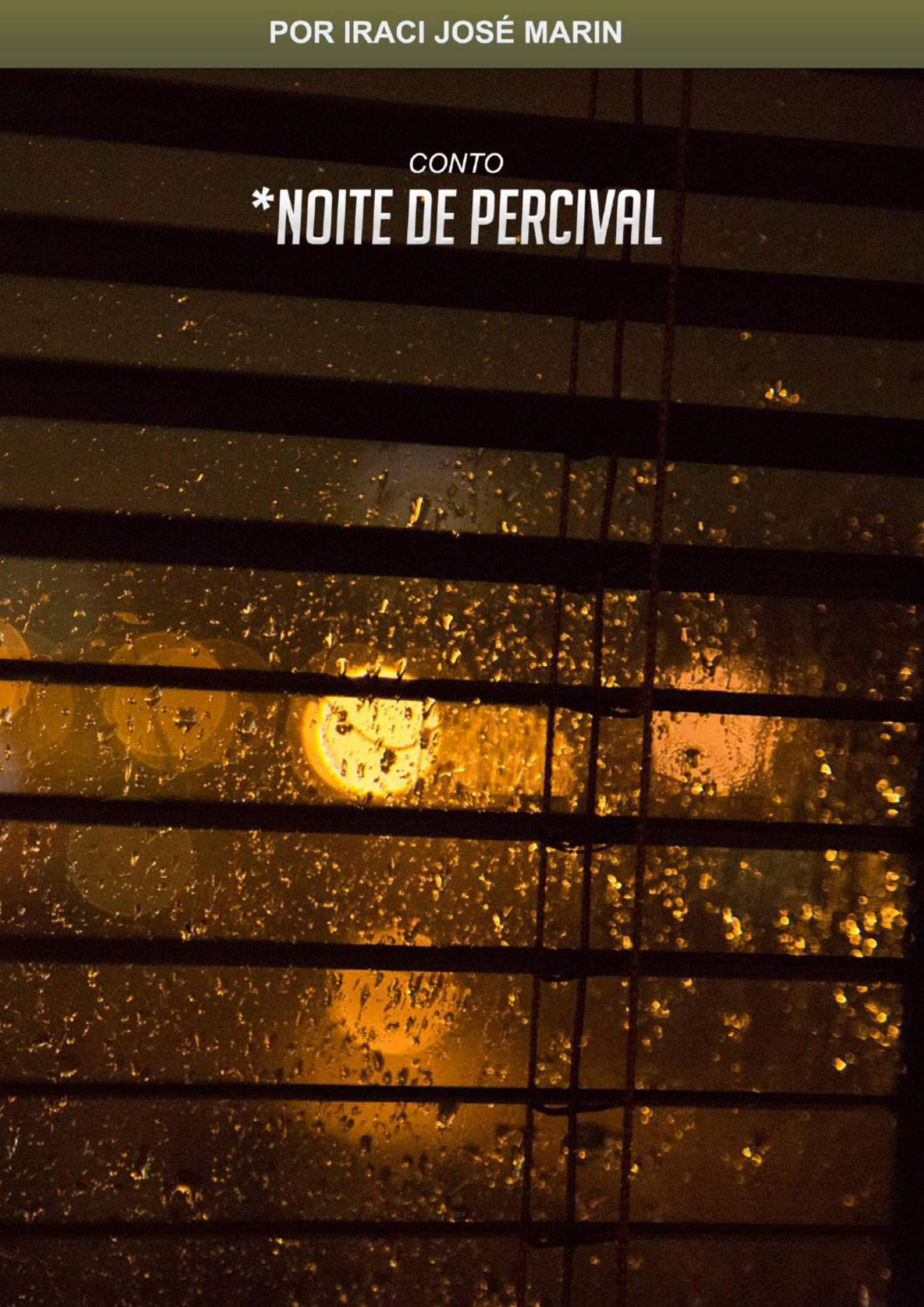
**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



POR IRACI JOSÉ MARIN

CONTO

**\*NOITE DE PERCIVAL**





**Conto**

**N**uma escura noite de chuva, Percival se sentiu deitado em cama estranha. Não era a sua cama de lastro de borracha. Não era seu colchão de palha de milho. Não era seu quarto de paredes caiadas com manchas de marrom esmaecido. Não respirava o ar gostoso da velha casa da família, construída perto do rio.

Estava num lugar distante e triste, em que não havia canto de pássaros e onde as uvas das parreiras eram proibidas e nenhuma fruta se despencava dos galhos. O ar estava espesso e duro de respirar.

A brisa era sonolenta e ele, num instante, sentiu as mãos amarradas às costas. À sua frente, apareceram enormes homens e feias mulheres, e todos olhavam para ele com olhos de outro mundo. Encheu-se de medo como a várzea do rio se enche de água, nas enchentes.

Tentou voltar-se e correr. Viu um campo aberto e fugir por ali poderia ser a salvação. Mas as pernas não se moviam e ele não saía do lugar. Os homens e as mulheres estavam com suas mãos enormes pegando seu pescoço, e riam alto. Aquele riso chegava nele como um vento. E era um vento forte, que carregava coisas soltas, folhas secas, chapéus, poeira, mas ele não saía do lugar.

Logo o vento amainou, não havia mais homens maus nem mulheres feias, e sobreveio a mesma brisa sonolenta que mal mexia com a água do açude. Então ele fez um barco de papel como a mãe lhe ensinara. Soltou-o com cuidado na água. Soprou com força e o barco avançou aos solavancos, mal conseguindo vencer as pequenas ondas nascidas do seu sopro. Sentiu-se bem viajando sobre as águas calmas do açude. De repente, estava numa canoa e o açude ficou enorme. Divisou, ao longe, praias de areia fina e branca a iluminar, com o reflexo do sol, a vegetação costeira. “Vou até lá”, decidiu.

No entanto, a chuva com vento levou-o do barco e ele caiu num lugar nebuloso. Era um vale e escureceu. Ele ultrapassou a noite sem senti-la. O dia apareceu com uma claridade fosca, saindo das montanhas. Nesta passagem, um misto de consciência abriu espaço em sua mente e ele queria estar na cozinha da mãe, onde o fogo no fogão fazia vibrar a lenha no seu peito. Nesta hora, sentiu até uma leveza perpassar o corpo, mas não estava na cozinha da mãe. O vale era um lugar estranho, e ele estava sem forças ou poder para ser o autor do seu fazer.

Uma nuvem de chuva começou a se desmanchar sobre as pedras e encharcou sua roupa. Lembrou-se vagamente de um caminho que percorreu no passado, já apagado pelo tempo, pela chuva, pelo vento. Caminho antigo que levava ao rio. Sentiu as águas claras bater levemente na canoa e respingar em seu rosto. Chegou ao meio do rio e a canoa foi diminuindo a velocidade, diminuindo, e aportou numa grande pedra. Ali ficou, com águas por todos os lados, a perder de vista. Parecia um mar de água doce, mas não lhe agradava estar ali.

As imagens do rio se anuviaram e ele, de repente, se sentiu transladado para outros lugares.

O sol apareceu e iluminou o dia como se o dia fosse a sua vida e ele se sentisse envolvido longa, longamente, num vasto sonho, contente como se estivesse



caminhando pelos campos de Boaz, onde o trigo amadurecido despertava-lhe um sentimento de amor eterno, de ternura infinita, de coisas tão extraordinárias que não pertenciam a este mundo, mas que ele absorvia intensamente.

Um barulho forte ecoou na sua cabeça e ele despreendeu-se da noite. Ouvia sua mãe intimando-o a levantar-se porque o café estava na mesa.

*Conto publicado no 30º Caderno de Literatura - AJURIS (dezembro de 2021).*



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e publica regularmente seus contos em diversas revistas. Também publicou artigos e livros de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou recentemente o livro HISTÓRIAS DE ONTEM, para o mundo infantil e juvenil.  
E-mail: [advmarin@gmail.com](mailto:advmarin@gmail.com)

POR MÍRIAM SANTIAGO

CONTO  
**A PRÓXIMA MISSÃO**





**Conto**

*O tempo é questão de ótica, de visão  
Pode ser deste mundo e de vários,  
O importante é cumprir nossa missão!*

O barulho captado por meus ouvidos ficava mais alto a cada minuto já que vinha em minha direção, escutava nitidamente o despedaçar de galhos e folhas sendo jogados ao chão pela brutalidade de quem comandava a frente da cavalaria. Galopavam com pressa, sem dó nem piedade os pobres animais; podia escutar os estalares de chicotes que açoitavam para que corresse mais e mais.

Me dei conta que estava no meio do caminho e precisava me esconder. Olhei ao redor e não tinha grandes escolhas, corri então para debaixo de uma ponte de madeira mesmo sabendo que passariam por ali, mas foi a única opção segura para que não me vissem, e se aproximavam mais e mais... o chão parecia até tremer! Fiquei em dúvida se a ponte aguentaria, mas me segurei e acompanhei cada cavalo que atravessava, e as sacodidas dos animais jogavam terra em meu rosto, cabelo e corpo; suja de cima a baixo ao passar o último cavaleiro.

O medo aguçou ainda mais minha curiosidade e pude ver a bandeira da inquisição que tremulava ao vento mostrando poder! Sim, era Matias à frente que conduzia o grupo para mais alguma de suas façanhas. Outra pobre vítima o aguardava silenciosamente até o julgamento final. A fama de Matias “O Maligno” percorria vales e cidades e ao bater ao chão sua lança era a resposta negativa a quem sentenciado. E por tudo isso foi considerado o ser mais temido do “universo!”

Tomei coragem e corri pela estrada para tentar chegar a tempo antes da sentença, pois lá no fundo de meu ser eu sabia que haveria costumeira matança, e quem seria a pobre vítima?

Rota, com fome e sede cheguei ao pequeno vilarejo me esgueirando na escuridão entre trapos: um cobertor velho, botinas e duas peças de roupas tudo embrulhado de forma que não me atrapalhasse caminhar.

E o silêncio do caminho foi ficando para trás. Tochas anunciavam que eu me aproximava do vilarejo e meu ouvido aguçado ecoava lá no fundo a voz de Matias, que falava e berrava palavras apontando para uma moça franzina e de baixa estatura, amarrada. Seus olhos arregalados de medo diziam mais que muitas palavras.

— Tragam-na mais perto de mim — disse Matias a seus homens, que aproximaram a moça do inquisidor.

— Você, venha cá, isso, ajoelhe-se e ao sinal os homens trouxeram um crucifixo, ela deveria beijá-lo, e assim o fez, segurou o objeto santo com suas próprias mãos e o beijou.

Todos que gritavam e apontavam para a garota estavam agora calados, assim como Matias, que olhava boquiaberto para a cena, porque aquela seria mais uma bruxa da redondeza, as outras todas dizimadas. Mas se contrapondo às expectativas do inquisidor, a moça mostrou ser uma devota, uma pobre alma do bem.



— Senhor Matias, disse o monsenhor, ela não está possuída, acho que o senhor se enganou.

— Pode ser, disse ele, e fez um sinal para que a soltassem.

A moça então num piscar de olhos deixou o local, não era mais o centro das atenções, estava livre.

— Tem mais alguém que o senhor alega ser uma bruxa? — Pergunta Matias.

— Não senhor, respondeu o pároco, eu não compreendo, tudo indicava, as poções, encantamentos. Mas acho que me enganei, perdoe-me por tê-lo feito vir em vão,

— Amanhã bem cedo meus homens e eu partiremos, temos outra missão na próxima vila, visitaremos a cidade para averiguar novo chamado, pois coisas estranhas e sumiços de crianças vêm desta direção, contudo estamos famintos e cansados, disse Matias.

Cada morador foi se retirando para suas casas e em poucos minutos o pátio da inquisição não tinha mais ninguém, a cruz de madeira a que a moça seria presa e morreria incendiada permanecia lá, à espera de mais uma vítima.

Meu coração se aquietou, e procurei um abrigo porque a noite estava fria demais e não conseguiria prosseguir. Adentrei um pequeno celeiro, me escondendo no aconchegante feno para me esquentar e ao arrumar o monte, um rastro de sangue coloriu o feno me levando até alguém. Fui me aproximando devagar, era a moça que outrora saiu ilesa e agora estava escondida ali, sentada encostada, com sangue por toda a boca... agonizando.

Ela tentou me falar alguma coisa, balançou a cabeça como se estivesse negando, mas cheguei tarde demais, pois não resistiu.

Não podia deixá-la ali daquele jeito, então cavei um buraco e joguei o corpo dentro, disfarçando com o feno em cima, e como já amanhecia, esconder o corpo me levou a noite toda, descansei por pouco tempo até seguir em frente. E meu pensamento latente dizia que havia algo errado, ela morreu porque beijou a cruz. E como saber se de fato a moça era uma bruxa ou não?

Foi então que segui caminho pela estrada até o vilarejo vizinho, onde supostamente haveria outra bruxa a ser interrogada pela inquisição. E mesmo a pé consegui chegar antes do julgamento, apesar de exausta e sem comer, estava determinada a desmascarar Matias.

E novamente trouxeram uma jovem e a colocaram junto a cruz grande de madeira, local de sacrifício, mas caso beijasse a cruz e não acontecesse nada, seria solta. E como no episódio de outrora, ela veio caminhando devagar trazida entre dois homens de Matias.

E depois dele falar seu discurso da inquisição, fez um sinal e um dos seus homens trouxe a cruz envolta em um pano branco, sagrado segundo Matias.

— Aproximem a acusada. Olhe para a cruz, você é uma bruxa? Todas negam, dizem que não, mas descobri esse método infalível, pois o mal jamais sobrevive ao beijar um símbolo sagrado do Senhor, então venha cá, tragam-na, ajoelhe-se e beije a cruz.

— Esperem, gritei eu e todos se voltaram para mim, que me aproximei da moça impedindo que ela beijasse o objeto. Essa cruz está envenenada, gritei.

— O quê? Quem é você e o que pensa estar fazendo? Pergunta Matias. Segurem essa impostora.

— Não toquem em mim! Senhor Matias, o todo poderoso que condena e dá ordens, se o que digo é uma mentira ou loucura, beije você o crucifixo e prove que não está envenenado.

E minha fala fez um reboiço tornando o ritual da santidade um alvoroço!

— Cale-se jovem, você profana e duvida da ordem, será presa e julgada, grita o pároco.

— Espere, diz Matias, vou provar que a cruz tem poder. Me dê aqui, vou beijar o símbolo de nossa Santidade, grita Matias. Ele o retira das mãos de um de seus homens e beija a cruz.

Para a minha surpresa, nada acontece com Matias.

— Como pode ver, diz ele, a cruz não está envenenada. Venha cá e beije você o símbolo.

Sem que eu percebesse, seus homens já haviam me cercado e me seguravam com força. Me ajoelhei e Matias veio com a cruz.

— Beije, não vire o rosto, beije, gritava.

E os homens puseram a cruz em meu rosto e enfiaram-na em minha boca.

— Viu como não me atingiu? Gritei e assim que proferi as palavras, comecei a sentir falta de ar, que foi ficando pior, ao forçar a respiração e tossir, golfei sangue, me afastando dos homens e cambaleando fui perdendo as forças até cair ao chão.

— Arrependa-se de seus males, profana, ser imundo, gritava Matias. Você é uma bruxa, admita ou pague no inferno.

E aos últimos segundos, senti que não tinha muito tempo, levantei a mão em sinal de arrependimento. Matias veio até mim e falou algumas palavras, meu estado não me deixou entender o que falava e a visão começou a falhar também, vendo agora vultos que foram sumindo até desaparecer.

Havia chegado ao fim. Finalmente não sentia mais meu corpo e minhas pálpebras foram se fechando até não se abrirem mais.

...

Acordei como que de um pesadelo, subitamente, me sentindo mal.

— Calma, vai levantando bem devagar, respire!

— Quem é você? Perguntei ao ver o homem vestido de branco. Isto aqui é o céu?

— Não, você está se preparando, receberá uma próxima missão, disse ele. Levante-se, que em breve você conhecerá seu novo lar.

Assim que ele terminou de falar, pisquei e fui parar na calçada de uma movimentada rua, as pessoas andavam apressadas. Olhei para os lados e não avistei nenhum lugar onde pudesse comer, estava faminta!

— Você sabe onde posso encontrar um restaurante, padaria, lanchonete? Estou com muita fome. O homem a quem questionei não falou nada, apenas puxou minha mão e colocou um saquinho, ao abrir, cápsulas coloridas.

— Se está com fome leia a instrução, eis sua comida, disse ele, me deixando falando sozinha, ele seguiu seu rumo.

E o mundo estava diferente, não existiam mais lugares gostosos e alimentação succulenta. As pessoas não tinham mais tempo para conversar, rir e se divertir, sentia que estava num futuro, com certeza um tempo diferente, mais restrito e robotizado.

Então entendi que o tempo espaço não interessa, não importa se é passado ou futuro, a sua vida é você quem faz, o certo ou errado tem consequências, seu peso na balança do universo, quem pode prever quando será a nossa próxima missão?



**Míriam Santiago:** jornalista — atua em Assessoria de Comunicação — e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:

<http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [mirianssantos@gmail.com](mailto:mirianssantos@gmail.com)



POR ROBERTO SCHIMA

CONTO  
**A DERRADEIRA APARIÇÃO DO  
HOMEM DO SACO**



**Conto**

*O homem de trinta e seis anos aguardava enquanto observava o pedreiro concluir o seu trabalho. Até então, mal passara de um túmulo de indigente no chão de terra vermelha, tendo por lápide um pedaço de tábuia apodrecida.*

*A sepultura foi coberta por uma estrutura de cimento na qual foi encimada uma cruz. Aos pés desta, uma placa de metal dizia:*

**Geraldo Lúcio de Cruz e Souza**  
**Lutou contra o nazifascismo.**

**Descanse em paz.**

**\* 12/03/1924**

**+ 03/12/1993**

— Pronto, senhor — falou o pedreiro, exausto.

O outro revirou o bolso do casaco e retirou o dinheiro atado por um elástico.

— Aqui está. Obrigado, Seu Arlindo. Fez um ótimo trabalho.

O pedreiro fez menção de limpar as mãos nas roupas imundas e balançou a cabeça diante da inutilidade do ato. Apanhou o maço de notas e apoiou-se no cabo da pá.

— Eu que agradeço, Dr. Moraes. A pintura eu faço semana que vem, conforme o combinado.

— Tudo bem. Nenhum de nós dois tem pressa...

— Então, esse aqui foi um herói de guerra?

As feições do advogado eram melancólicas. Respondeu de modo lacônico:

— Eu diria que foi mais uma vítima...

\*\*\*

**S**ábado.

Segundo semestre de 1992.

Era uma bela, quente e tranquila tarde no vilarejo.

Muitas pessoas mantinham seus olhos pregados nos aparelhos de televisão, acompanhando as disputas esportivas dos Jogos da XXV Olimpíadas, em Barcelona.

As mulheres recolhiam as roupas que, no varal, cheiravam gostosamente a raios de sol.

— Você viu a abertura dos jogos, Kátia? — indagou uma delas à vizinha.

Kátia, uma jovem de vinte e sete anos, desviou os olhos do filho que brincava na rua.

— Vi sim, Ana. Uma maravilha.

— Pena que o Fred Mercury morreu no ano passado, teria ficado lindo o dueto dele com a Montserrat Caballé...

— Como naquele vídeo onde cantam *How Can I Go On...*

— Está por dentro, Kátia!

— Sou fã de carteirinha — justificou, retirando uma blusa do varal.

A rua onde moravam era de chão batido, curta, abaulada e poeirenta. Iniciava na avenida e terminava em uma pequena praça.

Os filhos de Kátia e Ana brincavam de bolinha de gude com outras crianças. Havia várias delas na rua. Todas aproveitavam a tarde para, a seu modo, fazerem suas próprias Olimpíadas: pega-pega, mana-mula, pião, esconde-esconde, amarelinha. Para elas, tudo era festa. E bem queriam que durasse para sempre. Risadas e gritarias corriam soltas.

As moradias eram humildes, de tijolos aparentes e cercados de ripa ou bambu. A maioria possuía algum tipo de jardim onde cultivava plantas medicinais, flores, arbustos ou alguma árvore frutífera. Uma ou outra casa, de família mais afortunada tinha paredes rebocadas e muro de alvenaria. Todos conheciam todos. Em geral, cada dia era igual ao anterior...

... Mas não dessa vez.

\*\*\*

De repente, Kátia viu, ou melhor, sentiu, pois o olfato foi o primeiro sentido a ser atingido quando uma rajada de vento sacudiu as roupas remanescentes numa afronta à fragrância de sol. Fez uma careta.

— Credo! Que cheiro é esse?

Ana, a vizinha olhou sobre os ombros e seu sangue gelou.

— Veja! — exclamou baixinho, apontando.

Outras mulheres também viraram seus rostos e um burburinho tomou conta delas.

As crianças, por seu turno, prosseguiram em suas brincadeiras e algazarras, indiferentes a tudo o mais no mundo. Afinal de contas — e contrariando o lema olímpico —, o que seria mais importante do que ganhar a partida?

A figura solitária emergiu no começo da rua como uma aparição de mau agouro. Seu andar era trôpego e lento, ombros curvados como se o fardo que transportava fosse muito mais pesado do que o saco de estopa que levava às costas. Era um velho maltrapilho, cabelos e barba compridos, desgrenhados, grisalhos. Seu semblante enrugado era distante, embora mal fosse visível sob a cabeleira e por caminhar cabisbaixo. O corpo muito magro vestia o que restava de um terno preto e imundo, remendado aqui, esburacado ali, desfiado acolá.

Uma das vizinhas falou um pouco mais alto do que pretendia, visivelmente assustada:

— É o Homem do Saco!

Isso despertou ecos do passado e soou como um sinal para que todas, imediatamente, chamassem seus filhos de volta para casa. Todas cresceram naquele vilarejo e, desde crianças, ouviram as histórias sobre essa horripilante personagem, principalmente através dos lábios de D. Toscana, falecida avó de Katia, que costumava reuni-las em tardes chuvosas regadas a chá e biscoitos.

— O Homem do Saco é uma criatura medonha! Por fora, até parece gente, mas é um monstro terrível — falava, arregalando os olhos e escancarando a boca desdentada. — Ergue as crianças desobedientes pelos cabelos, enfia dentro do saco e leva embora pra sempre. Em seu barraco ou caverna, usando uma faca enferrujada, ele corta a barriga da



criança assim... ZAP!, enfia a mão no buraco e tira o fígado pingando sangue pra comer depois. Por isso, também é chamado de Papa-Figo. Com a gordura, faz sabão. Do resto, pode ferver num ensopado ou jogar fora. Por isso, crianças, nunca falem com estranhos... NUNCA! Principalmente se estiver carregando um saco. Jamais aceitem doces e brinquedos de gente que não conhecem. E sejam sempre boazinhas para seus pais. Pois nunca se sabe quando o Homem do Saco aparecerá no meio da noite, de dentro do armário ou embaixo da cama para assombrá-los, arrancar suas tripas e cozinhar seus pedaços num caldeirão!

E esmagava um biscoito entre as mãos para maior ênfase.

— Oh! — exclamavam Kátia e suas amiguinhas, olhinhos arregalados e cheios de medo.

Não era exatamente um tradicional conto de fada infantil e, nas pequeninas e impressionáveis mentes, o efeito fora devastador. As meninas observavam num misto de terror e fascínio os farelos que escorriam entre os dedos enrugados até o piso da varanda, enquanto a chuva crepitava no telhado e os trovões rugiam furiosamente no céu tenebroso.

Agora, aquelas crianças eram adultas, mães sensatas, mulheres responsáveis, todavia, o medo incutido repetidas vezes criara raízes profundas em seus espíritos, por mais incríveis que fossem as histórias de D. Toscana. Era semelhante a alguém dizer não acreditar em fantasmas, mas, nem por isso, deixar de assobiar defronte a um cemitério à noite e acelerar seus passos. Ademais, não ficar de conversa com estranhos não deixava de ser um conselho sensato.

Kátia voltou sua atenção para o meio da rua e gritou:

— Zequinha, já pra dentro!

— Ah, mãe... — queixou-se, fazendo pontaria com sua bolinha de vidro. — Eu tô ganhando!

A mulher correu para a rua, pegou o menino pelo braço e arrastou-o para dentro de casa.

— Mas por quê? — resmungou o filho.

Já na segurança da sala, enquanto observava a rua através de uma fresta na cortina, a mãe respondeu:

— É o Homem do Saco!

Outras mães tinham igualmente levado seus filhos e filhas para dentro de casa.

Na casa mais próxima ao forasteiro, a mulher estava prestes a entrar quando ele perguntou:

— Senhora, teria um copo d'água?

— Estou sem água! — mentiu e fechou ruidosamente a porta.

A cena se repetiu mais duas vezes, todavia, a exceção do homem com o saco às costas, já não havia mais ninguém à vista. Contrafeito, prosseguiu seu caminho, andar arrastado. Os sapatos estavam gastos, sujos e esburacados. Seu corpo e andrajos exalavam um odor pungente devido aos vários dias sem banho.

Kátia sentiu um calafrio na espinha quando ele passou diante de sua casa, lançou um longo olhar e seguiu caminho. Podia ouvir a voz da avó a dizer: "... corta a barriga da criança assim... ZAP!, enfia a mão no buraco e tira o fígado pingando sangue pra comer

depois..." Ela enviuvara cedo e jamais se casara outra vez, dedicando sua vida a criar a filha única e, depois, a neta, até falecer no ano passado, alguns meses antes de Fred Mercury.

Pensou em ficar na sala junto ao marido e amigos deste, a observar as competições de atletismo na TV. Foi quando se deu conta:

— Cadê o Zequinha???

\*\*\*

O mendigo andou até a pracinha no fim da rua. Por ser descida, foi menos penoso. Lá, sentou-se em um dos bancos de cimento, revirou o interior do saco de estopa e tirou um amarfanhado embrulho de papel onde havia um pedaço de pão velho. Fazia-o mecanicamente e seu olhar perdia-se em algum ponto em meio às árvores da praça, sem vê-las de fato. Sua garganta estava seca das longas caminhadas sob o Sol. O pedaço de miolo entalou. Tossiu. Tirou os olhos das árvores e observou ao redor. Não havia nenhuma torneira. Tossiu mais algumas vezes.

Foi quando surgiu um garotinho de não mais do que sete anos de idade. Trazia uma garrafa de guaraná que furtara do pai. Estendeu o braço, oferecendo a bebida àquele homem.

Sem crer no que via, o andarilho aceitou e sorveu um generoso gole.

— Ufa! — exclamou, aliviado pelo pão ter descido. — Meu salvador!

O menino entregou, ainda, um sanduiche de presunto e queijo.

— Obrigado — agradeceu o velho. — Um verdadeiro banquete!

Comeu gulosamente, mãos trêmulas.

A criança, com a franqueza típica de todas elas, disse:

— Falam que o senhor é o Homem do Saco.

— Eu sou um homem e carrego um saco. Então, acho que sou isso mesmo.

— É verdade que o senhor pega as crianças desobedientes e leva pra comer ou fazer sabão?

— Quem te disse isso?

— Minha mãe.

— Entendo... Você tem sido desobediente?

O menino hesitou. Por fim, respondeu:

— Eu desobedeci minha mãe. Ela disse pra não sair de casa por causa do senhor.

O velho terminou de comer o sanduiche e engoliu mais um longo gole de refrigerante.

— Nossa, que delícia! Muito obrigado. Você tem nome?

— Meu nome é José.

— Prazer, José. Eu me chamo Geraldo. Bem, José, penso que dessa vez sua desobediência pode passar. Afinal, foi um gesto bastante generoso de sua parte. A bondade para com os outros não é algo ruim, não é mesmo?

— Acho que não.

— Hoje você ajuda. Amanhã, poderá precisar da ajuda de alguém.

De súbito, o estampido de um escapamento fez-se ouvir.

O velho sobressaltou-se, encolhendo-se todo, amedrontado.

José ficou intrigado.

— Foi só um carro.

O homem chamado Geraldo se recompôs pouco a pouco.

— As lembranças... Elas são mais fortes do que o cérebro.

O garoto não compreendeu. Seu pensamento era outro. A curiosidade foi maior do que as boas maneiras que lhe ensinaram, embora tivesse receio da resposta.

— O que o senhor leva no saco?

— São coisas que eu apanho na rua ou que me dão: lata velha, jornais, garrafa, qualquer coisa que eu possa vender no ferro-velho e ganhar uns trocados.

Mostrou.

Não eram crianças.

O menino suspirou de alívio.

— O senhor não trabalha, Seu Geraldo?

— A história de minha vida é muito comprida, José. Melhor você voltar pra casa antes que sua mãe fique preocupada.

Ato contínuo, escutaram uma voz alarmada:

— Zequinha!

\*\*\*

Kátia chegou esbaforida, quase em prantos. Agarrou o filho e repreendeu-o:

— Não falei pra ficar em casa?

Depois, lançou um olhar cheio de suspeita e temor para o velho.

Para surpresa dela, o homem maltrapilho falou brandamente:

— Não precisa ter medo... Kátia.

Ela arregalou os olhos, assustada. Esforçou-se por não fazer uma careta devido ao fedor. Sua desconfiança aumentou.

— Como sabe meu nome?

Antes de responder, o velho pegou a garrafa vazia de refrigerante e colocou-a no saco de estopa. Sons metálicos e de tilintar de vidro foram ouvidos. Então, disse numa voz rouca e pausada:

— Acalme-se, criança. Quando você era menina, brincava nessa mesma rua. E eu, já com um saco nos ombros, repetia o mesmo trajeto. Sua mãe percebia a minha aproximação e carregava você às pressas pra dentro de casa: "O Homem do Saco! É o Homem do Saco!"

Recuperando parte de seu controle, mas mantendo distância do velho, Kátia falou:

— O senhor me desculpe, mas...

— Não há o que desculpar. É compreensível. Estou habituado. De tempos em tempos eu apareço na sua rua e sou recebido da mesma forma. Ou melhor, não sou recebido — corrigiu-se amargamente. — Mas não se preocupe. Sou idoso e doente. Esta deve ser a última vez que passo por aqui... Mas vou feliz, agora eu sei que vou feliz.

O mendigo, desajeitado, levantou-se do banco de cimento.



Embora surpresa diante da eloquência do outro, Kátia recuou dois passos, trazendo seu filho consigo. Insistiu:

— Como o senhor sabe meu nome?

O velho desgrenhado fez silêncio por um momento. Caiu em si sobre o seu estado e diante de quem se encontrava. Envergonhado, desviou o rosto da jovem mãe para o chão. Recolocou o saco nos ombros e, de costas para ela, narrou a sua história.

\*\*\*

Em 1944, fiz parte da FEB e fui à Itália com mais vinte e cinco mil homens para combater os alemães. Eu tinha vinte anos. Deixei minha esposa grávida e toda a vida que conhecia.

Meu Regimento de Infantaria era o 6º Regimento de Caçapava.

Durante meses, lutamos no norte do país. Enfrentamos artilharia pesada, neve, lama, frio, medo... Um pavor sem igual. Combatemos no Rio Serchio, em Monte Castello, Castelnuovo, Montese. Durante toda a campanha, perdemos cerca de metade dos homens: mortos, mutilados, feridos.

Em dado momento, no meio desse inferno, conheci uma jovem judia, Milena. Escapara por milagre até aquele momento das deportações para os campos de concentração. Tivemos um caso. Porém, entre as batalhas, soube que ela fora capturada juntamente com outros judeus italianos... Nunca mais a vi.

Os terrores foram inúmeros.

Cheiro de carne podre.

Sangue e lama.

Granadas.

Corpos.

Um amigo praticamente explodiu ao meu lado. Como lidar com isso?

Eu não sabia mais quem era, o que fazia ali, porque tinha que matar rapazes que sequer conhecia.

Um dia, cortei a garganta de um deles numa escaramuça. Nunca esqueci seu rosto assustado nem o sangue quente em minhas mãos. Havia retratos de família dentro de seu capacete. Como lidar com isso?

Os que sobreviveram retornaram ao Brasil na metade de 1945.

Eu não era mais o garoto de vinte anos que saíra do país. Algo dentro de mim morreu e ficou enterrado na Itália, ou pior, alguma coisa daquele horror veio comigo e tomou conta de mim.

Minha esposa abraçou-me, toda feliz e cheia de saudade. Conheci a minha filha, tão linda e inocente. Mas eu não consegui responder com a mesma intensidade. Conteí tudo a ela, todo o ocorrido durante a guerra, inclusive o caso com a italiana. Após eu terminar, o sorriso dela desapareceu para sempre. Algum tempo depois, em 1946, expulsou-me de casa. Fosse por minha traição ou por não suportar aquilo que eu me tornara. Não a culpei. Sai sem questionar.

A partir de então, passei a vagar pelas ruas. Eu tinha pouco estudo. Não recebi nada do governo. Fiquei ao deus-dará. Soube que alguns de meus ex-companheiros de

farda enlouqueceram de vez ou se suicidaram. Fiquei num meio termo, creio. De um lado, queria pôr fim a tudo, mas do outro, por mais que minha esposa me detestasse e transferisse todo o seu ódio para nossa filha, eu não podia apagá-las de vez da minha vida. Era o fio que me mantinha vivo, pode-se dizer.

Para me sustentar, comecei a catar coisas que as pessoas jogavam fora. Fiquei surpreso ao descobrir como se desfaziam dos livros. Frequentei pouco a escola, mas, para mim, livros são sagrados! Li muito desde então. Os livros foram meus companheiros nos anos que se seguiram.

Um dia, passei em frente à casa em que, um dia, morara com minha família. Vi minha esposa no quintal. Sedento, pedi-lhe um copo d'água. Ao contrário de hoje, ela atendeu. Pude ver minha filha brincando de boneca. Meu coração ficou apertado. Lágrimas turvaram a minha visão. Foi o melhor e o pior momento de minha vida. Ambas olharam para mim... e não me reconheceram. Eu tornara-me uma sombra, um espectro. Agradei. Nesse instante, porém, ela fitou-me intensamente e descobriu quem eu era. Berrou para mim como se eu fosse um ladrão, uma fera, um monstro. Minha filha ficou sem entender e chorou, enquanto minha esposa esbravejava coisas horríveis. Fez de tudo para que a menina temesse a minha figura, a figura do Homem do Saco. Imagino, esse medo foi espalhado para as outras crianças na rua. Fui embora antes que acabasse linchado, mas voltava de tempos em tempos. A história do Homem do Saco se esparramou e todo mundo passou a fugir de mim...

... Até seu filho me trazer o guaraná.

\*\*\*

— Eu tive trauma do Homem do Saco desde criança — confessou Kátia. — Minha mãe passou isso pra mim. Porém, a pergunta permanece: como sabe meu nome?

O velho já estava se afastando. Parou e virou-se:

— Foi um trauma hereditário. Minha filha que brincava de boneca... Era a sua mãe. Eu a vi chamá-la pelo nome muitos anos depois, quando tornei a percorrer a rua. Certa vez, sua mãe soube quem eu era. Revoltada e sob a influência da minha esposa, nunca me reconheceu como pai e fez de tudo para que sua própria filha — você — temesse e odiasse a minha figura, a figura do Homem do Saco.

A surpresa de tal revelação chocou Kátia.

— Sempre pensei que vovó Toscana fosse viúva.

— Para ela, eu morri. É a primeira vez que vejo José, seu filho, meu bisneto. Estou feliz por isso e por ver que é um bom menino e bem-educado... Mas não deve conversar com estranhos.

Por fim, leve por dentro como havia muito não sentia, mas exausto de tanto falar, o indigente tomou seu rumo, um caminho que repetira vezes sem conta, mas do qual sabia jamais poder retornar.

A silhueta diminuiu pouco a pouco.

O menino voltou-se para a mãe e perguntou:

— Quem era ele, mamãe?

— E-e-era o seu... — gaguejou, olhos marejados. — Era o Homem do Saco.

— Não me pareceu um bicho-papão.

— Não é, filho. Nunca foi. Eu também me enganei todos esses anos. É só um homem sofrido e solitário, assombrado pelo bicho-papão dentro dele.

— Seu nome é Geraldo.

— Geraldo... — repetiu Kátia para não esquecer. — Geraldo...

Esse conhecimento fora-lhe negado durante toda a vida. Uma parte de si cogitou chamá-lo de volta, contudo, outra impediu-a de fazê-lo.

As Olimpíadas prosseguiram sem Kátia prestar atenção.

Não era na Espanha que a sua imaginação estava, e sim na Itália.

As cortinas baixaram e a escuridão chegou, pintando de estrelas o céu.

De uma fita cassete ou de um clipe na TV, o *Queen* tocava *The Show Must Go On*.

\*\*\*

— *Até semana que vem, Dr. Moraes.*

— *Até lá, Seu Arlindo.*

*O pedreiro apanhou as suas ferramentas e foi embora.*

*O jovem advogado, Dr. José Nerone de Moraes, permaneceu diante do túmulo, pensamentos em ebulição. Tivera muito trabalho para arrancar da avó, filha de D. Toscana, tudo o que ela sabia. Muito mais dificuldade teve em localizar a sepultura onde o indigente sem nome fora enterrado e investigar seu passado, encontrar documentos sobre sua identidade, o nome completo, a data de nascimento, informações sobre o alistamento e a certidão de óbito. Fez correr a papelada a fim de dar uma identidade ao falecido. Depois, comunicou tudo à família, doesse a quem doesse, e providenciou um túmulo adequado. Até uma fotografia do jovem pracinha, Geraldo Lúcio de Cruz e Souza, conseguiu localizar e emoldurou uma cópia logo acima da placa de metal.*

— *Está bem mais novo nessa foto do que eu, vovó. Sequer posso imaginar pelo que passou. — No decorrer dos anos, o advogado procurara saber tudo sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial. — A cobra fumou com honra, bravura e dignidade. O inimigo depôs as armas. Todos eles, até aqueles que o senhor combatia dentro de si, foram derrotados. Descanse em paz, realmente em paz.*

*Depositou um buquê de flores. Ao lado, junto a um monte de terra avermelhada, apanhou o pedaço de tábua que vinha sendo utilizada a título de lápide. Nela, lia-se com dificuldade:*

### Homem do Saco

\* ?

+ 03/12/1993

*Decidiu levá-la consigo. Guarda-la-ia de recordação.*

*A seguir, Dr. Moraes, bisneto do veterano de guerra Soldado Geraldo Lúcio de Cruz e Souza, deixou o cemitério. Estava certo de haver concluído a sua própria missão, iniciada naquela tarde quente e longínqua, quando um refrigerante fora dado por uma criança a um homem desconhecido.*

*Finalmente, para todo mundo, a guerra havia terminado.*

\*\*\*



**NOTA DO AUTOR:**

O presente conto foi originalmente publicado na antologia "Lendas Urbanas", Projeto Apparere, em meados de 2021 (<http://www.apparere.com.br/venda-coletanea-lendas.php>). Todavia, como tem sido frequente em casos assim, em razão da limitação de número de páginas/caracteres imposta pelo edital do livro, precisei realizar cortes substanciais na história original. Agora, na "Conexão Literatura", tenho a oportunidade de publicá-la na íntegra, exemplo que espero seguir em relação aos demais textos.

**Roberto Schima:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de cento e vinte antologias. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

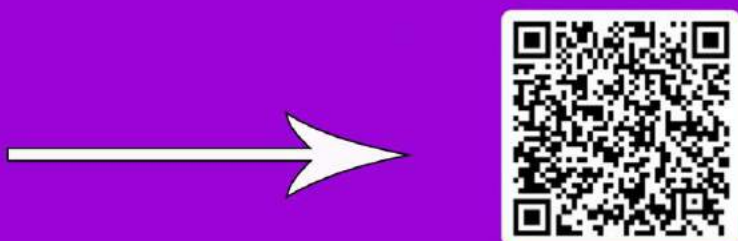
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA  
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:  
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO  
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**



**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE  
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.03.2022

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura